UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

O POTENCIAL FORMATIVO DA LITERATURA DE PAULO LEMINSKI: CONTRADIÇÕES DA RACIONALIDADE ADMINISTRADA

REJANE ALVES PEREIRA

GOIÂNIA/GO

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

[x] Dissertação [ ] Tese [ ] Outro*:_____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

REJANE ALVES PEREIRA

3. Título do trabalho

O potencial formativo da literatura de Paulo Leminski: contradições da racionalidade administrada

4. Informações de acesso preen-ao documento (este campo deve ser chido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento [x] SIM [ ] NÃO[1]

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:
a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);
b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação como capítulo de livro; - Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.

Documento assinado eletronicamente por **REJANE ALVES PEREIRA**, **Discente**, em 11/09/2023, às 14:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Silvia Rosa Da Silva Zanolla**, **Professora do Magistério Superior**, em 24/09/2023, às 13:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4024061** e o código CRC **7B2B28BB**.

REJANE ALVES PEREIRA

O POTENCIAL FORMATIVO DA LITERATURA DE PAULO LEMINSKI: CONTRADIÇÕES DA RACIONALIDADE ADMINISTRADA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.
Área de concentração: Educação.

Linha de pesquisa: Cultura e Processos Educacionais.

Orientadora: Prof. Dra. Silvia Rosa da Silva Zanolla

GOIÂNIA/GO

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do

Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Pereira, Rejane Alves

O potencial formativo da literatura de Paulo Leminski [manuscrito] Contradições da Racionalidade Administrada / Rejane Alves Pereira. - 2023.

CVIII, 108 f.

Orientador: Profa. Dra. Silvia Rosa da Silva Zanolla.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação (FE), Programa de Pós-Graduação em Educação, Goiânia, 2023.
Bibliografia.

1. Cultura. 2. Literatura. 3. Formação Humana. 4. Educação. 5. Paulo Leminski. I. Zanolla, Silvia Rosa da Silva, orient. II. Título.

CDU 37

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº **34** da sessão de Defesa de Dissertação de **REJANE ALVES PEREIRA**, que confere o título de **Mestra em Educação** pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás-PPGE/FE/UFG, na *área de concentração em* ***Educação.***

Aos **trinta e um dias do mês de julho de dois mil e vinte e três (31/07/2023)**, a partir das **16h**, nas dependências da Faculdade de Educação da UFG**,** realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada **"O potencial formativo da literatura de Paulo Leminski: contradições da racionalidade administrada"**. Os trabalhos foram instalados pela Orientadora Prof.ª Dr.ª **Silvia Rosa da Silva Zanolla (PPGE/FE/UFG)**, doutora em **Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano** pela **USP,** com a participação dos demais integrantes da Banca Examinadora: Prof.ª Dr.ª **Márcia Ferreira Torres Pereira (PPGE/FE/UFG)**, doutora em **Educação** pela **UFG -** integrante titular interna; Prof.ª Dr.ª **Cristiane Souza Borzuk (UFJ)**, doutora em **Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano** pela **USP -** integrante titular externa e ainda, Dr. W**ilson Aves de Paiva,** doutor em **Filosofia da Educação pela USP** - integrante suplente interno. Durante a arguição os integrantes da banca **não fizeram** sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido a candidata **aprovada** pelos seus integrantes. Proclamados os resultados pela Prof.ª Dr.ª Silvia Rosa da Silva Zanolla, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Integrantes da Banca Examinadora, aos trinta e um dias do mês de julho de dois mil e vinte e três.

Banca Examinadora:

Profª. Drª. Silvia Rosa da Silva Zanolla

Profª. Drª. Márcia Ferreira Torres Pereira

Prof.ª Dr.ª Cristiane Souza Borzuk

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA

Documento assinado eletronicamente por **Sílvia Rosa Da Silva Zanolla**, **Professora do Magistério Superior**, em 01/08/2023, às 09:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Daniela Da Costa Bri o Pereira Lima**, **Coordenadora de Pós-Graduação**, em 06/09/2023, às 09:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Marcia Ferreira Torres Pereira**, **Professor Ensino Básico, Técnico e Tecnológico**, em 11/09/2023, às 11:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

A autencidade deste documento pode ser conferida no site h ps://sei.ufg.br/sei/controlador_externo. php?acao=documento_conferir&id_or gao_acesso_externo= 0, informando o código verificador **3925389** e o código CRC **22054CC4**.

Referência: Processo nº 23070.041963/2023-30 SEI nº 3925389

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha família. A todos que não entenderam como cheguei até aqui, e aos que acreditaram sempre, que eu poderia ir além.

AGRADECIMENTOS

A Deus, presença e força que me alicerça e acalma nos momentos de angústia e de incertezas. Tua presença me inspirou, dando-me a inteligência que possibilitou este momento.

À Capes, pelo apoio financeiro por meio da concessão de bolsa de estudos que possibilitaram a realização desse sonho.

À minha família que sempre me animava e encorajava a nunca desistir, e especialmente a minha mãe que nunca perdeu a fé na única pessoa da família a chegar a um grau tão elevado de formação e educação, sem nunca me render às intempéries e dificuldades do longo deste caminho, que é sem volta, e ainda pode futuramente nos desafiar novamente a não desistir, resistir e prosseguir.

À minha orientadora Prof.ª Dr.ª Silvia Rosa da Silva Zanolla, que me incentivou a ousar e entrar nessa jornada como pesquisadora, a dar forma e sentido, a lapidar e trazer à luz palavras, ideias e pensamentos que deram sentido a este trabalho. Que com rigor, com firmeza entremeios a momentos de ternura, me guiou durante o processo de escrita, não me deixando esmorecer e depositando essa iniciante nos caminhos da Teoria Crítica Frankfurtiana, proporcionando a mim a confiança necessária para resistir diante das adversidades em um dos períodos mais escuros da nossa recente história, a Pandemia da COVIDE-19.

À coordenação, e aos funcionários e professores do Programa de Pós-Graduação em Educação/PPGE. Às professoras e professores da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, que generosamente compartilharam seus conhecimentos, experiências e saberes, especialmente a Prof.ª Dr.ª Valdeniza Barros que um dia me aconselhou a simplesmente ler e compreender para além da lógica e da racionalidade, a beleza e a profundidade da poesia de Paulo Leminski.

Agradeço a Profa.ª Dra.ª Keila Matida, que me apoiou e incentivou durante meus dois anos de monitoria, tornando possível o sonho de ser um dia uma pesquisadora tão rigorosa, dedicada e generosa quanto ela. Que logo nos primeiros passos da trajetória rumo à

construção de um currículo dedicado à pesquisa em educação, me inspirou e colaborou significativamente com minhas escolhas e estudos. Seu carinho e seus sábios conselhos me deram coragem e força para dar os primeiros passos, não desistir e chegar até aqui.

Às professoras da banca de qualificação e defesa, Prof.ª Dr.ª Cleudes Maria Tavares PUCGO, Prof.ª Dr.ª Cristiane Souza Borzuk – Universidade Federal de Jataí (UFJ) e Prof.ª Dr.ª Márcia Ferreira Torres Pereira – Universidade Federal de Goiás (UFG), pela leitura e contribuições fundamentais ao trabalho.

Aos professores e colegas do Núcleo de Estudos em Educação, Violência, Infância, Diversidade e Arte (NEVIDA/FE/UFG) e do Grupo de Estudos em Teoria Crítica, com quem compartilhei momentos riquíssimos de crescimento e troca de saberes, amizade e carinho que jamais esquecerei.

Aos meus amigos Mariana Amâncio, Maura Magna, Mábia Aires e Wesley Brito, por estarem presentes nos melhores momentos e também nos mais difíceis desse capítulo da minha vida. Amizades que chegaram ao momento certo em minha vida, e fazem parte dessa minha trajetória, inclusive de formação. Amizades que são meus exemplos de vida, que me encorajam e estimulam a perseguir o sonho de um dia me tornar, enfim, uma professora universitária. Vocês são pessoas incríveis e as levarei “do lado esquerdo do peito” para toda vida.

“Sempre acreditei que qualquer pessoa pode ser um artista em seu ofício, talvez porque a natureza da arte venha menos do ´o que´ se faz e mais do ´como´ se faz algo. A lavadeira ensaboando as roupas no tanque, o guarda de trânsito acenando para os carros, a secretária batucando no teclado do computador — todos podem exercer suas atividades com a mesma intensidade que caracteriza o que chamamos de arte, apenas pela maneira de se entregarem a elas."

Arnaldo Antunes

RESUMO

Essa pesquisa tem por objetivo analisar de que forma aspectos da literatura de Paulo Leminski se revelam como potencial formativo frente à racionalidade administrada, que a tudo e a todos, transforma em mercadoria. A investigação pretende apresentar as contradições de uma formação fundada na racionalidade administrada, porém, quando mediada pela literatura (arte e cultura) têm potencial para abrir brechas e apontar caminhos para promoção de uma atitude crítica (dialética) com vistas à adesão de um movimento de resistência contextualizado como nos *Ensaios e anseios crípticos* (2012), *Toda Poesia* (2012) e *A hora da lâmina: últimos textos ninja de Paulo Leminski* (2017). A obra de Leminski permite vislumbrar uma discussão sobre in-distinção entre ciência, arte e cultura como alicerces para formação de novas subjetividades, entendidas como livres e comprometidas com a árdua e infinita tarefa de promover vivências singulares. Assim, sabendo ser a educação um trabalho árduo, que nos requer coragem, pretendemos superar cotidianamente novos desafios, que nos fortaleçam e possibilitem a defesa da cultura, da formação racional e de fato humana, pautada na ciência e na consciência crítica, que indiquem caminhos possíveis para uma luta permanente contra a barbárie e em defesa dos direitos fundamentais da humanidade.

Palavras chave: Cultura. Literatura. Formação Humana. Educação. Paulo Leminski.

ABSTRACT

This research aims to analyze how aspects of Paulo Leminski's literature reveal themselves as a formative potential against the administered rationality that transforms, everything and everyone, into merchandise. The research intends to present the contradictions of an education founded on administered rationality, however, when mediated by literature (art and culture), they have the potential to open gaps and point paths for the promotion of a critical (dialectical) attitude, with a view to the adherence of a contextualized resistance movement as in *Ensaios e anseios crípticos* (2012), *Toda Poesia* (2012), and *A hora da lâmina: últimos textos ninja de Paulo Leminski* (2017). Leminski's work allows us to glimpse a discussion about the non-distinction between science, art, and culture as the foundation for the formation of new subjectivities, understood as free and committed to the arduous and infinite task of promoting unique experiences. Thus, knowing that education is hard work that requires courage, we intend to overcome new challenges every day, challenges that strengthen us and enable the defense of culture, of rational and truly human education, based on science and on critical consciousness, that indicate possible paths for a permanent fight against barbarism and in defense of the fundamental rights of humanity.

Key words: Culture. Literature. Human Formation. Education. Paulo Leminski.

SUMÁRIO

RESUMO 09

ABSTRACT.....10

INTRODUÇÃO.....15

CAPÍTULO 1. ARTE E RESISTÊNCIA: VIDA E OBRA DE PAULO LEMINSKI.....19

1.1 O Múltiplo Paulo Leminski 46

CAPÍTULO 2. LITERATURA E INDÚSTRIA CULTURAL: AS CONTRADIÇÕES DA RACIONALIDADE ADMINISTRADA.....*51*

2.1 Literatura, memória e resistência.....52

2.2 A (de)formação da sociedade urbano industrial.....60

CAPÍTULO 3. A LITERATURA DE PAULO LEMINSKI E SEU POTENCIAL FORMATIVO.....69

3.1 Contradições (re)veladas nos apelos da indústria cultural 71

CAPÍTULO 4. A RELAÇÃO FORMAÇÃO E SEMIFORMAÇÃO, EXPERIÊNCIA E MEMÓRIA PARA ALÉM DO PODER DA TÉCNICA NA OBRA DE PAULO LEMISKI 77

4.1 Conhecimento é Linguagem e Forma é Poder 81

4.2 A relação formação e semiformação, experiência e memória 92

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....100

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....105

INTRODUÇÃO

Múltiplo é o nome da exposição que há 10 anos se dedica a levar para o Brasil e para o mundo o trabalho literário que compõe o acervo de Paulo Leminski, autor que experimentou diversas linguagens artísticas com uma rica obra poética, de prosa experimental, tradução, ensaios e composições musicais. Leminski foi ousado e inovador em um dos períodos mais efervescentes e criativos da cultura brasileira.

Assim como Adorno, o poeta não separava as categorias trabalho e arte, pois elas são originárias de uma única categoria: a criação humana. Adorno (2011, p. 15) afirma que "as obras importantes fazem surgir constantemente novos estratos, envelhecem, resfriam, morrem. Afirmar enquanto artefatos, produtos humanos, elas não vivem diretamente como homens, é uma tautologia". Portanto, as obras de arte são matérias vivas e recusam-se à estática sujeição e ao status dos objetos naturais, impostos pelos sujeitos que as produzem e reproduzem.

Desse modo, para Adorno (2011) e Leminski (2017), críticos agudíssimos das contradições do capitalismo, as criações artísticas, o trabalho significativo e fundamentalmente a arte, só têm razão de ser, enquanto negações do mundo reificado. Sendo assim, compreender como aspectos da literatura de Leminski se revelam como potencial formativo frente às contradições da racionalidade administrada que prioriza a razão instrumental e naturaliza a ideia de progresso social e aumento da produtividade econômica "que por um lado produz as condições para um mundo mais justo, confere por outro lado ao aparelho técnico e aos grupos sociais que o controlam uma superioridade imensa sobre o resto da população" (ADORNO; HORKHEIMER, 1985 p. 14), mas, no entanto, prova-se desumano e a tudo e a todos, transforma em mercadoria.

Dessa forma Leminski (2017), posiciona-se vigorosamente contra o modo de produção capitalista, visto que sua poesia, traduções, biografias, textos jornalísticos, e principalmente seus ensaios tecem críticas contundentes a esse sistema, que nos impõe um fragmentado modo de viver:

> Foi através da divisão do trabalho que o homem multiplicou seus poderes sobre a natureza numa velocidade fantástica: há apenas 30 mil anos, tudo o que tínhamos para enfrentar a hostilidade do meio ambiente eram armas de pau, pedra e osso e vestimentas de peles de animais. Neste prazo biologicamente curtíssimo, saltamos da lança de madeira para o computador, a eletricidade, a engenharia genética e a energia nuclear. Isso

> só foi possível porque o homem, em todas as latitudes, especializou determinados grupos da sociedade em tarefas específicas. Qualquer tigre sabe fazer o que qualquer tigre faz, e nada além disso. Todo tigre é um inteiro. Nós somos fragmentados. Uns plantam, outros vendem. Uns mandam, outros obedecem (p. 43).

Portanto, esse trabalho também visa compreender as condições históricas e sociais que contribuem, para que esse sistema hegemônico com nova roupagem da racionalidade tecnocientífica, perpetue o sistema de produção e reprodução social elucidado por Marx (2004) e, posteriormente pesquisado por Adorno e Horkheimer (1985). Além disso, como referenciais bibliográficos a reflexão dialoga também com: Candido (2004), Costa & Zanolla (2021), Maar (2003), Moreira (2020), Kehl (2015), Zanolla (2014) e Tonon (2014). Intentamos apresentar, ao final, a ideia de que em meio a contradições e negações destas condições históricas, há possibilidades de promover um debate sobre nosso futuro, diante dos avanços tecnológicos do século XXI.

É nesse contexto, que justificamos a necessidade de compreender como Paulo Leminski, com sua produção literária nos possibilita analisar uma variedade rica de gêneros, temas e assuntos relevantes para a Literatura e para a Formação Humana Crítica. Leminski experimentou diversas linguagens artísticas com uma rica obra poética, de prosa experimental, tradução, ensaios e composições musicais. Suas obras abordam temáticas que vão desde a crítica ao modo de produção capitalista, isto é, ao trabalho alienado, e à dicotomia corpo e mente que sob a ótica cartesiana, desassocia o trabalho braçal e o trabalho intelectual, bem como a crítica à indústria cultural, o poder das mídias e a influência que exerce sobre sociedade. Leminski nos permite perceber a arte, e mais enfaticamente a poesia como uma necessidade vital que fez do autor uma das nossas mais importantes referências culturais.

As escolhas dos autores, artigos, dissertações e teses que tratam dos assuntos relacionados neste trabalho, foram realizadas com base nos fundamentos, conceitos, pesquisas e trocas de experiências advindas de participações no Núcleo de Estudos em Educação, Violência, Infância, Diversidade e Arte (NEVIDA/FE/UFG) e Grupo de Estudos em Teoria Crítica. A participação nos dois grupos foi fundamental, contribuíram ricamente com a minha formação, para além do envolvimento em seminários e conhecimentos proporcionados pelas disciplinas cursadas no programa de Pós-Graduação da UFG. Contribuindo inclusive, com a possibilidade da participação em ações de extensão, encontros

e seminários ricos em discussões sobre temas fundamentais para se pensar a teoria e práxis em um contexto de constantes transformações.

A pesquisa bibliográfica e análise do referencial teórico na perspectiva da Teoria Crítica Frankfurtiana que fundamenta esta pesquisa qualitativa tem como principal objetivo uma boa delimitação do tema, com a ampliação do sentido da literatura como fonte que possa contribuir com uma educação emancipatória e crítica. Os critérios de inclusão de artigos, documentários, dissertações e teses pesquisadas nas plataformas Google Acadêmico, SciELO, Plataforma Sucupira, Biblioteca digital de Teses e Dissertações da UFG, buscaram contribuições teóricas de pesquisas atuais que se encontram em interlocução com ensaios de Adorno, Horkheimer, Walter Benjamin, e demais pensadores da Teoria Crítica.

Para alcançar nosso objetivo, utilizamos como procedimentos as obras *A Dialética do Esclarecimento* (1985), *Dialética Negativa* (2009), *Teoria Estética* (2011), *Educação e emancipação* (2020). Assim, entrecruzando as possíveis relações dessas fundamentais discussões, com as ideias e provocações contidas nos *Ensaios e Anseios Crípticos* (2012), *A hora da lâmina*: últimos textos-ninja de Paulo Leminski (2017), *Toda Poesia* (2013), além da biografia do autor. Também usamos *O bandido que sabia latim* (2001), de Toninho Vaz. Nesse sentido, buscamos compreender melhor conceitos da Teoria Crítica, bem como identificar possíveis relações com produções de Leminski, que permitam responder às questões propostas, identificando o potencial formativo em suas obras literárias e composições musicais.

O primeiro capítulo é dedicado a uma breve discussão sobre como podem revelar caminhos que permitam pensar a realização do trabalho criativo da escrita, e assim convertê-la em resistência. Além disso, esse capítulo se refere a conceitos que nos permitem compreender dialeticamente a tensão permanente entre indivíduo, sociedade e educação, bem como as repetições históricas às quais estamos sujeitos, como um dos pontos de partida para a reflexão que propomos. No segundo capítulo, desenvolvemos o conceito de literatura e arte, mas também a ideia de como se contrapõem à dinâmica da racionalidade administrada. Além do mais, aprofundamos em conceitos de cultura e semiformação, texto fundamental publicado por Adorno em 1959, que versa sobre problemas que nos afligem até hoje. Pois, mesmo nas sociedades onde os indivíduos consideram-se cultos, pouco evoluímos no sentido de desenvolver uma educação de fato emancipatória, mesmo em face de um contexto de inúmeros avanços tecnológicos no mundo industrializado.

No terceiro capítulo, apresentamos uma breve introdução à biografia de Paulo Leminski, suas influências, concepções, produções musicais e literárias, além das relações que envolvem sua vida e seu trabalho poético. No quarto e último capítulo, apresentamos uma análise de alguns ensaios de Paulo Leminski, compilados nas obras *Ensaios e Anseios Crípticos* (2012) e *A hora da lâmina: últimos textos ninja de Paulo Leminski* (2017), destacando características que comprovam o potencial formativo da literatura do autor, sob o prisma das categorias formação, memória e experiência, ressaltando que de fato seus ensaios e anseios não se identificam com literaturas outras que promovem meras reproduções ou entretenimento das massas, e muito menos com a pseudoformação.

Arte, literatura e resistência são elementos fundamentais das discussões presentes neste trabalho, já que nos permite pensar a formação humana a partir das concepções históricas, psicológicas, filosóficas e sociais necessárias à formulação de estudos que contribuam para pensar uma educação crítica e emancipadora. Tudo isso a partir de um cenário em que o racismo, fascismo, negacionismo e a exploração desumana do capitalismo, como também o domínio dos meios de comunicação e mídias, ainda permanecem em foco. Por isso, segundo os autores Frankfurtianos, enquanto avançam novas formas de barbárie sobre a civilização, resistir é a única alternativa para vislumbrar uma possível solução que está na educação e nas mãos das futuras gerações. “Educação é o ponto em que nós decidimos se amamos o mundo o suficiente para assumir responsabilidade por ele e ao mesmo tempo salvá-lo daquela ruína que, exceto pela chegada de novos jovens, seria inevitável”. (ARENDT, 2003. p. 247).

Dessa forma, o intuito deste trabalho é contribuir com a missão de provocar reflexões necessárias à conscientização coletiva e produção de *leitores do mundo,* ou seja, de cidadãos autônomos e capacitados para o exercício de uma cidadania plena. Nesse sentido, as obras de Paulo Leminski permitem perceber a arte, e mais enfaticamente a literatura como uma necessidade vital. Além disso, como ela fez do autor uma das nossas mais importantes referências culturais, constituindo uma rica fonte para uma formação humana crítica e emancipadora.

1 ARTE E RESISTÊNCIA: VIDA E OBRA DE PAULO LEMINSKI

Discutir dialeticamente a tensão permanente entre indivíduo, sociedade e educação, bem como as repetições históricas às quais estamos sujeitos, é um dos pontos de partida para a reflexão que propomos à luz da Teoria Crítica Frankfurtiana[1], tendo em vista a ausência de respostas que possam esclarecer as contradições sobre os rumos que a educação e a cultura tomaram em nosso tempo. Mas a contradição moral mais importante, para o nosso tempo, que precisamos refletir, é a questão da defesa da vida, sobretudo das minorias injustiçadas e oprimidas.

Ao considerarmos os rumos que a educação formal tomou, deixando de lado aspectos fundamentais de uma formação humana crítica, permanecem ainda sem resposta questões como: Porque apesar de toda evolução tecnológica e científica, principalmente no que diz respeito à produção de bens de consumo, equipamentos de última geração, acesso à informação e ao conhecimento produzido e acumulado historicamente "[...] a humanidade, em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando em uma nova espécie de barbárie" (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 11). Faz-se necessário também questionar essa contradição lógica, obviamente perceptível, pois continuamos apenas reproduzindo um modelo de sociedade em que "[...]a técnica ocupa uma posição tão decisiva como acontece atualmente, gera pessoas tecnológicas, afinadas com a técnica", porém desumanizadas (ADORNO, 2020, p. 143). A vida moderna sucumbe o sujeito na dinâmica objetiva da realidade técnica, o condenando a uma vida muitas vezes sem sentido (propósito), deprimente e vazia. Cabe outra pergunta fundamental para a discussão proposta: ainda há espaço para que, na sociedade administrada pela lógica do progresso tecnológico e da troca seja possível discutir sobre a importância da arte, da literatura e da poesia?

Adorno, na obra *Teoria Estética* (2011), refere-se à dialética entre o que é racional (que tende à integração) e ao mimético (que tende à diferenciação, ou seja, ao que não se estabelece como identidade) o conceitua como "não idêntico". Referimo-nos à mimese reflexiva e não ao mimetismo, que é meramente imediato, meramente instintivo. Então, se por um lado a mimese reflexiva é essa mescla entre sujeito e objeto, que pretende ultrapassar

[1] *A imaginação dialética*; história da Escola de Frankfurt e do Instituto de Pesquisas Sociais**,** 1923-1950 / Martim Jay; tradução Vera Ribeiro; revisão da tradução Cézar Benjamim. – Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

a racionalidade instrumental, por outro lado, ao aproximar-se do objeto, a dimensão cognitiva é prejudicada devido à racionalidade classificatória e conceitual do conhecimento. Por isso, essa dimensão que nos impulsiona para a arte é subjetiva, é condicionada, é parcial porque tem como base as relações de poder, relações de meios e fins já estabelecidos. A crítica nos leva a considerar que a arte não poderia ser colocada no campo da classificação, isto é, ser rotulada e definida, pois ela não deve ser aplicada a diferentes tempos e locais (grega, clássica, moderna). Nessa realidade, que visa recalcar as contradições vitais, a arte seria uma mimese de sofrimento refratada pela assimilação dessa realidade.

Segundo Adorno (1995b), "qualquer debate sobre ideais de educação é vão e indiferente em comparação com este: que *Auschwitz* não se repita. Aquilo foi a barbárie, à qual toda educação se opõe" Adorno (1995b, p.104). E vai ainda mais profundamente tocar a racionalidade, ou o que restou da sensibilidade humana com seu texto Crítica cultural e sociedade, escrito em 1949, pontuando: "A crítica cultural encontra-se diante do último estágio da dialética entre cultura e barbárie: escrever um poema após *Auschwitz* é um ato bárbaro, e isso corrói até mesmo o conhecimento de por que hoje se tornou impossível escrever poemas" (Adorno, 1998, p. 26). A arte antecipa o princípio de violência da cultura e assim, a extrema racionalização da razão torna-se irracional. A arte precisa ser vista como irracional frente à realidade dita racional (Leia Dialética do Esclarecimento). O sofrimento é expressivo na cultura e é necessário que ele se apresente como não naturalizado. A reflexão sobre cultura e educação é fundamental para entendermos que a arte é conhecimento pelo modo como nos coloca frente ao objeto, diferentemente da arte em que o objeto nos coloca diante dele, ou seja, como realidade instrumentalizada.

Diante dessas contradições, a literatura de Paulo Leminski se revela como potencial formativo tendo em vista as inquietações, provocações e denúncias que nos convidam a refletir sobre as contradições advindas de uma formação fundada na racionalidade administrada, que mediada pela literatura (arte e cultura) têm potencial para abrir brechas e apontar caminhos para promoção de uma atitude crítica (dialética) com vistas à adesão de um movimento de resistência. Os ensaios poéticos de Paulo Leminski são pensados, forjados e comprometidos com elementos que estimulam uma reflexão sobre a ressignificação do fazer humano e do próprio fazer poético, vislumbrando até mesmo o (sonho ou utopia) de um trabalho significativo, como instrumento de resistência à barbárie. Sendo nesse sentido, aliados à arte, à ciência, à história, à filosofia e a outros elementos que forjam uma educação crítica humanista, com foco na real emancipação, pois, "a educação só teria algum sentido

como educação para uma autorreflexão crítica" Adorno (1995b, p.106), para que haja de fato, na atualidade, um desenvolvimento civilizatório que questione e que impeça, que *Auschwitz* e tantas outras barbáries se repitam.

Múltiplo é o nome da exposição que há 10 anos se dedica a levar para o Brasil e para o mundo o trabalho literário que compõe o acervo de Paulo Leminski. Assim como Adorno, o poeta não separa as categorias trabalho e arte, pois elas são originárias de uma única categoria: a criação humana. "Numa época de integração social sem precedentes, fica difícil estabelecer, de forma geral, o que resta nas pessoas, além do determinado pelas funções" Adorno (1995a, p.71). Atualmente, chegamos ao ponto das pessoas se sentirem culpadas por não estarem fazendo algo "útil" em seu tempo livre. O que Leminski discorda fundamentalmente em seu ensaio *Adorno: "arte pela arte" de esquerda*, ressaltando que, a beleza da arte está justamente no seu compromisso ético e político de recusar-se a se tornar mercadoria, utilidade, em qualquer circunstância histórica:

> Para Adorno, a grandeza da arte está em sua capacidade de resistir ao estatuto de mercadoria, em situar-se no mundo como um "um objeto não identificado". Em sua recusa de assumir a forma universal de mercadoria, a arte, a obra de arte é manifestação, em seus momentos mais puros e radicais, de uma "negatividade" Ela é "a antítese da sociedade". A antítese *social* da sociedade (LEMINSKI, 2012, p. 49).

Para Leminski e Adorno, críticos agudíssimos das contradições do capitalismo, as criações artísticas, o trabalho significativo e fundamentalmente a arte, só têm razão de ser, enquanto negações do mundo reificado. Isto é, da negação do próprio homem constituir-se como mercadoria, e da arte ser valiosa enquanto inútil. Sendo assim, é necessário compreender de que forma a literatura de Leminski se revela como potencial formativo frente às contradições da racionalidade administrada que prioriza a razão instrumental. Desse modo, naturaliza-se a ideia de progresso social e o aumento da produtividade econômica "que por um lado produz as condições para um mundo mais justo, confere por outro lado ao aparelho técnico e aos grupos sociais que o controlam uma superioridade imensa sobre o resto da população" (ADORNO; HORKHEIMER, 1985 p. 14). No entanto é desumano e a tudo e a todos, transforma em mercadoria.

Portanto, como ressalta Adorno (2020, p. 250), "[...] desde muito cedo, meados do século XIX, a cultura se contrapôs a esse tipo de racionalidade orientada a fins". A racionalidade técnico-científica reproduz o mal-estar permanente ao qual todos estamos

condenados. Entre o compreender a realidade e o resistir, necessitamos refazer um caminho que passa pelo esclarecimento e conhecimento histórico. Devemos reconhecer a realidade para além do simulacro, estabelecendo parâmetros que nos permitam enxergar os movimentos fetichizantes que envolvem formas sofisticadas de dominação cultural, dentre as quais se destacam a onipresença da mercadoria, a infantilização do psiquismo, o totalitarismo dos esquemas de produção e recepção dos bens de consumo.

Marx (2016) define mercadoria como um objeto externo, uma coisa que por meio de suas propriedades, satisfaz necessidades humanas de qualquer natureza. Entre todas essas coisas, sem exceção, e na definição de coisa útil, também incluímos a nós mesmos como força de trabalho, pois objetivamente nos tornamos mercadoria e ofertamos cotidianamente nossa força de trabalho ao mercado, tal qual sua definição:

> A mercadoria é antes de mais nada, um objeto externo, uma coisa que, por suas propriedades, satisfaz necessidades humanas, seja qual for a natureza, a origem delas, provenham do estômago ou da fantasia. Não importa a maneira como a coisa satisfaz a necessidade humana, se diretamente, como meio de subsistência, objeto de consumo, ou indiretamente, como meio de produção (MARX, 2016, p. 57).

Na medida em que o indivíduo, "se vê completamente anulado em face dos poderes econômicos" (ADORNO; HORKHEIMER, 1985 p. 14) e segue numa situação injusta e impotente, é dominado por este modo de vida, fundado sobre a dinâmica do capitalismo. Logo, segundo Adorno (2010, p. 15), "a desumanização implantada pelo processo capitalista de produção negou aos trabalhadores todos os pressupostos para a formação e, acima de tudo, o ócio.", que compreende inclusive, o acesso aos bens culturais produzidos historicamente, resistindo na luta pelo direito de resgatar sua cultura e liberdade.

Dessa forma, Leminski (2012) se posiciona vigorosamente contra o modo de produção capitalista. Sua poesia, traduções, biografias, textos jornalísticos, e, principalmente, seus ensaios teceram críticas contundentes a esse sistema, que nos impõe um fragmentado modo de viver:

> Foi através da divisão do trabalho que o homem multiplicou seus poderes sobre a natureza numa velocidade fantástica: há apenas 30 mil anos, tudo o que tínhamos para enfrentar a hostilidade do meio ambiente eram armas de pau, pedra e osso e vestimentas de peles de animais. Neste prazo biologicamente curtíssimo, saltamos da lança de madeira para o

> computador, a eletricidade, a engenharia genética e a energia nuclear. Isso só foi possível porque o homem, em todas as latitudes, especializou determinados grupos da sociedade em tarefas específicas. Qualquer tigre sabe fazer o que qualquer tigre faz, e nada além disso. Todo tigre é um inteiro. Nós somos fragmentados. Uns plantam, outros vendem. Uns mandam, outros obedecem (p. 43).

A fragmentação imposta pela divisão e automação dos modos de produção, nos impõe uma dinâmica, isto é, passamos a naturalizar uma forma de existência, mas deixamos de respeitar o próprio corpo, indo além dos limites naturais, situação que nos causa angústia e mal-estar, levando-nos a uma vida de automatismos de toda espécie, ignorância, inércia, fraqueza, velocidade e repetição. Desse modo, a fragmentação imposta pela divisão social do trabalho, segundo Adorno (1995a), corrobora e reafirma o pensamento de Marx:

> [...] na sociedade burguesa a força de trabalho tornou-se *apenas* mercadoria, e por isso, o trabalho foi coisificado, então a palavra "hobby" conduz ao paradoxo de que aquele estado, que se entende como o contrário de coisificação, como reserva de vida imediata em um sistema total completamente mediado, é, por sua vez, coisificado da mesma maneira que a *rígida delimitação entre trabalho e tempo livre*. Neste prolongam-se as formas de vida social organizada segundo o regime do lucro (1995a, p.72 - Grifos nossos).

Portanto, na sociedade burguesa, desenvolve-se esse conceito de sacrifício do indivíduo com o propósito de adequação a essa sociedade civilizada, naturalizando a ideia contraditória que o bem estar do indivíduo, só pode ser alcançado se houver a renúncia às suas pulsões[2] em favor de um bem maior. Freud (2011a, p.43) diz que "três são as fontes de que nosso sofrimento provém: o poder superior da natureza, a fragilidade de nossos próprios corpos e inadequação das regras que procuram ajustar os relacionamentos mútuos dos seres humanos na família, no Estado e na Sociedade". No entanto, voltemos a olhar com cuidado e precisão para o homem contemporâneo pela ótica da Teoria Crítica Frankfurtiana, buscando compreender em que estado se mantém o indivíduo, ou seja, se ainda se mantém vivo nesse Estado que compromete cada vez mais as políticas de bem-estar social. E é pela ótica da arte que nos 'textos-ninja' e nos "Ensaios Crípticos" Paulo Leminski dá pistas de

[2] Pulsões na psicologia experimental, indica componente psicológico daquele estado fisiológico particular que é a necessidade. Em psicanálise, por outro lado, a pulsão é descrita por Freud como elemento psíquico que produz um estado de excitação que compele o organismo à atividade. Isto é, a pulsão seria a representante dos estímulos corporais no psiquismo (MALDONADO, 2014 p. 354).

um prisma surpreendente que, mesmo diante das contradições apontadas, existe alguma esperança de se vislumbrar uma mudança nesse estado de coisas, como destaca Melhado (2017): "nos textos-ninja Leminski vai desenhar um vetor positivo. E sua ideia de subjetivação[3], a forma que ele sugere para que os indivíduos criem a si próprios como sujeitos é um tanto inesperada" (MELHADO, 2017, p. 13). Dentre os aspectos de formação que seus ensaios permitem-nos refletir, é a de como a arte tem potencial de revelar um caminho que nos favorece, até aos distraídos, municiar-se de lucidez e poesia para enfrentar o adoecimento psíquico e dar significado à vida na sociedade moderna.

Quando destacamos a visão da Teoria Crítica Frankfurtiana [4] nos referimos ao pensamento de um grupo de intelectuais marxistas não ortodoxos, alemães, alguns deles filhos de judeus, que, a partir dos anos de 1920, fundaram o Instituto de Pesquisa Social em Frankfurt. O objetivo deles foi desenvolver pesquisas e intervenções teóricas sobre problemas filosóficos, econômicos, sociais, culturais, estéticos gerados pelo capitalismo de sua época, logo, influenciaram o pensamento ocidental, desde então reúnem em si todas as teorias que pautam pela negação da ordem estabelecida, isto é, pelo antipositivismo. Segundo Horkheimer (1980), a teoria crítica difere-se da tradicional e positivista fundamentalmente por seu aspecto transformador, emancipador e crítico.

A Teoria Crítica Frankfurtiana, portanto, é rica fonte de conceitos também defendidos por Paulo Leminski, um importante representante da contracultura[5] de nossa literatura. Vaz (2001) ressalta que o escritor Paulo Leminski com todas as suas "grandezas e contradições", foi defensor dos direitos fundamentais da livre expressão, do pensar e do fazer poético. Por isso, preocupou-se com a arte dentro de um modelo ético e estético com o objetivo de destacar a importância da liberdade e da autocrítica como ferramentas de emancipação, visto que teve como princípio fundamental a defesa e o uso da palavra e da

---

[3] Qualidade de subjetivo, individual, particular; relativo ou próprio do indivíduo. Qualidade do que expressa pontos de vista e julgamentos de valor da própria pessoa, seus sentimentos e preferências. Disponível em: https://www.dicio.com.br/houaiss. Acesso em: 25 abr. 2023.

[4] A chamada Escola de Frankfurt, composta por alguns membros do Institut für Sozialforschung [Instituto de Pesquisas Sociais], de fato pode ser vista como apresentado de forma quintessencial o dilema do intelectual de esquerda do século XX (JAY, 2008, p. 29).

[5] O termo "contracultura" foi inventado pela imprensa norte-americana, nos anos 60, para designar um conjunto de manifestações culturais novas que floresceram, não só nos Estados Unidos, como em vários outros países, especialmente na Europa e, embora com menor intensidade e repercussão, na América latina. Na verdade, é um termo adequado porque uma das características básicas do fenômeno é o fato de se opor, de diferentes maneiras, à cultura vigente e oficializada pelas principais instituições das sociedades do ocidente. A contracultura é a cultura marginal, independente do reconhecimento oficial. No sentido universitário o termo é uma anticultura (PEREIRA: 1984, p.13).

inteligência como ferramentas potentes, ou seja, armas intelectuais e não armas bélicas, em defesa do ideal de uma sociedade mais justa e humana com fins à emancipação.

Segundo Adorno (2020, p.185), "a exigência da emancipação parece ser evidente numa democracia", mas o grande problema é que a humanidade segue cada vez mais veloz e distante de contemplar a necessidade de todos, indistintamente. Logo, poucos indivíduos têm acesso a uma formação cultural ampla, humanista e de qualidade. Nesse sentido, Adorno (2020) referiu-se a uma educação não utilitária, desde a formação primária, como ficou evidente em um de seus textos mais importantes, *Educação e Emancipação*:

> Quando falo de educação após Auschwitz, refiro-me a duas questões: primeiro, à educação infantil, sobretudo na primeira infância; e, além disso, ao esclarecimento geral, que produz um clima intelectual, cultural e social que não permite tal repetição; portanto um clima em que os motivos que conduziram ao horror tornem-se de algum modo conscientes (ADORNO, 2020, p.133, Grifos nossos).

No intento de chamar a atenção do leitor para compreender quão importante é essa fase, da educação fundamental, que nos requer inúmeros investimentos, cuidado, rigor e criticidade desde a infância, nesta seção fazemos questão de incluir uma pequena introdução da biografia de Paulo Leminski, partindo das referências historiográficas e biográficas de Toninho Vaz (2001), com destaque às suas vivências na infância e juventude. Além disso, utilizaremos os escritos de Elisa Helena Tonon (2014) que aborda o percurso de publicação de suas obras mais importantes com a finalidade de tecer um retrospecto de fases, que compreendemos ser fundamentais para o processo de formação e criação de Leminski. Assim, permitindo-nos compreender as origens de seus textos críticos pautados em temas que estimulam a pensar sobre a possibilidade de resistência que incide seu fazer literário. Desse modo, a partir daí buscaremos apontar um caminho de interconexão com os pensadores Frankfurtianos, bem como de fatos históricos que deram forma e identidade à sociedade urbano industrial, a qual também pertence o autor. Pretendemos apresentar uma ideia de formação humanística vinculada às coletâneas de poesias e textos ensaísticos, publicados após a sua morte. Os referidos textos colocam em destaque as contradições e as razões que deram nome à exposição "Múltiplo Leminski" que, desde 2012 percorre as principais capitais do Brasil, e também do exterior, em Lisboa e Portugal.

Paulo Leminski Filho nasceu em Curitiba, no dia 24 de agosto de 1944, de acordo com Vaz (2014), desde cedo se mostrou interessado pela literatura. Estudou por cerca de dois anos no Mosteiro São Bento, em São Paulo. Esse interesse desde muito pequeno pela leitura tem lá suas raízes.

> O avô materno do poeta, Fernando Pereira Mendes, era um paulista de Itu, descendente de portugueses e capitão do Exército na comarca de Curitiba [...] nas horas vagas, Fernando compunha versos pungentes e rebuscados na linguagem, que publicava em jornais do interior de São Paulo. Eram manuscritos em caligrafia impecável que iriam denunciar, no futuro, o fio condutor da linhagem poética da família – ou, mais especificamente, de Paulo Leminski Filho, seu neto (VAZ, 2001, p. 21).

O pai de Leminski era filho de poloneses de uma remota província de nome Naráyow. A família do pai veio para o Brasil no fluxo da grande migração de 1895, quando grupos da Polônia e da Ucrânia deixaram a Galícia. Ele também era militar, sargento do exército, e foi surpreendido em pleno exercício do trabalho com a chegada do seu primogênito. Naquela manhã histórica, em Curitiba, às 11 horas da manhã, ainda estava alerta em seu posto, no quartel, quando ouviu as últimas notícias do *front:*

> Forças aliadas retomam Paris; as tropas nazistas recuam Os boletins noticiosos anunciavam uma noite de luz e festa na Champs Elysées: "O general Charles De Gaulle exalta a França; o escritor Jean-Paul Sartre, um ativo militante da resistência francesa, comemora com amigos intelectuais o sucesso da ofensiva" A guerra estava chegando ao fim (VAZ, 2001, p. 22).

Leminski nasce sob o signo da mudança, praticamente quando termina o período mais crucial das guerras do século XX. "Nas estradas da América, a arte e a cultura do novo mundo já apresentando sinais de automação faziam florescer uma geração espontânea de artistas, poetas, escritores, viajores que preconizavam uma revolução urgente no comportamento e nos costumes da juventude" (VAZ, 2001, p. 23). Com o fim da guerra em 1945, o mundo parecia ser um lugar tranquilo para se viver, pelo menos era o que pensavam os pais do poeta.

Em entrevista, Leminski disse não se lembrar de quando começou a escrever, mas segundo Vaz (2001), a Tia Luiza, tia de fato, também professora, relata ter sido abordada

por ele ainda muito pequeno, pouco antes de completar quatro anos, com um desenho nas mãos:

> [...] o piá, antes mesmo de completar 4 anos, me mostrou um papel com um desenho usando lápis preto comum: Era um fogão muito bem desenhado para uma criança da idade dele. Sobre o fogão, várias panelas vazias. Na condição de professora ginasial trabalhando em escola pública, familiarizada com a chamada "pedagogia infantil", elogiei muito a obra e incentivei o "artista". Mas o garoto surpreendeu: Mas isso é muito triste minha tia! Triste porque, Paulinho? ***Este quadro se chama Miséria e mostra um fogão sem lenha e panelas sem comida*** (VAZ, 2001, p. 25 - Grifos nossos).

Uma ideia de miséria que certamente não refletia a sua própria condição social. Afinal, era filho de um sargento do exército que vivia com simplicidade, mas com conforto. Outra lembrança que surpreendeu a Tia Luiza, que visitou a irmã Áurea em Itaiópolis, foi ver o Paulinho ainda menino, esperto e "superativo", fazendo amigos e negócios a sério. "Isso aconteceu quando dona Áurea foi surpreendida com a visita de um grupo de índios que vieram entregar peças de artesanato encomendadas pelo garoto e já pagas com suas próprias economias" Vaz (2001, p.27). É a tia Luiza quem conta que lhe trouxeram arcos, flechas e pequenos utensílios em madeira e couro.

Quando ficava em casa, Paulinho, como era chamado na infância, "gostava de observar a mãe desenvolvendo as tarefas domésticas, no preparo do almoço e do jantar, enquanto ouvia no rádio os últimos sucessos de Agostinho dos Santos, Pedro Vargas ou Dalva de Oliveira, seus artistas favoritos" (VAZ, 2001, p. 27). Momentos de inspiração gerados nestas "janelas do tempo" deram origem a poemas, que compõem o livro O *bicho alfabeto*, de Leminski (2014).

Como apontamos no início do texto, aos 12 anos de idade, Leminski pede ao pai para estudar no Colégio São Bento. Lá, foram dois anos de estudos e dedicação à vida monástica, uma preparação que atraiu o jovem Leminski para uma das mais marcantes etapas de sua formação e vida:

> O Colégio de São Bento colocaria à disposição dos estudantes, além da cultura secular da ordem eclesiástica dos beneditinos, uma rica e formidável biblioteca com cerca de 70 mil volumes, catalogados com rigor e metodologia. Tal acervo contribuiria para a formação intelectual de alunos ilustres como Godofredo da Silva Teles, conceituado jurista e primeiro aluno a se matricular no colégio; Sérgio Buarque de Hollanda,

> Guilherme de Almeida, Américo Brasiliense, Francisco Prestes Maia e Paulo Leminski Filho (VAZ, 2001, p. 33).

Um dos seus grandes interesses desde pequeno foi pela cultura religiosa secular ocidental, além de se ocupar com o latim e o grego, bem como dedicar-se pelo estudo aprofundado do Panteão, onde perfilam os deuses sagrados da mitologia. "Era fissurado em Camões, Homero e Antero de Quental, que faziam parte de sua leitura diária". Leituras que o influencia para toda uma vida, como ressalta Vaz (2001, p.31), assim como a cultura Oriental:

> É provável, também, que Leminski tenha estabelecido nesta mesma época os primeiros contatos com os fundamentos filosóficos de outras religiões, notadamente o budismo e o zen-budismo. De qualquer forma, sabe-se que através de D. João Mehlmann ele ficaria conhecendo o "outro lado" da religião, as chamadas "filosofias orientais" (VAZ, 2001, p. 33).

Esta temática lhe despertaria uma atenção especial, como destaca Vaz (2001, p. 42) "no futuro, estas descobertas e influências seriam marcantes em sua vida intelectual", pois escreveu muitos poemas e ensaios, dando destaque ao *zen* e à filosofia oriental. No ensaio intitulado *Corpo não mente* de 28 de abril de 1989, publicado anteriormente na revista *Corpo,* em 1987, com base na filosofia do Zen-budismo escreveu: "integrar mente e corpo é voltar ao paraíso que só conseguimos experimentar em momentos privilegiados" (LEMINSKI, 2017, p. 43). A partir dessa máxima, o ensaísta elabora um trabalho de crítica filosófica sobre a dualidade contraditória da visão católica, sob o olhar da filosofia *zen* oriental, em relação aos preceitos que constituem o desenvolvimento integral do homem e a dificuldade encontrada pelo missionário jesuíta Francisco Xavier, quando aportou no Japão com a missão de catequizar aquela nação. Sobre esse aspecto, Leminski (2017) considerou uma dicotomia inaceitável que separa dois universos que devem coexistir em harmonia, o do Corpo e o da Mente:

> Todas as práticas *zen* (o *zen* é – sobretudo – uma prática) visam atingir o ponto de fusão corpo/mente, aquele lugar alfa onde essa distinção (vista como erro e ilusão) não seja mais possível. Visariam, de certa maneira, uma espiritualização de corpo e uma corporificação da mente e do espírito. Isso é muito visível nas artes marciais, judô, *kendô*, karatê, *aikidô*, todas empapadas do *zen*. Quem pratica artes marciais, aprende logo que o corpo não é uma máquina governada por um comandante genial chamado mente. (LEMINSKI, 2017, p. 41).

O mais grave que ocorre na cisão de corpo e mente é o adoecimento físico e mental, que nesse século culmina na explosão de casos de depressão e de suicídio, o que faz de Paulo Leminski um inimigo do sistema, pois o pensador é aquele sujeito que age e transforma muito mais pelas intervenções na mente do sujeito, antes ocupada pelo vazio:

> Entre um corpo e uma mente, mil anos-luz de vazio onde se criam monstros e demônios, duendes e neuroses. Os demônios se chamavam Lúcifer, Belzebu, Asmodeu, Belial. Hoje chamam-se neurose, paranóia, esquizofrenia, mania. É perigoso separar aquilo que, por natureza, é uno e inteiro. Retorno ao paraíso perdido, a re-união mente e corpo não pode sequer ser sonhada, em termos integrais. Essa estranha entidade que é o ser humano, que somos nós, resulta irremediavelmente cindida. O próprio exercício disso que se chama "razão" parece estar ligado, carne e unha, com a dissociação entre uma metade que "pensa" e um corpo que obedece. Estamos condenados à razão (LEMINSKI 2017, p. 44).

Portanto, o excesso da razão é que mortifica a alma, ou o que resta da sensibilidade do ser humano. Porém, Leminski se mostra um otimista incorrigível e um guerreiro disposto a lutar até a última gota de vida possível a ser vivida em plenitude. Fazendo da mesma razão que mata, a que também pode curar e restaurar a humanidade por meio das artes, da poesia, da música e dos sonhos. Logo, a fala poética, sendo também uma convocação a pensar assim como a ciência, pode propor debates para a compreensão do mal-estar inerente ao homem como efeito das transformações a que este está sujeito. Portanto, a arte pode ser uma forma de se estudar como é possível, na cultura, restaurar o sentido da vida, por exemplo, a partir da poesia, da música e de inúmeras outras criações humanas.

No entanto, o autor se ocupa do fazer poético e literário que expressivamente se opõe ao tipo de entretenimento e lazer alienantes produzidos pela indústria cultural, que, inclusive, os sujeitos conscientes, mas distraídos vão fazer uso sem muita autocrítica. Pois "[...] as pessoas aceitam e consomem o que a indústria cultural lhes oferece para o tempo livre [...]" (ADORNO, 1995a, p.81). Porém, ressalta, que nem todas as pessoas são facilmente convencidas a participarem de um tipo de uma prática de "hobby" que simplesmente, não as lembre em nada o trabalho, se entregando a uma forma de ócio pouco criativo, sendo, portanto, "a razão da imbecilidade de muitas ocupações do tempo livre" Adorno (1995a, p.73). Segundo o autor, tempo livre antes conhecido como ócio, era um privilégio de uma

vida folgada e, portanto, algo qualitativamente distinto e muito mais grato que o tempo preenchido pelo trabalho.

Existe ainda uma parcela de críticos, que são suficientemente fortes, para dentro de certos limites, resistirem à apreensão total. Eles, geralmente, optam por uma prática com sentido, isto é, uma prática de uma arte marcial, como exemplifica Leminski, que era praticante de artes marciais oriundas da cultura *zen*. Estas práticas se constituem em ensinamentos passados de geração para geração, assim, sua riqueza e valor estão fundados na experiência, e não no simples aprendizado do método. Como, por exemplo, a arte ancestral do *Ken-Do,* hoje já disseminada por todo o mundo:

> A arte, aqui no caso, é a esgrima japonesa, o *Ken-Dô*, o *Caminho da Espada*, da qual Chozan era um mestre, num país de mestres espadachins. Esse livro, editado pelo alemão Reinhard Kammer, vem se somar a outros que apresentam artes *zen* no Brasil (LEMINSKI, 2017, p. 61).

A riqueza desse processo talvez seja a possibilidade de acesso a um saber e a uma cultura a partir de fontes originais, ou seja, não por intermédio de especulações ou simples entretenimento, visto que é permitido acesso a um saber lúdico e rico, pois "esta é uma obra japonesa antiga, não o livro de um ocidental curioso que se submeteu a uma arte zen" (LEMINSKI, 2017, p. 62). É possível perceber a carga de conhecimento da ciência embebida de ficção na composição dos ensinamentos que integram o *Ken-Dô*:

> O *Ron* de Chozan (ron, em japonês, quer dizer "argumento", "tratado", "ensaio") tem um suporte ficcional. O espadachim vai se isolar nas montanhas, consultar os *tengu*, os espíritos do céu, duendes de nariz comprido (no imaginário nipônico, os *tengu* são modelos de orgulho, força e sabedoria; diz-se "está se sentindo um tengu", para dizer "está orgulhoso de si"). Longo tempo, aos brados, o espadachim invoca a presença dos *tengu*. Até que eles aparecem, no alto de uma árvore. E começam a responder às perguntas do aprendiz. (LEMINSKI, 2017, 62).

Arte, ciência e filosofia parecem então indissociáveis na cultura oriental. "O *Ron* termos centrais do *kendô*, a arte da espada, a arte *zen* mais rica em conceitos e elaborações teóricas, espirituais" (LEMINSKI, 2017, p.62), porém a contradição se apresenta ao fundir todos os elementos que se apresentam, pois:

> O caminho do guerreiro, o código da classe samurai, estranha síntese entre Confúcio e *zen*, uma daquelas contradições que só os japoneses sabem manter e tornar coerentes. Chozan, como neo-confucionista, hostiliza o budismo. A sua consciência social de confuncionista repugna o individualismo ligeiramente anarquista e nihilista, essencial no *zen* (LEMINSKI, 2017, p. 62).

A consciência social aliada às práticas *zen* e ao pensar autônomo dos guerreiros, são as marcas fundamentais de Leminski e de seu trabalho. Como um praticante dessa arte, ele ressalta que "no *kendô* é fundamental o conceito de 'naturalidade do coração': a prática da esgrima é uma libertação da intenção" (LEMINSKI, 2017, P. 63). Compara sua poesia e ensaios ao fruto maduro que cai, originado de uma produção não conduzida pelo seu Ego, mas arte que tem origem na fusão da segurança técnica adquirida e do entendimento espiritual, que fluem naturalmente em seus "textos-ninja".

Logo, complementando esse pensamento, disse Adorno (1995a), compreendemos que há ainda uma perspectiva de usufruto do tempo livre libertador: "[...] penso, porém, que se vislumbra aí uma chance de emancipação que poderia, enfim, contribuir algum dia com a sua parte para que o tempo livre [*Freizet*] se transforme em liberdade [*Freiheit*] Adorno (1995a, p.81). Na verdade, a arte marcial representa uma forma de transcendência, uma expressão da espiritualidade, segundo Leminski, assim como para muitos ela resiste na poesia, música, pintura e na natureza. No entanto, algo ainda mais simples como o saudável e poderoso hábito de caminhar e contemplar a natureza, pode constituir uma ferramenta de resistência ao determinismo que "cada qual se torna um modelo da gigantesca maquinaria econômica que, desde o início não dá folga a ninguém, tanto no trabalho como no descanso, que tanto se assemelha ao trabalho" (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 105). Assim como uma apreciação de uma obra de arte, os cuidados básicos com o corpo, segundo o *zen* envolvem um tipo de arte:

> A arte de um judoca ou de um karateca não é "*una cosa mentale*", como disse Leonardo da pintura. É essencialmente unitária, anterior ou posterior à dicotomia corpo/mente que impregna, sub-repticiamente, todo o pensamento ocidental de Descartes para cá. As origens desse divórcio no indissociável são, claro, de natureza religiosa: a mente do racionalismo ocidental é a filha leiga da alma salvável do cristianismo. Sem direito a além-túmulo, porém (LEMINSKI 2017, p.42).

Essa dinâmica também presente na religião, corroborada pela razão pura, tem lá seus objetivos e, sem dúvida, serve a interesses outros. Denúncia que o propósito fundamental dessa alienação é forjar uma subjetividade coletiva, que não é percebida como parte do projeto de dominação do indivíduo.

Retornando a aspectos sobre a formação de Paulo Leminski em sua infância, é importante perceber que a sua educação desde muito cedo tinha acesso irrestrito a obras clássicas e aos inúmeros gêneros literários. Desse modo, este contato o incentiva a desenvolver cada vez mais um amor especial, não somente às práticas lúdicas, mas também às artes marciais. Leminski tinha, desde muito jovem, apego e verdadeiro amor pelos livros, com ênfase aos estudos de clássicos fundamentais:

> Apesar de ficar a maior parte do tempo sobre os livros, ele não era visto como um aluno exemplar, pelo contrário, era considerado mais um anarquista com ideias próprias e originais. Gostava de nos envolver com questões que ele mesmo definia como "fundamentais" [...] e se destacava por apresentar um nível cultural "bastante" acima dos demais (VAZ, 2001, p.38).

Esta característica também está presente em toda uma geração de escritores engajados em diversos movimentos de renovação da literatura e outras artes. Aspectos importantes, que levaram as obras do autor, e de tantos outros, a serem não só reconhecidas, mas também identificadas como heranças da vanguarda da literatura brasileira, precursora do movimento conhecido como contracultura, movimento este que teve seu auge na década de 1960, quando teve lugar um estilo de mobilização e contestação social, utilizando novos meios de comunicação em massa.

Segundo Sousa (2013), no Brasil os jovens que faziam parte do movimento foram chamados de "udigrudis", "marginais" e "desbundados". A contracultura ficou associada apenas às manifestações artísticas, visão, no entanto questionada por César Augusto de Carvalho. Segundo o autor:

> Os jovens da contracultura no Brasil durante a década de 1980 não eram mais os rebeldes, mas recusam a sociedade de consumo, buscam formas comunitárias de viver, criticam a ciência ocidental e defendem a bandeira ecológica. Assemelhados aos hippies dos anos 60, os jovens alternativos apresentavam, no entanto, uma característica diferenciadora que denunciava uma radical mudança na postura comportamental: no lugar de contestar o sistema, abandoná-lo ou viver à sua margem sua prática

> consistia em negociar alternativas (CARVALHO, 2008, p.19 *apud* SOUZA, 2013. p. 07).

No entanto, Marcuse (1982) acreditava que a revolução proletária só se realizaria com a vanguarda da juventude estudantil e rebeldes da contracultura. O teórico afirma:

> A teoria crítica da sociedade não possui conceito algum que possa cobrir a lacuna entre o presente e o seu futuro; não oferecendo promessa alguma e não ostentando êxito algum, permanece negativa. Assim ela deseja permanecer leal àqueles que, sem esperança, deram e dão sua vida à Grande Recusa. No início da era fascista, Walter Benjamin escreveu: "somente em nome dos desesperançados nos é dada esperança" (MARCUSE, 1982, p.235 a*pud* SOUSA, 2013, p. 08).

A recusa proposta, no entanto, constituiu-se de fato criar um clima cultural, um espaço, ou melhor, um "universo alternativo" contrário à realidade cultural que se fundava na sociedade entregue à indústria cultural, "gerando uma oportunidade de refletir sobre a crise geral da sociedade e da racionalidade, propor novas possibilidades para vida humana, questionar a primazia da lógica da razão, porém sem descartá-la" (SOUSA, 2013. p. 08). Em 1963, já iniciado na arte das letras, e efetivo membro do movimento alternativo da contracultura, Paulo Leminski recém-chegado ao espaço da "poesia marginal", deu um salto para o agitado palco poético do momento. Viajou para a Semana Nacional de Poesia de Vanguarda (UFMG), em Belo Horizonte, evento em que estabeleceu contato com os criadores da Poesia Concreta.

Na Semana Nacional de Poesia de Vanguarda de 1963, em Belo Horizonte, Leminski encontrou os escritores que o inspiravam, e a quem muito admirava: Haroldo de Campos e Augusto de Campos[6] (1931), que em 2015 recebeu a outorga da Ordem do Mérito Cultural

[6] Poeta, tradutor, ensaísta e crítico de literatura e música, publicou seu primeiro livro de poemas, *O rei menos o reino*, em 1951. No ano seguinte, em 1952, publica em companhia de seu irmão Haroldo de Campos, fazendo a revista literária Noigandres, e dando início ao que seria conhecido como grupo Noigandres.Em 25 de Janeiro de 2022, recebeu o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal Fluminense (UFF) em um esforço conjunto do Núcleo de Tradução e Criação (ntc/UFF), do Instituto de Letras da UFF e do Conselho Universitário. A maioria dos seus poemas encontram-se reunidos em Viva Vaia, 1979, Despoesia, 1994 Não, 2003. Outras obras importantes são Poemóbiles (1974) e Caixa Preta (1975), coleções de poemas-objetos em colaboração com o artista plástico e designer Julio Plaza. Seu livro Não poemas (2003) recebeu o prêmio de Livro do Ano, concedido pela Fundação Biblioteca Nacional. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Augusto_de_Campos. Acesso em 24 de nov. 2022.

Brasil. Encontrou também Décio Pignatari[7] (1927-2012), que inicialmente chamou uma especial atenção de Leminski por ter publicado traduções de Dante Alighieri, Goethe e Shakespeare, entre outros, coletânea reunida em Retrato do Amor quando Jovem (1990), além de 231 poemas. Após a participação neste evento, a figura do escritor e poeta Leminski já se estabelecia antes mesmo do acadêmico, que ingressou nos cursos de graduação em Direito, na Universidade Federal do Paraná (UFPR) e em Letras, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, mas não concluiu nenhum deles, de acordo com Vaz (2001), porque precisou ir à luta, mas trabalhando:

> Paulo Leminski nunca foi um aluno regular em nenhuma das faculdades nas quais estava matriculado. Nos dois cursos, chegou a frequentar o primeiro ano, mas foi se afastando aos poucos [...] Sabe-se que ele tinha dois bons motivos para deixar de lado as aulas, em meados de 1964: o principal era o Golpe de Estado de 31 de março, que destituiu o presidente, João Goulart, e inaugurou uma ditadura que se sustentaria por vinte anos, provocando o desmantelamento da vida universitária brasileira. O segundo motivo seria um convite para dar aulas no curso Dr. Abreu para alunos em fase pré-vestibular, onde lhe ofereciam disciplinas de literatura e história. O salário era bom e juntava "a fome com a vontade de comer" e ele aceitou no ato (VAZ, 2001, p. 75).

De acordo com Tonon (2014, p. 08), apenas em 1975 foi lançado seu primeiro livro, a "prosa experimental" *Catatau*, a que tinha se dedicado desde 1968. Mas a cada nova publicação, como destaca Tonon (2014, p. 08), Leminski aperfeiçoava sua escrita, adotando uma linguagem acessível e cativante, seguindo uma forma estratégica própria e original, muito diferenciada dos modelos de produção já existentes. Isso devido às influências que o fizeram desabrochar de vez para o mundo literário, quando voltou inspiradíssimo da Semana

[7] O brilhante e querido professor Décio Pignatari dizia que a poesia é sempre inconclusa e que tudo começou ontem, com os gregos, os mutantes da espécie humana. Sem os limites da monolíngua, ousou sonhar um Brasil internacionalista e propor um projeto político-estético a partir do desenho de uma Paidéia que era um verdadeiro universo "sentipensamental": Souzândrade, Oswald (o grande filósofo da antropofagia que um dia lhe aconselhou: "eu ensinaria até o que não sei"), Mallarmé, Joyce, Eliot, Pound, Cummings, mas também, Alcântara Machado, um certo Drummond, João Cabral, Guimarães Rosa e, sobretudo, Dyonelio Machado Como teórico da comunicação, traduziu obras de Marshall McLuhan e publicou o ensaio Informação, Linguagem e Comunicação (1968). Em 1950, publicou seu primeiro livro de poesias, Carrossel. Sua obra poética está reunida em Poesia Pois é Poesia (1977). Com Livio Tragtenberg e Wilson Sukorski escreveu a Ópera Temperamental (com belíssimo material gráfico desenhado pelo Chico Homem de Melo). Criou o nome Lubrax, a marca do Mobral, colaborou com o Wollner, fundou a Associação Brasileira de Desenho Industrial e, com o Jakobson, a Associação Internacional de Semiótica, em Paris . Fonte: Homenagem ao professor Décio Pgnatari. Pós FAUUSP, v. 19, n. 32, p. 270-272, 2012

Nacional de Poesia da Vanguarda em Belo Horizonte[8], onde se reunira à fina flor da *intelligentsia brasileira*. Como relata Vaz:

> O que aconteceria nesta semana de tertúlias aos pés das Alterosas seria decisivo na sua vida. Além do grupo de poesia concreta – incluindo o professor Décio Pignatari, um especialista da nova linguagem dos signos, a semiótica, a sua mulher Lila [...] e relatou Augusto de Campos: Ele era muito novo, mas já tinha um entendimento e uma identificação com o nosso trabalho como nenhum outro poeta naqueles anos. (VAZ, 2001, p.68-69).

É certo que desde então "passou a ter admiração especial por obras e autores considerados exagerados ou difíceis" (VAZ (2001, p.71). Na verdade, não parava de trabalhar, ficando horas a fio em bibliotecas, envolto em pesquisas e escrituras. Escreveu carta a Augusto de Campos, a 23 de agosto de 1963, um dia antes de completar 19 anos, relatando o impacto daquela semana em sua vida, o quanto estava engajado e determinado a se tornar um representante daquela promissora escola de escritores. Mas na verdade, ele foi além:

> Fiz na biblioteca pública uma conferência sobre poesia de vanguarda. Tenho estudado um bocado: traduzo Maiakovski, haicais japoneses, leio uma infinidade de poetas, escrevo muito também prosa e poesia de vanguarda. Tenho feito aqui um bom movimento pró poesia de vanguarda. Entrevistas, palestras de esquina [...] (...) (VAZ, 2001, p.74).

Isso, sem dúvida, destaca Tonon (2014, p. 08), influenciaram suas composições e originalidade de seu estilo, inspirado nos conceitos da poesia concretista e em Ezra Pound (1885-1972). Segundo Vaz (2001), é de Pound que Leminski herdaria diversos elementos para a estruturação de sua poética, por exemplo, o rompimento com as tradições literárias, inclusive com a ideia de que a poesia deve falar de sentimentos. "Aprendeu também o

[8] Em 30 de setembro de 1963, acontecia no saguão da Reitoria da UFMG a Semana nacional de poesia de vanguarda, evento em que muitos dos principais nomes da poesia brasileira se reuniram para expor suas obras aos demais e ao público e para discutir os rumos da literatura feita no país. Se naquela ocasião as obras expostas remeteriam a nomes como os paulistas Augusto e Haroldo de Campos e ao mineiro Affonso Ávila, na mostra de hoje se somam a eles expoentes de uma vanguarda mais recente e mesmo atual, como Arnaldo Antunes, Carlos Ávila, Paulo Leminski e Ricardo Aleixo. Disponível em https://www.ufmg.br/online/arquivos/030171.shtml. Acesso em 14 de ago. de 2022.

conceito de tradução criativa, que chamaria de *Trasncriação*. Segundo Vaz (2001, p. 69) após o encontro de poesia de vanguarda em 30 de setembro de 1963:

> Leminski aceitou o convite de Augusto de Campos, e sua esposa Lygia, e decidiu fazer uma escala em São Paulo, por uma noite, antes de voltar a Curitiba. Os três viajaram de ônibus durante o dia, conversando sobre vários assuntos, especialmente sobre uma edição dos *Cantos*, de Pound, que Augusto tinha em São Paulo. Augusto lembra-se que ele ficou muito excitado em poder consultar a obra no original em inglês: Quando chegamos em casa, ele não dormiu, ficou lendo *Cantos* até amanhecer. Eu fiquei impressionado. Ele era muito novo e tinha um entendimento e uma identificação com o nosso trabalho como nenhum outro poeta naqueles anos (VAZ, 2001. p. 69).

Outras diversas influências fizeram parte do processo criativo de Leminski, não apenas a poesia concreta. Seu trabalho como redator em jornais, e também editor nas recém-criadas empresas de comunicação e publicidade em Curitiba, possibilitou a ele uma penetração maior no mercado editorial. Segundo Vaz (2001, p. 115), enquanto trabalhava nas diversas redações, Leminski jamais deixaria de escrever *Catatau*, sua primeira grande obra prima literária lançada em 1975. Houveram muitas críticas dirigidas a obra sobre a sua prosa ininteligível, que explora o limite entre a prosa e poesia. O autor o classificou como romance ideia, que foi inspirado por obras de Haroldo de Campos, James Joyce e Guimarães Rosa.

O que se sabe é que "[...] em agosto daquele ano, quando completaria 29 anos, Leminski estava com a agenda cheia, e começando com duas palestras na Escola de Belas Artes, pelas quais receberia 600 cruzeiros de pagamento [...]" (VAZ, 2001, p.157). Mas, no capítulo três, explicaremos, em detalhes, que, em meados da década de 1970, o poeta já estava envolvido com mundo da publicidade, atividade profissional que exerceu durante muitos anos, bem como colaborou para a diversificação e aguçamento de sua visão crítica sobre o mercado editorial. Pois, no início, esse mercado não era exclusivo de profissionais da área de comunicação e marketing, dando assim oportunidade para vários escritores, fotógrafos, desenhistas, dentre outros artistas. A primeira faculdade de comunicação no Sul do país foi criada somente no final da década de 1990, segundo o documentário "A Cidade,

a Propaganda e o Polaco”[9] que revela a história da publicidade e do marketing em Curitiba e no Brasil, nas décadas de 1970 e 1980.

Na sequência, citamos as obras poéticas de Leminski, que publica em 1976 em forma de portfólio, *Quarenta clics em Curitiba,* seu segundo livro que combinava fotos de Jack Pires e poemas de Paulo Leminski. Conforme nota do editor do livro *Toda Poesia,* produção que reuniu toda a obra poética de Paulo Leminski, que o relança em 2012:

> Conforme diz Leminski na introdução da obra *original*, “Nenhum texto foi escrito para uma foto. Foi buscada a relação/contradição texto/foto. Os poemas estavam prontos já”. Dado que os poemas são anteriores às fotos, optamos por reproduzir aqui apenas os textos, sem as imagens. Alguns poemas de *Quarenta clics* constam de *Caprichos & relaxos* e *La vie en close*, com pequenas modificações. Nesses casos, optamos por mantê-los apenas nos livros posteriores, mais representativos da obra de Leminski, em sua versão definitiva (LEMINSKI, 2012, p. 08).

Em 1980, Leminski publicou duas produções independentes: *Não fosse isso e era menos não fosse tanto e era quase*, edição oferecida a Leminski como presente pelos amigos do estúdio Zap de fotografia, e *Polonaises. Caprichos & relaxos* lançado, em 1983, pela editora Brasiliense, que reúne quase toda a poesia escrita por Leminski até aquela data. O editor destaca:

> Os poemas da seção “Invenções” também já haviam saído nos volumes 4 (dezembro de 1964) e 5 (dezembro de 1966) de *Invenção: Revista de Arte e Vanguarda*, iniciativa do grupo concretista que logo adotou Leminski: Augusto e Haroldo de Campos e Décio Pignatari. No apêndice deste volume, reproduzimos a apresentação de Haroldo de Campos e o texto de quarta capa de Caetano Veloso, que integram a primeira edição de *Caprichos & Relaxos* (LEMINSKI, 2012, p. 18).

No início da década de 1980, o artista recebe certo destaque da crítica, que comenta com entusiasmo sua obra *Catatau*, além das suas composições musicais, iniciando com *Verdura*, gravada por Caetano Veloso, em 1981, no LP *Outras Palavras.* Em 1984, publica

[9] Qual a relação do poeta Paulo Leminski com a propaganda paranaense? Veja no documentário "A Cidade, a Propaganda e o Polaco" faz parte do trabalho de conclusão do curso de História do André Konell pela UFPR. Colaboração especial do roteirista e diretor de cena Glauber Gorski na produção e finalização. Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=gwAPs7vTw5w Acesso em 06 de nov. 2022.

ainda, pela Brasiliense, a biografia *Jesus a. C.* que comporia o livro *Vida*, uma rica coletânea de biografias escritas por Leminski na década de 1980. Alice Ruiz, esposa e curadora do acervo do poeta, relata: "Um dos sonhos de Paulo Leminski se realizou neste volume, que publicado originalmente pela editora Sulina em 1990, reúne as biografias de seus modelos principais" (LEMINSKI, 2013. p. 11). A obra *Vida* foi relançada em 2013 pela Companhia das letras, traz em seu prefácio o depoimento de Paulo Leminski datado de 24 de junho de 1985, encontrado em seus escritos:

> Com os três livros que publiquei, Cruz e Sousa, Bashô, e o que agora estou escrevendo sobre Trotsky, quero fazer um ciclo de biografias que, um dia pretendo publicar num só volume chamado Vida. São quatro modos de como a vida pode se manifestar: a vida de um poeta negro de Santa Catarina, simbolista, que se chamou Cruz e Sousa; Bashô, um japonês que abandonou a classe samurai para se dedicar apenas à poesia e é considerado o pai do *haikai*; Jesus, profeta judeu que propôs uma mensagem que está viva dois mil anos depois; Trotski o político, militar, o ideólogo, que ao lado de Lênin realizou a grande Revolução Russa, a maior de todas as revoluções porque transformou de tal maneira a sociedade e os homens - *de tal maneira que hoje a sociedade está dividida em dois blocos: o ocidental e o oriental* (LEMINSKI, 2013. p.10 - Grifos nossos).

Tonon (2014, p. 09) relata ainda que, além de tudo isso, Paulo Leminski iniciou o trabalho como tradutor de várias obras importantes, destacando ainda mais sua versatilidade e talento. Em 1987, lançou seus últimos livros em vida: a coletânea de poemas *Distraídos venceremos*, pela Brasiliense; e *Fogo e água na terra dos deuses* poesia egípcia antiga, pela editora Expressão. E por fim, em uma de suas raras incursões pela literatura infanto-juvenil, foi somente em 1988, quando Leminski ainda morava em São Paulo, que publicou seu último livro, o infanto-juvenil *Guerra dentro da gente*.

Em junho de 1989 o poeta faleceu, mas já nos anos seguintes foram publicados os volumes *La vie en close* e *Metaformose – uma viagem pelo imaginário grego*, *Winterverno* e *O Ex-estranho*. Além disso, as suas mais recentes publicações são: *Ensaios e anseios crípticos* (2012) e *Toda Poesia* (2012) que foram organizadas por Alice Ruiz, esposa e curadora do acervo do escritor e Áurea Leminski, filha e também curadora da exposição Múltiplo Leminski, dedicada à divulgação de suas obras. Já mais recentemente, saiu a obra *A hora da lâmina*: últimos textos-ninja de Paulo Leminski (2017), que foi produzida e publicada pela editora Grafatório, organizada por Fábio Melhado em uma edição comemorativa única de 300 unidades. Mas, como diz Tonon (2014):

> A sucinta e prolífica trajetória de publicações serve para mostrar que estamos diante de uma produção elaborada em um breve espaço de tempo e que se lança em direções variadas, como evidenciam as referências tão díspares a que o poeta se dedicou em traduções e biografias, como pelas variadas esferas de trabalho – poesia, prosa, crítica, música, tradução, publicidade, televisão (TONON, 2014, p. 10).

As obras aqui mencionadas fazem parte da biografia de um poeta e humanista, que inegavelmente possuía uma formação sólida e diversa, destacando-se por apresentar um nível cultural bastante elevado, com uma produção literária que priorizava, diríamos, uma estética das contradições, lançando mão inclusive, de muitos questionamentos sobre as próprias origens. Era dotado de "raça" no sentido usado para significar determinação e brio, uma certa disposição férrea de encarar o trabalho e a vida, visto que atravessava as noites estudando e escrevendo (VAZ, 2001, p. 55). No entanto, Leminski (2012. p.115) não romantiza tal situação, inclusive era crítico desses *modus operandi* herdados do trabalhador obediente, chegou a criticar profundamente a "mística imigrante do trabalho" que censurava os gestos gratuitos sem finalidade precisa, dizendo: "é preciso não confundir liberdade com *libertinagem*. Ora, artisticamente e existencialmente, não há liberdade sem libertinagem", assim aprofunda e explica sua crítica no ensaio "*Sem sexo, neca de criação"*:

> O preço do trabalho é a nossa sensualidade. A nossa sensorialidade. A nossa capacidade de jogar e brincar. E, com isso, nossa fruição de uma vida sexual realmente plena e integral. As sociedades centradas sobre o trabalho, como a nossa, são sociedades cheias de problemas sexuais. Negando, reprimindo, tendo suas energias canalizadas para outras finalidades, o sexo se vinga em impotência, frigidez, inibição, insuficiências (LEMINSKI, 2012, p. 113).

Nesta crítica, o poeta ressalta aspectos culturais que envolvem conceitos presentes na obra *O Mal-Estar na Civilização* (1930), escrito por Freud, em 1929. Nesse ensaio, Freud expõe aspectos do que entende como fatores geradores de sintomas de neurose na sociedade, na qual a própria ação do homem é originadora do sofrimento humano como fato social, que se serve da análise de fatores históricos e sociais presentes em todos os tipos de cultura. Como destaca Leminski, a pressão social e o determinismo econômico da classe média, naturalizam o sofrimento e resignação no cotidiano urbano:

> Em Curitiba (como em todo o Paraná) - e creio em todas as grandes capitais cosmopolitas - existe o que se pode entender como a "mística do trabalho", herança equivocada dos imigrantes alemães, italianos e polacos, emprenhados em se convencer de que o trabalho dignifica a vida. Uma ideia certamente criada por aqueles que se consideravam irremediavelmente "por baixo" na escala social (VAZ, 2001, p. 51- Grifos nossos).

Culturalmente, o homem submete-se a um estado permanente de vigilância, orientado por mecanismos sociais de repreensão e culpa que são criados por normas morais e religiosas que têm como finalidade garantir o equilíbrio natural e social da civilização. "Portanto, reconhecemos o alto nível cultural de um país quando vemos que nele se cultiva e adequadamente se providencia tudo o que o serve para a exploração da Terra pelo homem (e do próprio homem) para tudo o que lhe é proveitoso" Freud (2011a, p. 37). Complementando essa conclusão freudiana, o homem civilizado também se preocupa em humanizar suas atividades culturais de autopreservação[10], incluindo ações que envolvam o contato com a natureza, a arte, a literatura, e toda beleza estética subjetiva, das mais elevadas atividades e potencialidades presentes no universo material e imaterial da sociedade moderna.

Nesse sentido, Adorno (1995a) alerta que "numa época de integração social sem precedentes, fica difícil estabelecer, de forma geral, o que resta nas pessoas, além do determinado pelas funções" (p.71). São considerados raros e privilegiados os momentos dedicados ao prazer, como destaca o autor, portanto, grande é o privilégio daqueles que pela característica de sua função ou trabalho, ainda podem gozar de raros momentos de fruição de um bom livro, apreciação de uma obra de arte ou algo qualitativamente distinto e muito mais grato que o tempo preenchido pelo trabalho. Leminski (2012) e sua crítica ressaltam que já é de conhecimento de psicólogos e sociólogos que observam e realizam pesquisas há anos sobre os efeitos negativos, devido a essa adequação e normatização, presentes, sobretudo nas sociedades industrializadas e desenvolvidas. Freud (2011a) destaca:

[10] Proteção contra a destruição ou lesão de si mesmo; tendência natural ou instintiva para agir em função de preservar a própria existência. Sendo a autodestruição, ato ou efeito de autodestruir-se. (MALDONADO, 2014, p.55).

> Descobriu-se que o homem se torna neurótico porque não pode suportar a medida de privação que a sociedade lhe impõe, em prol de seus ideais culturais, e conclui-se então que, se estas exigências fossem abolidas ou bem atenuadas, isto significaria um retorno à possibilidade de "felicidade" (p. 32).

Freud observa, então, rupturas com os sistemas morais e religiosos, que antes impediam o homem de realizar plenamente seus desejos, guiados pela pulsão de vida[11], desejos muitas vezes sexuais, silenciados e aprisionados no corpo. Essa predisposição, antes compreendida como instinto, ressurge vez ou outra, rebelando-se contra todos os argumentos. Sabedor desses conceitos, Leminski reforça e produz debates calorosos sobre o tema, não só a partir de suas poesias, mas, sobretudo em seus ensaios. Por isso, explica:

> Desde Freud e sua escola, sabemos que dois princípios combatem dentro da gente: o princípio do prazer e o da realidade. O princípio do prazer está ligado a nossas vivências infantis, ao pulsar originário que nos leva à satisfação dos desejos mais simples e primários; o princípio da realidade vem depois e nos é imposto pela escola e pelos relógios. à medida que crescemos, o princípio da realidade começa a invadir o território do prazer, disciplinando-o, coagindo-o, reprimindo-o, para fazer de nós cidadãos dóceis e integrados nos planos e metas sociais, elaborados sem a nossa participação (LEMINSKI, 2012, p. 116).

Um traço marcante de "todas as suas teses que, incluíam como elementos inerentes ao discurso, a polêmica e a provocação" (VAZ, 2001, p.51), é que ele sabia ilustrar todo seu conhecimento histórico, mantendo sempre o tom crítico que nos faz refletir sobre as consequências do avanço histórico do capitalismo, além das profundas transformações, ou melhor, deformações que haveriam de impactar a maneira de ver a vida de inúmeros povos, que resignados, sofridos, porém esperançosos, desembarcaram aos milhares por aqui. Suas críticas às heranças históricas, é que nos levam a refletir, inclusive, sobre a carga de resistência contida no seu papel de receptor e consumidor de produtos da indústria cultural. Conclui: "O leitor já adivinhou que a criatividade artística está intimamente ligada ao pleno desenvolvimento do princípio do prazer, a arte sendo uma modalidade de jogo e o jogo,

[11] Sigmund Freud descobriu que todos nós temos um impulso para a vida e tudo o que é construtivo, que denominou de "pulsão de vida". No entanto, também temos o impulso oposto que se inclina para a morte e a destruição, que ele chamou de "pulsão de morte". Segundo Freud, antes de se tornarem independentes, as pulsões sexuais se apoiam nas pulsões de autoconservação, as quais lhe fornecem uma fonte orgânica, uma direção e um objeto. (MALDONADO, 2014, p. 354).

como atividade livre do espírito, a mais alta atividade do homem" (LEMINSKI, 2012. p. 117). No entanto, Adorno (1995a), novamente alerta, que na sociedade administrada, no tempo livre, "se prolonga a não-liberdade, tão desconhecida da maioria das pessoas não-livres com a sua não-liberdade em si mesma" (ADORNO, 1995ª, p.71). Mesmo diante de todos os avanços tecnológicos, inclusive da incorporação de mão de obra estrangeira, ou melhor, a força de trabalho não alteraria a cultura incutida em diferentes nações em processo de industrialização.

A própria composição de nossa nação, que é formada de diferentes culturas, herda traços, por força de razões históricas, de outras nações: perseguições políticas e raciais, um surto de cólera que atingiu a Ucrânia por exemplo, e ainda, o sempre cultivado sonho de um mundo "novo e produtivo" (VAZ, 2001, p.20). Estes imigrantes traziam consigo as convicções proletárias, as tradições, história e rica cultura estrangeira corporificada na nova força de trabalho, tendo em vista que:

> O investimento estrangeiro na América Latina atingiu níveis assombrosos nos anos de 1880, quando a extensão da rede ferroviária argentina foi quintuplicada, e tanto a Argentina como o Brasil atraíram até 200 mil imigrantes por ano[...] Já nesse período, muitos alertavam sobre um possível colapso na economia e uma "Grande depressão" provocada por uma crise de endividamento internacional muito semelhante à de 1980 (HOBSBAWN, 1988, p.59).

Poesias, músicas e ensaios de Leminski revelam críticas a uma educação voltada para fins de controle social e administração das classes trabalhadoras. Como ressalta em seu ensaio *Corpo não mente*[12], publicado originalmente na Revista Corpo a Corpo, em 1987, que denunciava que essa divisão servia claramente ao propósito da divisão do trabalho, com seu projeto de racionalização da força trabalhista e da fragmentação dos processos mentais. Isso tudo reflete no interior do homem e em seu modo de existir, tendo sua realidade diminuída e reduzindo também sua capacidade de agir e de pensar sobre seu propósito na vida. Leminski diz:

[12] "Corpo não mente" é um dos últimos textos assinados por Paulo Leminski, apenas três meses antes de sua morte, em 1989. Aqui, tentamos transformar em vídeo as palavras do próprio Leminski, que deixam lições fundamentais sobre dignidade e integridade. Recomendamos ver a interpretação dos últimos textos do poeta em um vídeo produzido pela https://www.youtube.com/@MeteoroBrasil. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=NI7_AKITbnM > Acesso em 05 de nov. 2022.

> *Integrar mente e corpo é voltar ao paraíso* que só conseguimos experimentar em momentos privilegiados: a pessoas desintegradas, o paraíso também é vivido sob a forma de fragmento. Um dos momentos mais radicais da divisão do trabalho está na separação entre trabalho braçal e intelectual. [...] E certas práticas religiosas como o jejum, a castidade, o silêncio e a busca do desconforto físico concorrem poderosamente para acelerar a cisão entre corpo e mente (LEMINSKI, 2017, p. 43 - Grifos nossos).

O fato é que a sociedade administrada, sob a égide do capitalismo, beneficiou-se em demasia proclamando a ideia de que a prosperidade e a riqueza de um indivíduo só dependiam do quão fosse capaz de dedicar-se ao máximo ao trabalho, ser produtivo, útil e servil. Neste contexto, destacamos o pensamento de Marx (2004) mostrando o quão atual é a contradição cultural, filosófica e econômica que resiste na contemporaneidade, pois:

> O trabalhador se torna tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão. O trabalhador se torna uma mercadoria tão mais barata quanto mais mercadorias cria. Com a valorização do mundo das coisas (*Sachenwelt*) aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens (*Menschenwelt*). O trabalho não produz somente mercadorias; ele produz a si mesmo e ao trabalhador como uma mercadoria, e isto na medida em que produz, de fato, mercadorias em geral (MARX, 2004, p. 80).

Nesse sentido, não podemos vislumbrar uma reação espontânea de uma sociedade padronizada e programada para não pensar, refletir e questionar seu passado histórico. Ela há muito se deixou hipnotizar e governar pela tela da TV e agora do celular, sem jamais questionar a realidade. Não resistindo e já não reagindo racionalmente, a massa[13] segue sem muito questionar, aderindo a uma *cultura pocket* superficial, é simplesmente movida por aparelhos e aparatos, *fakes* (falsificações) e não fatos, levada a navegar na nova onda tecnológica, guiada como rebanho obediente e "inconsciente", na verdade, pedindo para ser guiada, administrada e governada.

[13] O conceito de "massa" foi definido por Theodor W. Adorno e Max Horkheimer na obra "Temas básicos da Sociologia" a partir de estudos sobre psicologia das massas (HORKHEIMER; ADORNO, 1973, 78-92), área que estabelece uma ponte entre a psicanálise e as ciências sociais. Os autores historicizaram o termo de Le Bon a Freud, estando muito próxima deste último a conceituação definida por eles. De acordo com Le Bon, expoente psicólogo social e sociólogo francês atuante entre fins do século XIX e início do XX, a massa só teria poder destrutivo à medida que representaria a fase da barbárie, a fase final da vida dos povos e das culturas.

Portanto, a cultura moderna matou o processo de individuação, pois "[...] cultura seria a manifestação da pura essência do homem, sem consideração pelas condições de funcionamento da sociedade" (ADORNO, 2020, p. 242). Mas priorizou-se o caráter técnico científico nas relações de trabalho, deixando de enxergar o homem em sua individualidade e totalidade. Contribuíram para essa realidade as inúmeras transformações, intensificadas desde o final do século XIX, momento em que foram integradas paulatinamente ao cotidiano tanto dos operários (proletariado) e dos chamados colarinhos brancos (auxiliares administrativos), os princípios de uma educação advinda de crença cega nas novas tecnologias e inovações, segundo Hobsbawm (1988):

> A revolução tecnológica saltava aos olhos. E foi nessa época que o telefone e o telégrafo sem fio, o fonógrafo e o cinema, o automóvel e o avião passaram a fazer parte do cenário da vida moderna, e outras inúmeras inovações científicas. Deu-se então força a atualização da primeira revolução industrial, através do aperfeiçoamento das tecnologias a vapor, do ferro, da eletricidade, na química e no motor a combustão (HOBSBAWM, 1988 p.81).

Criamos uma massa preparada, ainda que precariamente, de operários semiformados e minimamente capacitados. Isto é, indivíduos capazes de atuarem sob o signo da transformação e do "*modus operandi* da empresa capitalista, que levou a distinção de *empresa* e *grande empresa*. Esses indivíduos foram engolidos e processados, pela tentativa sistemática de racionalizar a produção aplicando os "*métodos científicos*" (HOBSBAWM, 1988 p.82). Como destacam Costa & Zanolla (2020):

> Adorno e Horkheimer (1985) criticam os rumos do desenvolvimento da racionalidade moderna incompatíveis com a promessa de liberdade e esclarecimento disseminado pelo projeto burguês. A racionalidade instrumental tornou-se proeminente e hegemônica, eliminando do pensamento a liberdade e a autonomia (COSTA; ZANOLLA, 2020, p. 67).

Fundava-se assim, uma cultura oriunda da Europa, e posteriormente dos Estados Unidos, que fomentava investir em projetos de uma educação técnica utilitarista, que criaria desde então, o clima perfeito para o surgimento, em meados do século XX, do conceito que mais tarde Adorno nomearia *cultura de massas.* Embora, esse termo tenha sido substituído por *Indústria cultural* na obra *Dialética do esclarecimento* (1947), "livro redigido num

momento em que já se podia enxergar o fim do terror do nacional-socialista" (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.09). Nessa obra, os autores abordam as relações de convivência das massas como modelo de cultura que instaura o poder da mecanização sobre o homem, reproduzindo elementos do mundo industrial moderno, produzindo, contraditoriamente mais desumanização, em um mundo que criava condições mais favoráveis para a implantação de seu comércio fraudulento, como destaca Hobsbawm (1988):

> Uma transformação no mercado de bens de consumo: tanto qualitativa, quanto quantitativa. Com o aumento da urbanização e da população, bem como da renda real, o mercado de massa, até então restrito à alimentação e vestuário, ou seja, às necessidades básicas e bens de consumo[...] Isso repercute diretamente com outro fator: O da produção mundial, emergindo o que vem a ser "produção em massa" (p.81-82)

Os avanços tecnológicos e a indústria cultural ganham cada vez mais espaço e força e "a partir do momento em que as mercadorias, com o fim do livre intercâmbio, perderam todas suas qualidades econômicas salvo seu caráter de fetiche, este se espalhou como uma paralisia sobre a vida da sociedade" (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.35). Logo, como toda sociedade industrial urbana, Leminski desde muito jovem teve amplo acesso a todas as "comodidades", "facilidades" e "benesses" do avanço da indústria cultural. Num momento em que meios de comunicação permitiriam sua convivência um tanto quanto pacífica com os já conhecidos produtos culturais de massa, relata Vaz (2001):

> Leminski acompanhou o nascimento das rádios, que explodiam com o sucesso dos programas de auditório; viveu plenamente o surgimento dos grandes jornais da cidade: Última hora, Diário do Paraná, Gazeta do Povo e Estado do Paraná, com os quais estreitou relacionamento desde de cedo. Aos 17 anos publicava crônicas e poesias no boletim do Colégio Estadual do Paraná. A cultura popular da cidade se manifestava com naturalidade diante de seu olhos, revelando talentos que atravessaram décadas com entidades-símbolo de vários segmentos de criação; a dupla sertaneja Nho Belarmino e Nhá Gabriela, além de pioneira, tinha identidade local e perpetuou um estilo; o Circo Irmãos Queirolo, com o lendário palhaço Chic-Chic, contava com a herança e a tradição circense do uruguaio Otelo Queirolo, mas podia ser considerado como um "produto" de Curitiba, onde divertiu gerações e criou raízes...e nunca mais saiu (VAZ, 2001, 56).

Até aqui, a intenção foi de refazer a devida referência biografia e a trajetória do autor, traçando um paralelo com o impacto do desenvolvimento tecnológico e cultural de um

momento histórico, que influenciou e marcou a sua obra. Fatos que podem ter influenciado seu comportamento de recusa e de resistência, contrariando a norma vigente de adesão e submissão à indústria cultural, conforme detalham Costa e Zanolla (2020):

> A indústria cultural vai administrando de forma inconteste os desejos das massas e ludibriando-as com a promessa de uma vã felicidade, pois tudo o que a elas é prometido não passa de um invólucro mágico, isto é, "fetichista", de acordo com Marx (1988), tanto no que concerne ao consumo da mercadoria como no que diz respeito ao consumo do entretenimento (p. 39).

Entendemos ser importante perceber como Paulo Leminski vivenciou todas essas contradições, como foi ou não transformado e impactado, pelo contexto de histórias, experiências e vivências, até o dia de sua morte em 7 de junho de 1989. Leminski deixou um acervo e um legado que o imortaliza como um dos maiores escritores da literatura brasileira, inclusive influenciador de uma nova geração de artistas e escritores.

1.2 O Múltiplo Paulo Leminski

Comemorando o nascimento do autor, que em 28 de agosto de 2022 faria 78 anos de idade, o jornal "*Opção Cultural"*[14] publicou uma matéria em que vários escritores, artistas e músicos relatam como a sua influência impactou a cultura brasileira. Leminski experimentou diversas linguagens artísticas com uma rica obra poética, de prosa experimental, tradução, ensaios e composições musicais. Segundo o redator da matéria, esse trabalho tão múltiplo e plural inspirou criadores de diversas gerações e estilos, indo da música até os quadrinhos, é o caso do premiado quadrinista Camilo Solano; dos compositores e cantores como Arnaldo Antunes, Caetano Veloso e Itamar Assumpção; e da escritora Alice Ruiz, com quem foi casado. Sobre essa união Alice diz:

> Conheci Leminski ainda no final da adolescência, início da vida adulta, quando ainda não tinha tantas pretensões artísticas, mas já escrevia muito, muita poesia. Sempre gostei da palavra, do poder da síntese e amplificação

[14] Matéria publicada e assinada pela Redação do Jornal Opção em 28 agosto 2022 em comemoração 78º aniversário do escritor curitibano - *Artistas comentam influência da obra de Paulo Leminski* . Fonte: https://www.jornalopcao.com.br/opcao-cultural/artistas-comentam-influencia-da-obra-de-paulo-leminski-424704/ Acesso em 09 de nov. de 2022.

> dos sentidos internos, quando organizadas em poesia. Então foi aquele choque de 'como não havia conhecido isso antes?'. Depois de mergulhar no 'Toda Poesia' e conhecer um pouco do trabalho também escoado em forma de música, por 'Luzes', gravada por Arnaldo Antunes, fui tomando ainda mais apreço. Quando um pouco mais à frente, reencontro 'Dor elegante' de Leminski no álbum 'Pretobrás' de Itamar Assumpção foi mais um impacto e deslumbre. A identificação que chega pelo conteúdo lírico e passa também pela forma que entrega, já que, como compositor, sempre é algo que me chama atenção. Leminski é atemporal e está vivo nas cabeças feitas por sua poesia, reflete o compositor vencedor do Prêmio Multishow DOSSEL (Jornal Opção - 28 /08/2022).

As composições e a poesia de Leminski influenciaram a nata intelectualizada de uma geração rica de escritores, compositores e músicos. Foi criativo e inovador em um dos períodos mais efervescentes e criativos da cultura brasileira. Conforme relata o cantor e compositor Arnaldo Antunes, que tem como um dos grandes sucessos de sua carreira solo a canção Luzes (1994) de Paulo Leminski:

> Tem essas diferentes vertentes (da cultura e da contracultura; do repertório mais intelectualizado e da cultura de massas) que, no caso de muitas pessoas, se opõem, mas na minha formação se conjugaram e se atritam de modo a criar curtos-circuitos muito férteis. Um poeta que viveu entre essas pontes foi o Paulo Leminski, que chegava à minha casa de casaco de couro para ouvir um disco de rock do *The Clash*, por exemplo, mas que tinha uma cultura clássica enorme. Era leitor de Homero, Dante, Camões, tinha um conhecimento da cultura oriental impressionante, dos poetas da antiguidade chinesa, dos haicais, da tradição do *zen*, além de ser faixa preta de judô. E ao mesmo tempo curtia rock e todo o panorama de possibilidades que a cultura pop introduziu. Creio que essa cultura clássica convivia sem traumas com a atitude comportamental irreverente, com a paixão pela contracultura e tudo que cercava o universo do *rock and roll.* Eu me sinto muito identificado com ele, nesse sentido (Jornal Opção - 28 /08/2022).

A criatividade, a irreverência e até mesmo uma dose de alegria crítica marcaram a obra desse artista, que mesmo nos seus textos finais não trata de queixa, arrependimento, angústia ou medo. Ausência de medo, que não pode ser confundida com uma despreocupação com a seriedade da realidade, inclusive, da sua própria finitude. É importante acrescentar que, em seu ensaio *A arte é alegre?* Adorno (2001) afirma:

> O alegre na arte é, se quisermos, o contrário do que se poderia levianamente assumir como tal: não se trata de seu conteúdo, mas de seu procedimento, do abstrato de que sobretudo é arte por abrir-se à realidade

> cuja violência ao mesmo tempo denúncia. Daí o pensamento do filósofo Schiller, que reconheceu a alegria da arte no lúdico e não em seu conteúdo espiritual, mesmo quando transcende o idealismo. A priori, antes de suas obras, a arte é uma crítica da feroz seriedade que a realidade impõe sobre os seres humanos (ADORNO, 2001, p. 12).

Portanto, há algo de verdade e de resistência, crítica e de certa forma, até humor, na trivialidade da alegria da arte. "Se ela não fosse, sob alguma mediação qualquer, fonte de alegria para muitos homens, não teria conseguido sobreviver na mera existência que contradiz e a que opõe resistência" (ADORNO, 2001, p. 12). No entanto, sem pessimismo, Leminski fala de forma sóbria sobre a necessidade de nos prepararmos para as adversidades e para a "pedestre arte da guerra" do cotidiano, de forma corajosa.

Leminski também nos coloca diante da realidade da impossibilidade de prever o futuro, mas nos encoraja a gozar do status de plena liberdade "e querer ser exatamente o que a gente é, lembra o poeta, vai nos levar além" (MELHADO, 2017, p. 15). Esse trecho do poema *Incenso fosse música*, segundo Rebeca Fuks[15]: "convida o leitor a experimentar ser aquilo que se é, sem medos ou amarras, prometendo uma recompensa caso seja realizado o mergulho interior proposto". Assim, com uma linguagem casual e cotidiana, propõe-nos um desafio de autoconhecimento. A proposta é manter vivo o desejo de ousar ir além, seja com base na ciência, na arte ou na filosofia, conforme versa a Teoria Crítica da Sociedade. Portanto, propõe reflexões numa perspectiva multívoca que busca "enfrentam as contradições de um arcabouço racional em constante interface com fatores sociológicos, históricos, filosóficos e psicológicos do objeto, fatores estes permeados pelo complexo elo entre sociedade e indivíduo" (ZANOLLA; PEREIRA; PINTO, 2018, p. 336). Desse modo, Leminski, frequentemente, promoveu intensos debates sobre todas as coisas que lhe despertavam curiosidade e que, segundo Vaz (2001, p. 38) envolvia questões fundamentais que requerem do autor um elevado nível cultural fundamentado em conhecimentos sólidos.

Leminski, cita Vaz (2001), em vários trechos de sua biografia, deixa clara a sua preferência por leituras sobre grandes pensadores, desde a Antiguidade Clássica grega. E segundo Zanolla, Pereira e Pinto (2018), "foram autores como Platão e Aristóteles, aqueles cuja contribuição lançou as bases para o pensamento moderno, como, Kant, Hegel, Marx,

[15] Rebeca Fuks - Doutora em Estudos da Cultura que publicou a análise dos 10 poemas mais conhecidos de Paulo Leminski, que estão na obra *Toda poesia* reeditada em 2013. Fonte: https://www.culturagenial.com/leminski-melhores-poemas/. Acesso em 22 de nov. 2022.

Weber e Freud", entre tantos. Portanto, os referidos teóricos proporcionaram múltiplas perspectivas e nexos entre as diversas áreas de saberes e a própria teoria do conhecimento, sem os quais, seria impossível, pela complexidade, apresentar de uma vez essas contribuições em sua totalidade.

Em 2012, a exposição "Múltiplo Leminski" completou 10 anos de exibição, levando a vida e a obra do escritor, inclusive, para além das fronteiras do Brasil. Conforme matéria publicada em 02/08/2022, no Portal de notícias G1[16] , divulgando a chegada da exposição em Cascavel (PR), houve acesso gratuito ao rico acervo de Paulo Leminski. O alcance que essa exposição obteve democratiza e "amplia o conhecimento da obra do artista que, apesar de um ícone da poesia caminhou com desenvoltura por diversas expressões artísticas como os contos, romances, traduções e composições musicais", segundo as curadoras do evento: Alice Ruiz, esposa do escritor; e Áurea Leminski e Estrela Ruiz, filhas do poeta Paulo Leminski.

Entre os diversos temas, gêneros e assuntos abordados em suas obras, destacamos esta multiplicidade de temas e abordagens, influenciados pelos diversos movimentos artísticos e culturais que fizeram parte da herança cultural herdada pelo poeta. Conforme destaca Vaz (2001), Leminski era ligado à contracultura, ao concretismo, à poesia marginal e ao tropicalismo. Mas, contraditoriamente, foi na área de publicidade, experiência que destacamos mais adiante, que sua arte provocou reações muito positivas no campo da comunicação, conseguindo atingir um variado e grande público, abarcando muitos artistas de sua geração. Foi com seu trabalho e experiência de trabalho em agências como a DPZ e a P.A.Z. que o poeta protagonizou, ao lado de outros escritores de Curitiba, em meados dos anos de 1970, o momento em que a sua poesia virou propaganda, e a propaganda, poesia.

Segundo Vaz (2001), foi precisamente no ano de 1975, que Paulo Vítola tinha deixado a televisão e estava abrindo a agência, logo nos primeiros meses recebeu a visita de Paulo Leminski, que foi objetivo: "Acabei de escrever meu livro e estou com potencial redacional livre para trabalhar. Tem vaga aí?" (p.165). Foi nesse mesmo período em que ele inova na disposição ideogramática de suas poesias, vinculando-as a fotografias, e publica seu trabalho *Quarenta Clics em Curitiba (*1976). Seu trabalho inovador chamou a atenção

[16] Matéria inserida. Portal de notícias G1 - Fonte https://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/2022/02/08. Em 21 de out 2022.

no espaço da mídia[17] e da publicidade, com textos críticos, porém dotados de uma sensibilidade poética peculiar (semelhantes ao *haikai* que é um gênero de poesia objetiva e sintética) como essa sem título do livro *Toda Poesia* (2013, p.102):

Arriscando-nos a uma breve análise da poesia acima, encontramos desde os aspectos da multiplicidade do poeta, ao fazer uso de recursos gráficos diversos, seja no encadeamento e a disposição das palavras que revelam uma autocrítica, seja no que diz respeito às suas próprias dúvidas em relação a conceito de obra prima, em contraposição a um ato despretensioso de criação genial que lhe era comum, quando entrava digamos, inspiração e entrava no clima.

No entanto, mesmo se revelando exímio ensaísta e poeta, é como biógrafo, tradutor, letrista e músico que Leminski também se destaca permanecendo sempre atual, o que garante o sucesso da mostra que divulgou seu acervo. A exposição "Múltiplo Leminski" ainda permanece percorrendo o país, no intuito de divulgar e prestigiar o seu trabalho, de características múltiplas. A seguir, buscaremos contextualizar alguns trechos das obras *Ensaios e anseios crípticos* (2012) e *A hora da lâmina: últimos textos ninja de Paulo Leminski* (2017), que a nosso ver, estão diretamente vinculadas ao caráter formativo da literatura, da música, sobretudo, da poesia.

[17] O conceito abrange vários segmentos, mas a mídia configura a comunicação tradicional, alcançada por todos. Costa (2009, 15), esclarece que a mídia diz respeito tanto a produtos impressos, como jornais e revistas, quanto a eletrônicos, como rádio e televisão. Outra definição, por Barbosa e Rabaça (2001, 490) define mídia como todos os meios de comunicação existentes em uma área, ou disponíveis para uma determinada estratégia de comunicação.

2 LITERATURA E INDÚSTRIA CULTURAL: AS CONTRADIÇÕES DA RACIONALIDADE ADMINISTRADA

Segundo Antonio Candido (19918-2017), sociólogo e crítico literário, o conceito de literatura é abrangente, visto que se vincula a inúmeras formas de conhecimento e se manifesta em todas as culturas, de forma universal e em todos os tempos:

> Chamarei de literatura, de maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos de folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações (CANDIDO, 2004, P. 176).

A intenção é tentar responder como a Literatura, destacando aspectos de Filosofia, História e memória, pode revelar caminhos que permitem pensar a realização do trabalho criativo da escrita, e convertê-lo em ato criativo de resistência, face aos processos *destribalizantes*[18] da racionalidade administrada.

Portanto, neste capítulo, pretendemos desenvolver o conceito de Literatura e Arte como resistência, que contrapõem à dinâmica fetichizante da cultura, em meio às contradições que a realidade da racionalidade instrumental impõe ao trabalho criativo, e o revela como mera mercadoria. Conforme destaca Adorno (2011), na obra *Teoria Estética* (2011), publicada originalmente em 1969, a concepção de arte não se desvincula do compromisso social que ela encerra.

E nesse sentido o autor ao analisar fenômenos artísticos face ao fenômeno da indústria cultural, procura, por outro lado, "denunciar" o caráter de manipulação do capital na arte. Segundo Aguiar (2018, p. 36), "crítica social e crítica artística não podem se separar quando o assunto é a consciência das pessoas", pois "a priori, antes de suas obras, a arte é uma crítica da feroz seriedade que a realidade impõe sobre os seres humanos" (ADORNO, 2001, p. 13). Nesse sentido, selecionamos alguns ensaios, poesias e músicas compostas por Leminski que evidenciaram, se suas obras, de fato, constituem-se como artefatos de resistência, ante a dinâmica mercantilista da indústria cultural.

---

[18] Ato ou efeito de destribalizar, de retirar de alguém ou de si próprio. Disponível em https://www.dicio.com.br/destribalizacao/. Em termos psicológicos, ato que semelhante a um estado de *Despersonalização* - Experiência de distanciamento e estranheza vivida pelo sujeito com relação à própria interioridade psíquica, ao próprio corpo, ou ao ambiente externo. Trata-se de uma alteração da consciência do Eu. (MALDONATO, 2014, p. 136).

2.1 Literatura, memória e resistência

A literatura é um direito de todo ser humano, inclusive, segundo o sociólogo e crítico literário Antonio Candido (2004), autor do ensaio *O direito à literatura* (1988), a ausência da literatura entre os direitos básicos como alimentação, moradia e vestuário, é encarado como uma usurpação de um direito humano fundamental. Assim como de direitos mais amplos como o da liberdade individual, amparo da justiça pública, e a resistência à opressão, a literatura deveria estar entre aqueles bens incompressíveis, e "são bens incompressíveis não apenas os que asseguram a sobrevivência física em níveis decentes, mas os que garantem integridade espiritual" (CANDIDO, 2004, p. 174). Sendo um direito universal, fruto original da criação humana, a literatura para Adorno (2011), como toda expressão de arte é uma forma de conhecimento, portanto, não está isenta de contradições, e encerra uma função social de relevante importância para as sociedades civilizadas, principalmente no que tange a seu teor humanizante, e potência criativa contra a opressão.

A arte é, nas palavras de Adorno (2011, p. 117) "protesto constitutivo contra a pretensão à totalidade do discurso". E é na forma da livre expressão, pela poesia e literatura que reforçamos a presença de elementos de protestos incontestes. Segundo Walter Benjamin (2012), a literatura é memória e experiência passada de geração a geração na voz do narrador, embora, como afirma Benjamin (2012, p.197) "a experiência proporcionada pela arte de narrar esteja em vias de extinção". Esses e outros aspectos fundamentais explicam o elevado caráter formativo da literatura e a necessidade de discutir seu valor em diversas dimensões sem, contudo, deixar de salientar que a literatura possui contradições com o social.

É preciso compreender que dialeticamente "a literatura confirma, nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornece a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas" (CANDIDO, 2004, p. 175). Assim, seguindo essa lógica, Adorno reafirma o papel fundamental do narrador, mesmo em face às limitações impostas pela sociedade. "Pois contar algo significa ter algo especial a dizer, e justamente isso é impedido pelo mundo administrado, pela estandardização e pela mesmice" (ADORNO, 2003, p.56). Logo, o narrador tem sempre mais a nos revelar, algo especial e necessário a dizer, mas é impedido. Sobretudo, memórias dolorosas, substituídas por histórias romanceadas, padronizadas e travestidas de novidade.

É o caso da mutilação secular da memória cultura original de três atores que ajudaram a fundar o corpus da cultura brasileira: o negro, o índio e o emigrante. Pois como afirma

Candido (2004, p. 172) “retirar o direito à própria história e memória, como um direito fundamental é ferir mortalmente a alma do homem, naturalizar e perpetuar a barbárie”. Pois “é verdade que a barbárie continua até crescendo, mas não se vê mais o seu elogio, como se todos soubessem que ela é algo a ser ocultado e não proclamado” (CANDIDO, 2004, p. 172). Portanto, é preciso convocar os que ainda acreditam em direitos humanos a transformar as possibilidades teóricas de resistência em justiça social, isto é, em realidade. Mas infelizmente, o fato de o mal não ser mais proclamado, e sim ocultado, também colabora para que muitos ainda o vejam como necessário e natural, em favor do progresso econômico da nação. Mas temos uma dívida histórica a pagar com nossa própria história, por isso, fundamentalmente, precisamos resgatar e valorizar a cultura desses povos, os negros e indígenas, cujas integridades física e espiritual jamais foram respeitadas.

Leminski (2012), em seu ofício de escriba, destaca nossa identidade de nação miscigenada, pois desde o início de nossa formação as histórias oralmente narradas ou escritas nos ajudam a compreender que somos feitos de povos conquistadores, conquistados e escravizados. Reelaborações estas, que também nos convidam a compreender porque temos uma dívida histórica com os povos originários, que tiveram suas almas roubadas, sua cultura assassinada e sua liberdade usurpada. Leminski disse:

> O Brasil, qualquer transeunte sabe, foi descoberto por Cabral e fundado pela violência. Violência física e espiritual do branco advertício e invasor sobre o índio nativo e o negro sequestrado na África e escravizado. Conquista e catequese, a catequese e conquista. Do índio o massacre foi completo. Já com o negro é outra história (LEMINSKI, 2012, p. 26).

Essa foi a única estratégia possível e primeira centelha de resistência da construção/constituição de memória de nossa própria cultura, pois os negros com sua perspicácia souberam driblar os missionários e pregadores, que queriam retirar a força, quaisquer lembranças e traços culturais dos “selvagens”, aborígenes e povos originários dos territórios e espaços conquistados.

Segundo Adorno (2020), a abdicação à própria cultura, até hoje, expressa uma “forma repressiva da formação da identidade da subjetividade social contemporânea" (p. 21), confirmando o que Hobsbawm (1988) destacou essa forma de educar os aborígenes, ditos selvagens, é apenas um pretexto para que pela educação os trabalhadores “aceitem” ser dominados, e se conformem com seu status de classe proletária, interiorizando a dominação.

Nações inteiras, a exemplo dos iorubás, foram dizimadas ou degradadas de suas terras em prol da ideia de construção de uma civilização. Pois conforme confirma o historiador:

> Nesses países extra-europeus a democracia política pressupunha a exclusão das populações autóctones anteriores a sua chegada – índios, aborígenes, etc. Mesmo ali onde estas não podiam ser eliminadas através da expulsão para "reservas" ou do genocídio. A escravidão legal sobreviveu no Brasil e em Cuba além dos anos de 1880 e a Lei Áurea, oficialmente Lei n.º 3 353 de 13 de maio de 1888, foi a lei que extinguiu a escravidão no Brasil (HOBSBAWN, 1988, p.43).

No ensaio *Alegria da Senzala, Tristeza das Missões*, Leminski (2012) destaca a esperteza dos negros, que mesmo em face à barbárie resistiram mantendo, ainda que em segredo seus cultos, além de diversas práticas de manifestações artísticas que não permitiram que lhes tirassem seu tesouro maior, suas heranças ancestrais. Coisa que os índios não tiveram possibilidade, ou não estavam preparados para efabular:

> Basta ver como os africanos da nação *gege-nagô*, falantes do *iorubá*, mantiveram vivos seus orixás, num genial gesto quilombola de defesa e resistência, traduzindo-os e disfarçando-os sob as aparências legais dos santos católicos do hagiológio romano. Mãe Stella, Ialorixá (mãe de santo) do Axé Opô Afonjá, um dos mais tradicionais terreiros de Salvador, sob a invocação de Xangô, não acredita em sincretismo. "Essa mistura de santos católicos como orixás foi só um disfarce usado na época da escravidão" (LEMINSKI, 2012, p. 27).

Como destaca Leminski (2013), na biografia do escritor negro simbolista Cruz e Souza: "Vamos despir a experiência sígnica dos simbolistas, levantando os sete véus de Íses em que eles a vestiram" (p.57). Na verdade, as experiências pelas quais passaram diversos povos foram concretas, porém, "eles a mitificaram, camuflando-a. Simulam-se hierofantes, celebrantes em um rito esotérico [...] através de um saber imemorial. O culto no oculto." (LEMINSKI, 2013, p. 57). Os negros escravizados chegaram aos montes na costa brasileira, alguns eram separados, tratados com uma certa distinção pelos mercadores ao apresentar sua rica mercadoria aos senhores de engenho. Segundo Leminski (2012):

> A Bahia recebia os carregamentos dos navios negreiros diretamente da Costa dos Escravos, na África. Natural, portanto, que os negros mais belos, mais inteligentes e mais capazes fossem comprados pelos senhores

> baianos. Esses negros eram superiores em cultura aos Joaquins e Manuéis analfabetos que os adquiriam (p. 30).

Muitos escravos eram líderes afro-muçulmanos, "sabe-se que muitos carregavam consigo uma vasta bagagem cultural, em mitos, ritos e técnicas que seus compradores não tinham conhecimento" (LEMINSKI, 2012, p. 30). Mas retomando Candido (2004, p.176) pontuamos que a literatura de fato permite ao homem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. E sem ela seria insuportável lidar com a realidade. "Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte quatro horas do dia sem algum momento de entrega ao universo fabulado" (CANDIDO, 2004, p. 176). E mesmo que involuntariamente, o sonho vem no sono nos assegurar esses momentos. E certamente o poder de fabulação e criação de narrativas significou uma forma de resgatar-lhes a liberdade, mesmo que só em suas mentes, porém foi o combustível que lhes deram força e coragem, para reconstruírem outra realidade dando vida à resistência nos quilombos. Devemos muito aos que mantiveram vivas as suas raízes, mesmo cativos:

> Alguns, talvez, eram contadores de histórias, ofício sagrado e de muita sofisticação, entre os povos africanos, verdadeiros arquivos vivos da tribo. Outros, poetas, compositores, virtuoses de algum instrumento musical. Até na técnica industrial muitos negros eram superiores a seus senhores (LEMINSKI, 2012, p. 31).

Nesse sentido, para os povos que não era dada a possibilidade de acesso à educação formal, por questões óbvias de dominação e sujeição, a experiência constitui-se como via de uma formação cultural prática. Segundo Adorno (2020, p. 25): "A experiência é um processo auto reflexivo, em que a relação com o objeto forma a mediação pela qual se forma o sujeito em sua ´objetividade´. Nesse sentido, a experiência seria dialética, um processo de mediação". E desse modo, pela via dessa mediação, Adorno (2020) destaca dois momentos do processo de vinculação à verdade: "o momento materialista da experiência como disponibilidade ao contato com o objeto [...] e por outro lado, o momento histórico: a experiência dialética no sentido de´tornar-se experiente" (ADORNO, 2020, p. 25). Logo, a literatura, como memória viva, surgiu da arte de contar histórias, consistindo em uma de nossas mais ricas heranças culturais, diretamente relacionada ao conceito de experiência, mas, sobretudo, resistência. Conforme Walter Benjamin (2012):

> O cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história. Sem dúvida, somente a humanidade redimida poderá apropriar-se totalmente do seu passado. Isso quer dizer: somente para a humanidade redimida o passado é citável, em cada um dos seus momentos. Cada momento vivido transforma-se numa *citation à l´ordre du jour* – e esse dia é justamente o do juízo final (p. 223).

Ao recuperar essas memórias Leminski (2012), em seus trabalhos de escrita consegue catalisar memórias traumáticas e dores, e transformá-las em poesia. "A poesia participante queria chegar ao povo, queria *participar* da vida das pessoas. Mas não era bem participar da vida das pessoas que ela queria. Ela queria dizer para as pessoas como é que as coisas são" (LEMINSKI, 2012, p. 63), sem, contudo, deturpar ou ficcionar atenuando fatos que a humanidade estrategicamente recalcou em nome do progresso.

Nesse sentido, como ressalta Adorno (2020) em seu ensaio *O que significa elaborar o passado*, o que se pretende na verdade, não é de fato refletir sobre o porquê a humanidade foi capaz de permitir a instauração da barbárie, mas riscá-la da memória do indivíduo, pois tal gesto ajuda a apagar a culpa do agressor. "O gesto de tudo esquecer e perdoar, privativo daqueles que praticaram a injustiça [...] em casa de carrasco não se deve lembrar a forca para não provocar ressentimento" (ADORNO, 2020, p.31). É o que nos parece, no caso de uma parcela dos que hoje defendem o retorno de pensamentos obscuros e antidemocráticos, desumanos, que inclusive ignoram que por séculos, governos massacraram etnias inteiras, inclusive indígenas brasileiros de norte a sul do país ainda correm risco de dizimação. Segundo Hobsbawm (1988):

> Em Manaus, mil e seiscentos quilômetros acima da foz do Amazonas, no meio da floresta equatorial primitiva, se ergueria uma ópera, com os lucros do boom da borracha, cujas vítimas indígenas sequer teriam, lamentavelmente a oportunidade de apreciar *Il trovatore* (HOBSBAWM, 1988. p.53).

Nos parágrafos finais do ensaio, no texto *Missões*: *a erosão cultural*, Leminski (2012) detalha porque os indígenas não tiveram o mesmo destino dos negros. Vítimas frágeis do padrão totalitário utilizado pelos missionários jesuítas, que se transformam em organizações administrativas exploradoras das riquezas da terra, dominam a mão de obra indígena ao extremo, travestida na necessidade de catequizar e dominar esses povos. Contraditoriamente, é nesse tipo de violência que reside o princípio do mais elevado grau de

civilização. “Portanto, reconhecemos o alto nível cultural de um país quando vemos que nele se cultiva e adequadamente se providencia tudo o que o serve para a exploração da Terra pelo homem e para tudo o que lhe é proveitoso” (FREUD, 2011a, p. 37).

Leminski (2012) disse, que conforme documentário produzido por Sylvio Back, sabe-se que a Companhia de Jesus não tolerava interferências em seus domínios, e:

> Para transformar um bugre bravio em índio “missioneiro”, o jesuíta tinha que, primeiro, extrair-lhe a alma. Quer dizer, demolir sua cultura. A fé em crenças. Seus ritos. Suas danças sexuais. Seus cantos mágicos. O prestígio dos seus pajés. Da brutalidade com que executaram a tarefa, dá testemunho o teatro catequético de Anchieta, valorizado nas escolas como o primeiro vagido da literatura brasileira (p. 32).

Por conseguinte, a educação se tornaria apenas uma forma de criação de valores, regras morais ou religiosas e leis que visavam proteger a sociedade da violência por ela mesma produzida. Leis rigidamente obedecidas, que conduziram a uma pacificação das formas de exploração do homem pelo homem, na produção de bens capitais e morais que puderam ser usufruídos por todos os homens civilizados. Segundo o autor, duas coisas chamam a atenção dos visitantes às Missões jesuítas do Sul do país ao continente: “a ordem e a tristeza” (LEMINSKI, p.32). E nesse ponto, não há como não traçar um paralelo com o ideal positivista destacado até hoje no nosso maior símbolo nacional. Por isso, ao ler na bandeira o “ordem e progresso”, precisamos nos lembrar de onde ele veio, e a que custo, e porque ainda se mantém longe de alcançar a proposta de Auguste Comte *"O Amor por princípio e a Ordem por base; o Progresso por fim”.* Assim, sob o domínio ditatorial e atingidos mortalmente no coração da sua cultura, os indígenas do Sul vegetavam com um grande vazio dentro da alma vazia.

A imposição de uma dada cultura, segundo Freud (2011), se materializa e constitui-se como instrumento de repressão, produzindo vários efeitos em virtude dessa adequação forçada. Milhares de vítimas entre os povos escravizados foram personagens para quem o colonizador também não deu alternativa. A esse respeito, Leminski (2012) considerou: “o negro também morria de *banzo* modalidade mórbida de saudade da África, misturada com desgosto pela condição escrava com que se perdia o prazer de tudo e deixavam-se morrer à míngua” (LEMINSKI, 2012, p.34). Mas quando ignoramos estas memórias, sabemos que, inevitavelmente, em algum momento precisam ser resgatadas e devidamente tratadas ou viriam à tona como sintomas de algum tipo de desordem emocional, individual ou coletiva.

Segundo Candido (2004, p. 174), há necessidades que não podem deixar de ser satisfeitas, sob pena de desorganização pessoal ou pelo menos de frustração mutiladora.

É fato, que a sociedade produz uma das mais terríveis fontes de sofrimento. "E não queremos admitir, não podemos compreender porque as instituições por nós mesmos criadas não trariam bem-estar e proteção para todos nós" Freud (2011a, p. 30). Inclusive, na sociedade moderna, mesmo em tempos de paz, é impossível escapar dessa dinâmica, muitas vezes incompreensível e psicologicamente desgastante. Dessa forma, sair apenas do estado de escravidão física, sem considerar os impactos que podem ocorrer em termos objetivos e subjetivos é ocultar o que está por trás do processo aparente de liberdade. Segundo Adorno (2020, p. 23), ainda hoje:

> [...] a questão do poder e da ética, a dominação autoritária ou a democracia não são examinadas como fundantes ou existências primárias [...] mas derivadas no curso do desenvolvimento determinado da formação social. A escravidão assim com *Auschwitz* faz parte de um processo social objetivo de uma regressão associada ao progresso, um processo de coisificação que impede a experiência formativa, substituindo-a por uma reflexão afirmativa, autoconservadora da situação vigente [...] A "semiformação" obscurece, mas ao mesmo tempo, "convence" (ADORNO, 2020, p. 23)

Portanto, segundo Adorno (2020), a "semiformação" reafirmada como educação constitui como a base social da estrutura de manipulação e dominação política, reproduzindo uma prática de desvalorização da cultura dos indígenas e negros, em um momento crítico de nossa História. Precisamos destacar que a violência imposta por mais de meio século sobre os povos originários, especificamente os indígenas, nunca cessou, e contraditoriamente, intensificou-se nos últimos anos[19]. Silenciar e não trazer à tona essas memórias, não buscar o caminho para a reflexão, evitar a tensão e o conflito, não é uma alternativa para enfrentar o problema, além de provocar no indivíduo e na sociedade, o sentimento de desamparo, sofrimento e adoecimento. Adorno (2020), a exemplo do holocausto judeu, que ocorreu por toda a Europa entre os anos de 1933 a 1945, alerta que o silêncio e o esquecimento diante de tamanha tragédia não trazem a paz social e nos coloca de mãos dadas com o mal que tanto criticamos e lutamos para evitar há séculos. Nesse sentido, mostra-se descrente em relação

[19] Fonte: Relatório Violência Contra os Povos Indígenas do Brasil. Fonte <https://cimi.org.br/2021/10/relatorioviolencia2020> Acesso em 05 de nov. 2021.

à predisposição da sociedade em elaborar o passado, conforme destaca mais adiante no texto *Educação após Auschwitz*:

> Como hoje em dia é extremamente limitada a possibilidade de mudar os pressupostos objetivos, isto é, sociais e políticos que geram tais acontecimentos, as tentativas de contrapor à repetição de Auschwitz são impelidas necessariamente para o lado subjetivo. Com isso, refiro-me sobretudo também à psicologia das pessoas que fazem esse tipo de coisa. Não acredito que adianta muito apelar a valores eternos, acerca dos quais justamente os responsáveis por tais atos reagiriam com menosprezo; também não acredito que o esclarecimento acerca das qualidades positivas das minorias reprimidas seja de muita valia (ADORNO, 2020 p. 131).

Refletindo sobre a realidade brasileira, especificamente sobre as questões que envolvem a história das minorias, observamos que uma parcela representativa da massa semiformada demonstra predisposição para o esquecimento, outra parcela sequer tem conhecimento sobre a realidade dos fatos, sendo inevitável a comparação com a experiência dos alemães no fim da Segunda Guerra. O fenômeno de esquecimento dos fatos que constituem a história da escravidão, do genocídio dos povos originários do Brasil, ou o recalque em relação aos eventos que nos levaram a tentativas de esquecer ou atenuar a gravidade dos horrores desse período da história, desencadeiam sintomas sociais de outras ordens, idênticos a outras experiências traumáticas destacadas por Kehl (2015):

> A adesão aparentemente inexplicável de grande parte da população alemã ao Programa de extermínio do Partido Nacional Socialista foi considerada por diversos autores como um sintoma do mal-estar naquela sociedade, as tentativas de esquecimento da experiência traumática da Shoah também produziram sintomas sociais de outra ordem: melancolia, má consciência, desrealização[20] da experiência histórica, além do inevitável retorno do recalcado, expresso pela proliferação de grupos de jovens nazistas a partir da década de 1980 (KHEL, 2015, p. 28).

Em relação a essas experiências traumáticas, mas especialmente ao fato mais recente, a ditadura brasileira a partir de 1964, ocorre um processo idêntico, na sociedade urbano-industrializada, trata-se da experiência do automatismo, que anula ou bloqueia atividades

[20] *Desrealização* é perda do senso de realidade e do contato que habitualmente cada qual tem com a própria experiência, que se deu entre as pessoas e as coisas do próprio ambiente. (MALDONADO, 2014, p. 136).

psíquicas que permitam a reflexão do indivíduo sobre as próprias ações, provendo uma espécie de "perda de sentimentos" em relação ao sofrimento alheio. Isso é lamentável, já que "o passado traz consigo um índice misterioso, que o impele à redenção. Pois não somos tocados por um sopro de ar que foi respirado antes? Não existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram?" (BENJAMIN, 2012, p. 223).

Outro fato mais contraditório sobre a ditadura militar que seguiu de 1 de abril de 1964 a 15 de março de 1985, durando exatos 21 anos, e marcando para sempre a sociedade brasileira, é que rapidamente após os anos de repressão, essas memórias parecem ter sido, na verdade, substituídas por entretenimentos e pelas necessidades de produzir o desejo de consumo das massas. Na expressão de Leminski (2012),"a ditadura dos generais foi substituída pela das bilheterias" (p. 155). Na educação, agravando o já fragilizado sistema de ensino, o plano parecia ser de não deixar o povo pensar muito, seguindo mudo e apático, entrando em cena:

> Um ensino tecnocraticamente orientado, desarmado criticamente, desvalorizando as ciências sociais, críticas, por definição, em favor das ciências ditas exatas, são de obra farta para as necessidades do nosso capitalismo de segunda mão, estúpido, não criativo. Sai o sociólogo, o jurista inovador, o contestador político. Entra o engenheiro, o arquiteto, o "designer", ou programador de computadores, o perito em química industrial, o especialista em agrotóxicos, o bem pago alto funcionário das multinacionais (LEMINSKI, 2012, p. 154).

É importante alertar que não nos referimos aos planos de educação do presente, mas contraditoriamente, isso também não é coisa do passado. Precisamos compreender como toda a engrenagem industrial (e humana) com sua técnica e dinâmicas alucinantes foram historicamente agregadas à nossa cultura, exportada de inúmeras partes do mundo.

2.2 A (de)formação de uma sociedade urbano industrial

Segundo Leminski (2012), no Sul do país, os terceiros atores dessa história começam a desembarcar aos montes, na costa: os imigrantes. Chegaram para trabalhar e compor o

quadro cinzento do capitalismo tardio[21]. Assim, o autor apresenta a figura do imigrante, que além da força de trabalho, que de fato trazia, perdia suas riquezas culturais. Essa situação é destacada em seu ensaio *Imigrante: a descapitalização cultural*:

> Depois das Missões, vieram as várias correntes imigratórias, que deram ao Brasil até seu primeiro proletariado industrial urbano: italianos, alemães, poloneses, sírio-libaneses, japoneses, ucranianos, holandeses. E curiosamente repetiu-se, com os imigrantes o fenômeno da erosão cultural do índio, agora sob a forma de descapitalização. O imigrante em duas gerações perde a língua de origem, tradições e formas culturais próprias (LEMINSKI, 2012. p. 34).

Com a chegada de navios lotados de imigrantes, que trouxeram o puritanismo e o ascetismo de raças onde a mística do trabalho imperava, a lógica da era pré-industrial foi estabelecida, segundo Hobsbawm (1998):

> A emigração para outros continentes foi responsável pela mudança mais drástica que sofreu a população mundial: o aumento dos habitantes das Américas saltou de 30 para 160 milhões entre 1800 a 1900 [...] O investimento estrangeiro na América Latina atingiu níveis assombrosos nos anos de 1880, quando a extensão da rede ferroviária argentina foi quintuplicada, e tanto a Argentina como o Brasil atraíram até 200 mil imigrantes por ano (HOBSBAWM, 1988, p.51-59).

De acordo com a norma do processo de industrialização, os povos que aqui chegavam já sofriam um processo de desculturalização, devido às inúmeras exigências de adaptação aos processos produtivos.

Segundo Adorno e Horkheimer (1985, p. 35), "as inúmeras agências da produção em massa e da cultura por ela criada servem para inculcar nos indivíduos os comportamentos normalizados como únicos e naturais". Retomando o processo de desculturalização, observamos que os italianos, alemães e japoneses que aqui chegaram, vinham já com certa dose de docilidade e adaptabilidade que facilitaram o processo de fusão cultural. Embora houvesse antes da colonização cerca de 1500 etnias indígenas no Brasil, a diversidade cultural ocorreu a partir da união do que restou dos povos originários, a cultura africana dos

[21] Em "Reflexões sobre a teoria de classes", Adorno estabelece uma distinção entre as sociedades modernas do capitalismo liberal e o seu decurso tardio. Ambos os momentos se configurariam com base na dominação e na exploração nos termos do autor, a "carência preparada para a dominação" (ADORNO**,** 1978b, p. 381).

povos escravizados trazidos em milhares de navios negreiros, e da cultura europeia dos colonizadores.

Leminski com seus ensaios se posiciona como cronista de passagens históricas memoráveis, registrando enfaticamente a necessidade de relembrar quais atores jamais podem ser desprezados, e efetivamente contribuíram e comprometeram a própria vida como construtores da nossa história e patrimônio cultural. Destaca Benjamin (2012) sobre o papel do narrador como voz da resistência diante do avanço da uma cultura cada vez mais administrada:

> O grande narrador tem sempre suas raízes no povo, principalmente nas camadas artesanais. Contudo, essas camadas abrangem múltiplos estágios do seu desenvolvimento econômico e técnico, assim também se estratificam de múltiplas maneiras os conceitos em que o acervo dessas experiências, se manifestam para nós (BENJAMIN, 2012, p. 214).

Essas múltiplas nacionalidades e culturas, no entanto, serviam prioritariamente à reprodução do ideal europeu de construção da civilização moderna. Logo, "É correto fazer da industrialização um critério de modernidade" (HOBSBAWM, 1988, p.40). Nesse sentido, a formação de uma sociedade capaz de atender a este critério, era um desafio a ser enfrentado, no entanto, também era um objetivo orquestrado.

A máxima do processo de industrialização e expansão dos domínios da indústria cultural é de que o progresso deve alcançar e "conquistar" a todos, em todas as partes do mundo. "Os instrumentos de dominação destinados a alcançar a todos - a linguagem, as armas e por fim as máquinas - devem se deixar alcançar a todos" (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 42). Já o período compreendido como pós-revolução industrial, segundo Hobsbawm (1988), é marcado pela consolidação do capitalismo e da intensificação do processo de industrialização e transformação no modo de vida da sociedade. O intenso êxodo rural deu origem às metrópoles, mas com o advento do progresso e da demanda por mão de obra qualificada, foi possível observar que "em fins do século XIX, cerca de dois terços da população ocupada das grandes cidades trabalhavam na indústria" (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 168). No entanto, o desenvolvimento não garantiu de fato avanços no que diz respeito à formação intelectual e cultural transformadora, que agora se converte em uma semiformação socializada.

Entretanto, segundo Adorno (2010), ela foi necessária para favorecer a onipresença do espírito alienado, que segundo sua gênese e seu sentido, não antecedem à formação cultural, mas a sucede. “Deste modo, tudo fica aprisionado nas malhas da socialização” (ADORNO, 2010, p.9), que não significa necessariamente uma real forma de educação e emancipação de todas as classes sociais. O que é perfeitamente fácil de se observar como meta permanente dos governos totalitários e em várias partes do planeta na atualidade

Segundo Hobsbawm (1988 p. 37), “A cultura e a vida intelectual europeias ainda estavam majoritariamente nas mãos de uma minoria próspera e culta”. Mas no mundo onde a maquinaria moderna começa a prevalecer e a produção industrial crescia vertiginosamente, a consequência mais óbvia era de uma democratização forçada e do acesso seletivo à educação formal:

> Por volta de 1880, predominavam no mundo desenvolvido países ou regiões em que a maioria da população masculina e, cada vez mais, feminina era alfabetizada. A educação de massa – assegurada à época nos países desenvolvidos por um ensino primário cada vez mais universalizado, promovido ou supervisionado pelos Estados – deve ser distinguida da educação e da cultura das geralmente pequenas elites (HOBSBAWM, 1988, p.44).

Nesses termos, é importante salientar que a educação formal e a formação humana se diferem historicamente, não só em conteúdo, mas em função da classe social à qual está submetida, numa clara distinção sobre conhecimentos considerados úteis para os empregadores e a manutenção de uma massa de trabalhadores minimamente qualificada. Nunca foi intenção da sociedade burguesa dividir a riqueza material e muito menos compartilhar democraticamente a herança cultural universal. As pressões para a democratização e acesso ao ensino, têm origem no movimento dos trabalhadores, conforme destaca Hobsbawm (1988):

> Quanto mais vigoroso era o senso da comunidade e da solidariedade da classe trabalhadora, tanto mais fortes as pressões sociais no sentido que se mantivessem dentro dela, embora isso não excluísse — especialmente no caso de grupos como o dos mineiros — a ambição de proporcionar aos filhos a escolaridade que os afastaria das minas (HOBSBAWM, 1988, p. 195).

A literatura, como destaca Leminski (2012), mesmo não sendo levada a sério, mesmo que de maneira velada ou indireta, sempre quis alertar sobre as questões de doutrinação que

envolveria as relações sociais. Afirma, ainda, que os poetas "mesmo falando de flores" a poesia participante dizia: "o capitalismo não presta, é a fonte de nossos males, ele não tem futuro, só o socialismo é a solução. É o socialismo, aqui, sempre pensando em moldes do chamado ´marxismo-leninismo´". (LEMINSKI, 2012, p. 63). Porém, não seria exagero dizer que os poetas ajudaram, por exemplo, a acender o estopim da Revolução Cubana (1958), quando promoviam debates proletários, e pregavam a possibilidade de realização de uma sociedade mais justa.

No século XX, por sua vez, o mundo foi marcado pela intensificação de conflitos entre as classes trabalhadoras e donos dos meios de produção, desde o momento em que a sociedade urbano industrial se decidiu pela alfabetização. A tensão e os conflitos jamais deixaram de operar mudanças importantes, principalmente em relação aos direitos à emancipação econômica e social. "Do ponto de vista do Estado, a escola tinha ainda outra vantagem essencial: poderia ensinar todas as crianças a serem bons súditos e cidadãos. Até o triunfo da televisão, não houve meio de propaganda secular que se comparasse à sala de aula" (HOBSBAWM, 1988, p. 213). Mas a estratégia política do Estado e o propósito do capitalismo deixam claro que dali em diante garantiriam, antes de tudo, a perpetuação de um projeto de dominação hegemônica.

A literatura contra hegemônica, ou melhor, "a poesia participante" referida por Leminski (2012), aqui no Brasil, ironicamente, por muito tempo não conseguiu chegar às massas: "ficou apenas como um fenômeno meramente ´literário´, circunscrito ao livro (mercadoria cara) [...] Em suma: a poesia participante não conseguia sair da literatura, arte de elite num país de analfabetos e vidiotas" (LEMINSKI, 2012, p. 63). Efeitos de um processo de desenvolvimento planejado para não dar asas à imaginação, isto é, restringir à mera teoria, relegando a cultura e a arte de protesto, a uma condição marginal.

Enquanto isso, no resto do mundo, mesmo com todos os avanços tecnológicos e intensa produção material, milhares de seres humanos, no passado e no presente, ainda morrem de fome, e vivem na miséria. Como explicitam, Adorno e Horkheimer no prefácio da *Dialética do Esclarecimento* em 1947, "a humanidade em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando em uma nova espécie de barbárie" (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.11). Eles já haviam constatado que o preço das grandes invenções seria a ruína progressiva da cultura teórica. Contraditoriamente, diz Adorno (2010), nada mais fica intocado na natureza, sobremaneira o que diz a educação, após os inúmeros avanços que a racionalidade técnica promoveu:

> Símbolo de uma consciência que renunciou à autodeterminação, prende-se, de maneira obstinada, a elementos culturais aprovados. Sob seu malefício gravitam como algo decomposto que se orienta à barbárie. Isso tudo não encontra explicação a partir do que tem acontecido ultimamente, nem, certamente, como expressão típica da sociedade de massas, que, aliás, nada consegue explicar mesmo, apenas assinala um ponto cego ao qual deveria se aplicar o trabalho do conhecimento. Apesar de toda ilustração e de toda informação que se difunde (e até mesmo com sua ajuda) a semiformação passou a ser a forma dominante da consciência atual, o que exige uma teoria que seja abrangente (ADORNO, 2010, p. 09).

Nesse sentido, Freud já alertara em *O mal estar na civilização* em 1929, sobre as profundas mudanças na cultura que intensificam os conflitos entre indivíduo e sociedade, e suas propriedades e conhecimentos, como meros instrumentos de aquisição de mais riquezas. Nesse sentido, prevalece o objetivo burguês de progresso e sucesso, subestimando tudo aquilo que verdadeiramente tem valor na vida. Segundo Freud:

> É difícil escapar à impressão de que em geral as pessoas usam medidas falsas de que buscam poder, sucesso e riqueza para si mesmas e admiram aqueles que os têm, subestimando os autênticos valores da vida. Existem homens que não deixam de ser venerados pelos contemporâneos, embora sua grandeza repouse em qualidades e realizações inteiramente alheias aos objetivos ideais da multidão (FREUD, 2011a, p.07).

Como ressalta Adorno (1995b) "entre as intuições de Freud que realmente também alcançam o domínio da cultura e da sociologia, uma das mais profundas, a meu ver, é a de que a civilização engendra por si mesma o anticivilizatório e o reforça progressivamente" (ADORNO, 1995b, p.105). Isso se revela no modo como o sistema de valores e de necessidades os incentiva a uma forma de automutilação em nome do progresso e alucinação em relação à massificação, promovido por mecanismos da indústria cultural. O que os torna um ser humano frio e insensível a monstruosidades como a que ocorreria em *Auschwitz*? "Se a barbárie está no próprio princípio da civilização, então a luta contra esta tem algo de desesperador" Adorno (1995b, p.105) indica que relações sociais e culturais foram profundamente afetadas pelo modo de produção capitalista, conforme alertava Karl Marx (1818-1883) em seus *Manuscritos econômico-filosóficos* (1844), a discrepância entre moral e economia, o que proporciona a mais aguda radicalidade da alienação e exploração do homem pela empresa capitalista. Segundo Marx (2004):

> O estranhamento do trabalhador em seu objeto se expressa, pelas leis nacional-econômicas, em que quanto mais o trabalhador produz, menos ele tem para consumir; que quanto mais valores cria, mais sem-valor e indigno ele se torna; quanto mais bem formado o seu produto, tanto mais deformado ele fica; quanto mais civilizado seu objeto, mais bárbaro o trabalhador; que quanto mais poderoso o trabalho, mais impotente o trabalhador se torna; *quanto mais rico de espírito o trabalho, mais pobre de espírito e servo da natureza se torna o trabalhador* (MARX, 2004, p. 83 - Grifos nossos).

Essa dinâmica leva a um profundo estado de impotência e infelicidade, pois o trabalhador passa a não desenvolver nenhuma energia física e espiritual livre, e ao mortificar sua *physis* e arruinar seu espírito, se entrega a uma busca incessante de satisfação e diversão, e isso promove a solidificação de uma vida movida pelo individualismo e pelo consumismo. Conforme ilustram Adorno e Horkheimer (1985):

> Os projetos de urbanização que, em pequenos apartamentos higiênicos, destinam-se a perpetuar o indivíduo como se ele fosse independente, submetem-no ainda mais profundamente a seu adversário, o poder absoluto do capital. Do mesmo modo que os moradores são enviados para os centros, como produtores e consumidores, em busca de trabalho e diversão (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 99).

Dessa forma, o indivíduo é facilmente encantado e cede ao apelo da cultura das massas. A compreensão deste conceito e deste novo contexto histórico e cultural foi objeto de estudos de Freud em *A Psicologia das Massas e a análise do Eu* (1920-1923), bem como a cultura e processos racionais de adequação social impostos ao indivíduo, compreendidos em *O mal estar na civilização* (1930-1936). Logo, como alerta Adorno (1995b, p.105), isso não deve ser tratado por ninguém como um fenômeno superficial, como aberração no curso da história, irrelevante em relação à grande tendência ao progresso, do esclarecimento da humanidade, presumidamente evoluída.

Sendo assim, quando a racionalidade e a consciência se tornam o pivô da distinção entre o individual e o coletivo, as multidões, povos, massas[22], grupos - tal qual denominava

[22] O conceito de "massa" foi definido por Theodor W. Adorno e Max Horkheimer na obra "Temas básicos da Sociologia" a partir de estudos sobre psicologia das massas (HORKHEIMER; ADORNO, 1973, 78-92), área que estabelece uma ponte entre a psicanálise e as ciências sociais. Os autores historicizaram o termo de Le Bon

Adorno (1973) ao pesquisar a cultura das massas confirma que esse fenômeno favorece o advento da chamada indústria cultural. A partir dos estudos da psicologia individual e social, inúmeras pesquisas fundamentais foram desenvolvidas com o intuito de compreender como os sujeitos são afetados, passando a ser associados a um estado de irracionalidade. Destacam Horkheimer e Adorno (1973. p. 79) "a psicologia deu uma contribuição substancial para o esclarecimento deste gênero de questões, isto é, em torno dos comportamentos irracionais". Ainda, conforme ressalta Maar (2003):

> Além do já exposto, é importante frisar a gênese conceitual de "indústria cultural" a partir de "cultura de massas" também para atentar à sociedade de massas. Ela caracteriza a novidade da formação social instalada em sua plenitude até meados do século XX no âmbito das relações sociais capitalistas, contexto em que a questão do sujeito exige perspectivas de apreensões próprias. (MAAR, 2003, p.461).

Nesse sentido, inscrita na tradição da Teoria Crítica Frankfurtiana, a Dialética Negativa é a base fundamental de uma nova filosofia, fundada a partir da dialética de Hegel, que foi reformulada por Adorno, com ênfase no princípio da não identidade entre sujeito e objeto. Segundo Costa & Zanolla (2020, p.64) "a práxis negativa compõe a dimensão de negação dialética e se faz com a crítica ao deslumbramento e a resistência à Semiformação Cultural". É nessa perspectiva, que Adorno e Horkheimer e outros sociólogos, psicólogos e filósofos, após a Segunda Guerra (1939 a 1945), retornam em 1951 ao Instituto de Pesquisa Social em Frankfurt, e dedicaram-se às inúmeras pesquisas que deram origem a Escola de Frankfurt (fundada em 1923), reafirmando que, "os modernos conhecimentos sociológicos e psicossociais podem oferecer uma valiosa ajuda para aquisição de uma consciência" (Horkheimer e Adorno, 1973, p.88). Dessa forma, os pensadores da Teoria Crítica[23] concordam que a consciência possibilita acesso ao conhecimento que previna ou dê

---

a Freud, estando muito próxima deste último a conceituação definida por eles. De acordo com Le Bon, expoente psicólogo social e sociólogo francês atuante entre fins do século XIX e início do XX, a massa só teria poder destrutivo à medida que representaria a fase da barbárie, a fase final da vida dos povos e das culturas.

[23] Uma teoria é crítica na medida em que busca a "emancipação humana da escravidão", atua como uma "influência libertadora". O pensamento crítico e contestador dos frankfurtianos apresenta inúmeras possibilidades para a análise da questão educacional e da formação de professores, na medida que se baseia numa práxis negativa da educação, isto é, a partir da dialética negativa adorniana. Maar (1996), afirma que a fixação negativa da realidade se apresenta como crítica da objetividade fetichista e expõe a história e a concretude do objeto. (COSTA; ZANOLLA, 2020, p. 64).

ferramentas para que, inevitavelmente, diante de uma nova forma de existência massificada, o indivíduo possa resistir.

Diante ao que Adorno (2020, p. 19) nomeia "sociedade industrial", contrapondo-se ao seu conceito de cultura[24], em seu sentido mais filosófico, que se distanciou de suas características fundamentais, lançamos a seguinte questão: o que hoje entendemos como civilização[25]?, pois segundo Adorno:

> Quem diz cultura, diz também administração; quer queira, quer não. A reunião de tantas coisas sem denominador comum sob a palavra "cultura", como a filosofia e religião, arte e ciência, costumes e formas de vida - em última instância, o espírito objetivo de uma época -, revela de partida o olhar administrativo que desde cima tudo agrupa, distribui, sopesa, avalia (ADORNO, 2020, p.241).

Nesse sentido, a cultura moderna destituiu o processo de individuação, pois antes, a "cultura seria a manifestação da pura essência do homem, sem consideração pelas condições de funcionamento da sociedade" (ADORNO, 2020, p. 242). A racionalidade administrada prioriza o caráter técnico científico nas relações de trabalho, deixando de enxergar o homem em sua unicidade e totalidade. Segundo Kugnharski (2019, p. 68), "Adorno joga uma luz sobre o devido lugar que a totalidade ocupa na dialética negativa, mostrando que o filósofo concede a essa categoria uma função hermenêutica essencial para a crítica do conhecimento e da sociedade", porém, de forma a compreender que se trata de uma "má totalidade", invertida em relação ao lugar que ocupa na dialética hegeliana, não negando que ela mantém ainda seu potencial crítico intacto, no entanto, contrapondo-se ao positivismo lógico.

Segundo Marx (2004), isso ocorreria em razão da necessidade de racionalização e otimização dos meios de produção, cuja máxima capitalista ainda é maior lucro ao menor tempo e custo, ignorando o fator humano nas relações de produção. Enquanto isso, a educação é fortemente instrumentalizada, e amplamente engendrada, mas não por vontade

---

[24] Adorno na obra *Indústria Cultural* afirma que, segundo seu conceito alemão, a cultura se opõe à administração. Ela gostaria de ser tudo aquilo que há de mais alto e puro; aquilo que, sendo intocável, não foi modelado por quaisquer critérios técnicos ou práticos. Na linguagem da formação humanista, isso se chama autonomia. (ADORNO, 2020, p. 242)

[25] Segundo Freud, a civilização designa a inteira soma das realizações e instituições que afastam a nossa vida daquela de nossos antepassados animais, e que serve para dois fins: a proteção do homem contra a natureza e a regulação dos vínculos dos homens entre si (FREUD, 2011a, p.34).

plena do Estado, apenas como garantia de mão-de-obra minimamente qualificada, oriunda de uma legião semiformada de sujeitos propensos ao máximo controle e submissão:

> Por volta de 1880, predominavam no mundo desenvolvido países ou regiões em que a maioria da população masculina e, cada vez mais, feminina era alfabetizada. A educação de massa – assegurada à época nos países desenvolvidos por um ensino primário cada vez mais universalizado, promovido ou supervisionado pelos Estados – deve ser distinguida da educação e da cultura das geralmente pequenas elites (HOBSBAWN, 1988, p.44).

Entretanto, atualmente a educação permanece a serviço do mesmo princípio: de (de)formação e precarização do ensino, (re)produzindo uma imensa massa semiformada, desalentada, adoecida, reprimida, violentada, barbarizada, atomizada, deprimida, desanimada, neurotizada em pleno século XXI.

3 A LITERATURA DE PAULO LEMINSKI E SEU POTENCIAL FORMATIVO

Nesse capitulo destacaremos que questionar, denunciar e refletir sobre o passado histórico, é um frequente exercício que os ensaios poéticos de Paulo Leminski nos convidam a pratica de uma leitura crítica em relação a realidade que nos cerca. Em seu ensaio *Palestra sobre lírica e sociedade,* Adorno (2003, p.65) considera a poesia lírica uma "linguagem do sofrimento", e discute a ideia de "corrente subterrânea coletiva" e, a partir de Jean Laplanche, relativiza a hegemonia de "opressão, violência e reificação" da sociedade, em prol de uma perspectiva de gozo e prazer. É pensado sobre como a passos largos caminha a humanidade, na busca de um prazer imediato, que Leminski (2017, p. 36) alerta como a massa se torna débil diante da "publicidade, TV, cinema, todos os aparatos de comunicação de massa da nossa civilização que parecem estar a serviço da tarefa, simples e complexa, de reduzir todo mundo à condição infantil" que a urgência do gozo está presente.

Leminski é um crítico dos meios de comunicação que despejam desejos sobre a massa, que já não resiste e já não reage racionalmente, aderindo a uma *cultura pocket superficial*. E ao lançarmos os olhos para a história, detalhando a discussão iniciada no capítulo anterior, conforme destaca Costa e Zanolla (2020, p.34) vimos que o termo *Indústria Cultural* foi empregado pela primeira vez por Adorno e Horkheimer em 1947, quando se deu o lançamento da obra *Dialética do Esclarecimento*, neste e em estudos anteriores:

> Ele foi utilizado pelos autores em substituição à expressão "cultura de massas", porquanto esta última corresponderia a uma maneira espontânea de produção da cultura pelas próprias massas, isto é, "[...] forma contemporânea de arte popular" (ADORNO, 1996, p. 92). [...] em uma `orquestração ordenada e planejada´, isto é, ´sistematicamente programada] de produção e venda de `bens culturais com a finalidade precípua do alcance da maximização do lucro, da comercialização em escala vertiginosa, por conseguinte, convertendo os bens culturais em bens de consumo (ADORNO, 1996, apud COSTA; ZANOLLA, 2020, p. 34).

Nesse sentido, a publicidade e a propaganda ocuparam espaço preponderante como mediadoras do processo de massificação. Assim, ao entrecruzar as possíveis relações dessas fundamentais discussões, com as ideias e provocações contidas nos *Ensaios e Anseios Crípticos (2012), A hora da lâmina*: últimos textos-ninja de Paulo Leminski (2017) permite-se pensar sua prática e o exercício de seu talento em um espaço de problematização de questões que o incomodavam como criador. "Sua preocupação fundamental era de não transformar sua poesia em mais um atrativo movido pela indústria cultural e perder sua identidade como arte libertária, independente e questionadora" (KUHL, 2018, p. 58). Leminski (2017) sempre foi um crítico da Indústria cultural, e mesmo trabalhando com publicidade, procurava manter a autocrítica em relação ao seu trabalho. Um exemplo desse modo de pensar fica escrachado na sua crítica presente no ensaio *Vai uma mãe aí*, publicado na Folha de Londrina em 21/04/1989, tendo como alvo a publicidade, como se vê abaixo em destaque o anúncio produzido por Leminski (p. 36):

> Prove esta delícia.
> Experimente este sabor e esqueça-me, se for capaz.
> Um paraíso tropical ao seu alcance.
> Gostoso como ele só.
> Uma festa para seu paladar.
> Ele carrega você para onde você quiser.

Segundo Leminski (2017. p. 36): "Frases como estas nos atingem milhares de vezes ao dia. Todas elas parecem ter um só objetivo: transformar-nos em crianças de oito anos, totalmente voltadas para os prazeres mais imediatos da vida". Como resistir, se "a linguagem da civilização de massas e do consumo fala com nossas necessidades e desejos primordiais" (p. 36).

É na perspectiva de destacar aspectos do potencial de formação presentes em seus ensaios poéticos, com destaque aos elementos de crítica e autorreflexão que se resistem e se opõem a toda forma de dominação, é que neste capítulo apresentaremos o percurso final de criação e produção das últimas obras de Paulo Leminski. Isto é, abordaremos sua passagem pelo mundo da propaganda e a sua experiência com a música, que de certa forma, influenciou a produção poética e jornalística em seu tempo. Além disso, de certa forma o favoreceu, transformando-o em um artista multimídia, que soube desenvolver como ninguém, todos os seus talentos.

Também trataremos da relação entre memória e história, e potencial poder formativo da literatura, diante das inúmeras contradições expostas anteriormente. Expondo as preocupações reais do poeta, quanto à impossibilidade de resistência humana sem a arte livre, sobretudo da poesia como um "inutensílio" e da música como um de nossos mais preciosos bens culturais. Ou seja, artes que resistem há séculos em um mundo marcado pelo avanço das tecnologias e da racionalidade administrada.

3.1 Contradições (re)veladas nos apelos da indústria cultural

No mundo dominado pela ideologia do consumo, nada mais natural que a educação formal assumisse, em algum momento, o papel de reguladora oficial de mercados lucrativos e fizesse uso de todos os meios possíveis para alcançar seus objetivos: "Dessa maneira, marxianamente expressando, os produtos culturais, de acordo com a atual lógica de mercado que se estabelece, vão perdendo a marca que possuem de valores de uso e adquirindo a roupagem de valores de troca" (SCAREL, 2016, p. 70 *apud* COSTA; ZANOLLA, 2020, p. 35). Assim, as primeiras faculdades de marketing e propaganda do sul curitibano foram fundadas a partir da experiência e conhecimentos advindos de áreas pensadas para outros fins.

O documentário "A Cidade, a Propaganda e o Polaco"[26] revela a história da publicidade e do marketing em Curitiba e no Brasil, antes mesmo da criação oficial desses

[26] Qual a relação do poeta Paulo Leminski com a propaganda paranaense? Veja no documentário "A Cidade, a Propaganda e o Polaco" faz parte do trabalho de conclusão do curso de História do André Konell pela UFPR. Colaboração especial do roteirista e diretor de cena Glauber Gorski na produção e finalização. Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=gwAPs7vTw5w Acesso em 06 de nov. 2022.

cursos nas faculdades nas décadas de 1970 a 1980. Logo, veremos que a criação publicitária foi uma atividade comum a artistas plásticos, cartunistas, fotógrafos e músicos que realizavam o trabalho de criação, que naquela época não era exclusivo das pessoas Formadas nas Faculdades de Comunicação. Escritores como Paulo Leminski, que trabalhou como freelancer em várias agências, viram na publicidade uma forma de ganhar a vida. Segundo Paulo Vítola:

> As transformações que ocorreram no meio urbano refletiram diretamente na cabeça das pessoas que criavam alguma coisa, porque elas continuaram criando e aprimorando isso cada vez mais [...] do ponto de vista cultural, sem dúvida nenhuma houve uma transformação importantíssima, a cidade industrial veio para cá a partir dos anos 70. E com a transformação radical da cidade criou-se uma oportunidade de comunicação interessante (Documentário - A Cidade, a Propaganda e o Polaco).

Portanto, a preocupação da indústria cultural, a serviço do capitalismo é garantir a manutenção de mercados que garantiriam o fluxo de suas valiosas mercadorias. "Nesse sentido, ela buscou manter os trabalhadores sob seu jugo, apesar de todas as conquistas realizadas por eles [...] por meio do alcance de maior tempo livre para descanso e gozo de suas pequenas e preciosas vitórias" (SCAREL, 2016 apud COSTA; ZANOLLA, 2020, p. 37). Nesse sentido, com o surgimento de novo ramo de negócio, antes mesmo do mercado preparar oficialmente profissionais preparados e formados para atender estas demandas, empresas foram criadas para não perderem as oportunidades. A exemplo da história da recém-chegada da DPZ[27] na cidade de Curitiba. A agência, conseguiu abarcar os grandes artistas e escritores que trabalharam com a criação e produção de textos, oferecendo um salto qualitativo na história da publicidade curitibana e do país. Conforme Paulo Vitor, "os comerciais ontológicos da DPZ eram verdadeiras obras de arte". Ainda complementa Luiz Antoni:

> Nessa época não eram as pessoas que viam a publicidade, a publicidade que via as pessoas. Porque não existia a faculdade de propaganda, então quem eram: os poetas, artistas plásticos, os escritores, jornalistas que

[27] Lançada em 1968, pelos sócios Roberto Duailibi, Francesc Petit e Roberto Zaragoza, a DPZ se tornou uma das três letras mais famosas da publicidade brasileira. A agência também ficou reconhecida no mercado como a "marca dos gatinhos" em referência aos próprios sócios e a todos os seus profissionais. Fonte: https://www.dpz.com.br/nossa-historia/ Acesso em 06 de nov. 2022.

> faziam propaganda. E era um outro tipo de formação, e por mais que a gente fosse inocente, tudo era muito profundo em todas as áreas (Documentário - A Cidade, a Propaganda e o Polaco).

Paulo Leminski, assim como muitos artistas, viu na publicidade uma forma de ganhar dinheiro para sobreviver e era do seu trabalho na agência Múltipla, que Leminski vinha tirando o leite das crianças (VAZ, 2001, p.232). Contudo, a contragosto, pois Leminski não almejava engajar-se na dinâmica de um negócio que só visava o lucro, queria mesmo era correr atrás do que de fato o interessava, escrever, dedicar-se a sua arte. No entanto, em seu tempo livre, trabalhava. Isso até parece contraditório. Mas é uma das situações que envolvem a vida dos artistas, não crendo ser privilégio de uma vida moderna. Perceba a semelhança dessa atitude de Leminski e Adorno, que confessa: "Inversamente, meu trabalho, a produção filosófica e sociológica e o ensino na universidade, têm-me sido tão gratos até o momento que não conseguiria considerá-los como opostos ao tempo livre, como a habitualmente cortante divisão requer das pessoas" (ADORNO, 1995a, p.72). É interessante que a arte, não remunerada, a qual se entregava Leminski era de fato sua principal atividade. Já o trabalho, ou melhor, os bicos que fazia na publicidade era o que garantia o leite das crianças e as publicações de seus primeiros livros, como cita Vaz (2001):

> Com a chegada da primavera, (de 1975), começaram os arranjos finais do *Catatau*, em termos de revisão e composição. A gráfica apresentou um custo pelo trabalho de impressão que, segundo ficou acertado com a agência P.A.Z- contra a qual seria emitida a fatura - ele pagaria mensalmente, em suaves parcelas e, caso não fizesse, seria descontado no salário (VAZ, 2001, p. 171).

Esta é uma situação crítica, em relação às realidades aqui mencionadas, e Adorno (1995, p. 71-72) estava corretíssimo em suas afirmações. Primeiro, não são todas as pessoas que têm o privilégio de escolher o que fazer em seu tempo livre. E segundo, "de fato [...] o tempo livre aumentou sobremaneira; graças às invenções, ainda não totalmente utilizadas [...] no entanto, sua suspeita de que o tempo livre tenderia em direção contrária a seu próprio conceito, se firmou como trágica normalidade". Mas em sua última entrevista, pouco tempo antes de morrer, Leminski revela seu maior desejo: de viver da poesia e da música, ou seja, assumir de vez seu único papel que lhe agradou a vida toda, se intitular definitivamente um profissional das letras. Na verdade, a essa altura da vida não pretendia mais "vender seu tempo" cumprindo horário atrás de uma mesa. Por isso, dedicou-se ao que ele ressalta ser

mais importante naquele momento, que é escrever, pois todas as coisas que lhe chegaram até aquele instante "vieram da poesia", afirma. Sabendo inclusive, que há um preço a pagar por esta escolha, pois ninguém vive de poesia. Assim, Leminski disse:

> Para seguir este caminho onde é vital a liberdade de tempo, sem ficar preso a cartão de ponto, há um preço a pagar. "Todos os meus colegas de geração estão mais ricos que eu. Eles levam uma vida muito mais segura e estável do que eu levo, mas esse foi o risco que assumi enquanto poeta", observa Paulo. "Eu acho que o poeta tem que viver a perigo. A estabilidade excessiva de repente torna você preguiçoso, intelectualmente e poeticamente (Folha de Londrina, 07/04/1984, Caderno 2 p.14).

Nessa entrevista, é possível ver o posicionamento do artista e intelectual que resiste e luta contra uma dinâmica devastadora da subjetividade individual, com o objetivo claro de reduzir o sujeito a uma peça importante na engrenagem do mundo capitalista, como mero objeto de produção e valor capital. Leminski foi fortemente seduzido pelos apelos do universo midiático, mas não se orgulhava de ser operário da indústria cultural. Segundo VAZ (2001), poucos anos antes dessa entrevista, o poeta já refletia sobre isso, no entanto, comemorava seu sucesso e a grande repercussão que suas músicas causaram no meio musical. [...] "depois que a banda Blindagem gravou um LP com sete músicas dele[...]" e teve mais:

> O disco foi gravado em São Paulo, pelo selo Continental, com Almir Sater na viola de apoio. Em seguida, Paulinho Boca de Cantor, Moraes Moreira e o conjunto A Cor do Som – formado por remanescentes dos Novos Baianos – fariam o mesmo. A Cor do Som daria nome ao disco gravado em 1981: *Mudança de estação* (VAZ, 2001, p. 233).

Leminski logo se tornou um dos letristas mais requisitados dos anos de 1980. Morava no Rio e trabalhava com o empresário Helinho Pimentel, mas veio a consagrar-se como compositor, após o grande sucesso de "Promessas demais", música feita em parceria com Moraes Moreira. Detalha Vaz (2001) esse momento intenso da vida do autor:

> A música "Promessas demais" seria escolhida como tema de abertura da novela Paraíso, da Rede Globo. Ele havia criado a letra no ônibus, durante uma viagem para o Rio. Ao mostrá-la para o parceiro durante o ensaio, Moraes resolveria – com a ajuda do guitarrista Zeca Barreto – a parte melódica. Agora, ele podia ouvir a música diariamente, a todo volume na

> voz de Ney Matogrosso [...] sobre a sensação de ouvir a própria canção tocando na televisão, ilustrada por um trabalho gráfico de Hans Donner, Leminski diria: - A coisa mais parecida é o orgasmo (VAZ, 2001, p. 233).

Depois vieram outros grandes sucessos e novas parcerias: “Verdura” (1981), que o tropicalista registrou no disco “Outras Palavras". A canção versa, entre o lirismo e o tom cínico, sobre a imposição sociocultural dos Estados Unidos no Brasil. Também compôs, no mesmo ano, Valeu (1981), com o “novo baiano” Paulinho Boca de Cantor. É uma obra que Leminski utiliza preceitos da cultura hippie e expõe a profunda ligação com a natureza para encarar a guerra e combater as atrocidades cometidas pelo homem. Ainda produziu “Luzes” uma marcante canção que combinava a erudição a uma postura irreverente e combativa. Fez muito sucesso na voz de Arnaldo Antunes em 2001, que com expressivo e voluptuoso arranjo a relançou no álbum “Paradeiro”. Foi praticamente uma homenagem, prova incontestável do poder inflamável das luzes de Paulo Leminski. Basta ouvir: “Acenda a lâmpada às seis horas da tarde / Acenda a luz dos lampiões / Inflame a chama dos salões / Fogos de línguas de dragões / Vagalumes / Numa nuvem de poeira de neon / Tudo claro / Tudo claro à noite, assim que é bom / A luz / Acesa na janela lá de casa / O fogo / O foco lá no beco e um farol / Essa noite / Essa noite vai ter sol / Essa noite/ Essa noite vai ter sol”.

Mas de acordo com Vaz (2001, p. 235), a consolidação com a vivência no mundo da música, veio quando Leminski conheceu Itamar Assumpção, “o nego Dito”, um legítimo representante do lado marginal da MPB. Em última parceria, em 1998, com Itamar, “Dor elegante” é lançada, outro belíssimo poema escrito por Paulo Leminski à beira da morte, dominado pela dor: "Um homem com uma dor é muito mais elegante/ caminha assim de lado/ como se chegasse atrasado/ andasse mais adiante". Como letrista e ensaísta Leminski se mostra como crítico da realidade, assim como frankfurtianos, sempre propondo tensionamentos que produzam um espaço de debate dialético, sem radicalização, com ênfase à autocrítica e ao esclarecimento, como propõe a teoria adorniana, buscando sempre um modo de superar a crise da razão. Sua proposta fundamental é estimular um comportamento crítico dialético e reflexivo, apresentando uma proposta, pela arte, de uma política de reorganização da sociedade, de modo a superar as constantes crises que a abatem. Assim, como destaca Zanolla:

> A *teoria adorniana* visa construir novos conhecimentos sem com isso descartar o velho. Dinâmica que abarca ruptura e continuidade, epopeia

> dialética, não linear. O pensamento conservador deve ser retomado para ser negado, postulado para ser revisto e atualizado sem ser, com isso, empobrecido ou deturpado na sua origem. Conteúdo, forma, técnica e criação, essência e aparência constituem o novo, como um todo contraditório de velhas ações e pensamentos que envolvem as elaborações humanas atualizadas (ZANOLLA, 2014 p. 323 – Grifos nossos).

É importante ressaltar que na função de ensaísta Leminski, em seus últimos dias de vida, atuou intensamente como colunista em jornais e periódicos de grande e pequena circulação. Foi ainda mais crítico, opondo-se à produção acelerada de notícias do grande jornalismo, já tomado pela dinâmica da indústria cultural. O poeta dedicava-se principalmente às "nanicas", "como eram denominadas as revistas alternativas que mantinham uma tiragem de exemplares reduzida" (KÜHN, 2018, p. 11). Todavia, não deixou de produzir ensaios para jornais importantes: "Dentre os diversos veículos para quem Leminski colaborou, como o jornal *Folha de São Paulo* e a revista *Veja*, entre os que possuem circulação nacional, e as revistas *Raposa Magazine* e *Código*, entre as 'nanicas'" (KÜHN, 2018, p. 11). Neste trabalho, contudo, destaca-se a atuação de Leminski como ensaísta no último veículo de comunicação que atuou, após longo período fora de Curitiba, sua cidade natal, dedicando-se às suas obras poéticas. Nos veículos em que atuou, principalmente, nos jornais, Leminski optou pelos ensaios, inclusive com um propósito idêntico ao de Adorno (2020):

> Essa predileção pelo ensaio como forma, aliás, constituiu uma marca de Adorno. Por essa via ele procurava escapar dos ditames de um pensamento enrijecido, coisificado, cuja aparente precisão de lógica discursiva nos envolve com um encantamento que acaba tolhendo nossa liberdade intelectual, restringindo o alcance da reflexão, em vez de ampliá-la (ADORNO *apud* MAAR, 2020, p.14),

Foi com a matéria intitulada "Entre nós" que a *Folha de Londrina* anunciou o retorno de Leminski como colunista do Caderno 2, no dia 07 de abril de 1989, com a publicação de seus últimos ensaios críticos todas as sextas-feiras. Em entrevista concedida ao colega Zeca Corrêa Leite, Paulo Leminski revelou seu verdadeiro intuito: fazer bom uso do seu direito de liberdade de expressão com seu "jornalismo personalizado":

> Nunca houve muitas reações contra os meus textos. “As mais espetaculosas reações vieram de entrevistas que eu dei”, explica Leminski. “Em entrevista, é claro, estou em primeira pessoa. Depois, pelo meu próprio esquema de vida, não tenho vinculação com partido, governo, empresas, nada. É a minha opinião, é a opinião de um indivíduo com tudo que isso tenha de mais frágil e de mais forte (Folha de Londrina, 07/04/1984, Caderno 2 p. 14).

Leminski se mostra otimista e “aposta na constante evolução do homem” (Folha de Londrina, Cad.2, p.14), e reafirma “da incompreensão de 13 anos atrás para os dias de hoje a diferença maior que poderá ser sentida é o melhor entendimento do leitor” (Folha de Londrina, Cad.2, p.14). Acreditamos ser esta a crença dos grandes escritores: a de que seus leitores só os compreenderão muito tempo depois, mas, que valeria o empenho, pois “independentemente do papel elementar que a narrativa desempenha no patrimônio da humanidade, são múltiplos os conceitos através dos quais seus frutos podem ser colhidos” (BENJAMIN, 2012, p. 214). Na verdade, talvez muito tempo depois de sua morte. Assim espera Leminski, acreditando no despertar de um leitor mais crítico, por meio de suas provocações e reflexões, assim como de muitos outros poetas, e da arte de um modo geral, como um bem inalienável da cultura.

Não podemos afirmar que Leminski não esperava algum reconhecimento por sua obra, apesar de reconhecer-se como um crítico muitas vezes incompreendido. Como afirma Adorno (2023), em relação ao trabalho literário do ensaísta, “em vez de alcançar algo cientificamente ou criar artisticamente alguma coisa, seus esforços ainda espelham a disponibilidade de que, como uma criança, não tem vergonha de se entusiasmar com o que os outros já fizeram” (ADORNO, 2003, p.16). Assim como em suas biografias seu empenho é claro em assumir as glórias e as dores daqueles que representa em seus trabalhos.

4 A RELAÇÃO FORMAÇÃO E SEMIFORMAÇÃO, EXPERIÊNCIA E MEMÓRIA PARA ALÉM DO PODER DA TÉCNICA NA OBRA DE PAULO LEMISKI

Segundo Maar (2020), no prefácio da obra *Educação e Emancipação, ‘’*a educação não é necessariamente um fator de emancipação”, pois vivemos em uma época em que a educação, a ciência e tecnologia se constituem como instrumentos de um deslumbramento geral, mas isso ocorre particularmente com a educação. Embora, contraditoriamente, não signifiquem garantias de um processo de humanização, segundo a melancólica constatação

de Adorno (2020, p. 11): “Na verdade significa exatamente o contrário: a necessidade da crítica permanente. Após *Auschwitz,* é preciso elaborar o passado e criticar o presente prejudicado, evitando que este perdure e assim, que aquele se repita”. As relações culturais e de trabalho, portanto, neste século dependem fundamentalmente da urgência que se produza uma educação verdadeiramente emancipadora, tecnologicamente avançada, acessível, mas principalmente humanizada, como pilares fundamentais. Objetivos primazes para alcançar os objetivos secularmente perseguidos de uma mudança radical nos cenários que envolvem as relações econômicas, culturais, sociais e políticas das sociedades democraticamente organizadas.

No entanto, alcançar tais objetivos constitui-se em um desafio que precisa ser vigorosamente assumido: a defesa de uma formação cultural e acadêmica, baseada em princípios que vislumbram prioritariamente, autonomia e liberdade como princípios. Porém, essa formação necessita de uma atenção especial no que diz respeito a uma educação, de fato humanizada, que deve privilegiar principalmente uma educação estética transformadora. Segundo Costa e Zanolla (2020), a educação estética permite conduzir a sociedade a um processo educativo que desenvolva a capacidade crítica e reflexiva do sujeito:

> A necessidade da estética, mais especificamente da experiência estética, para a formação humana, se torna evidente para Adorno (2008) quando se percebe como o homem tem se posicionado diante da natureza e de outros, no que se refere ao domínio de condições para sua subsistência ou ao domínio de condições para sua subsistência ou ao domínio social [...] A estética compreendida por essa via se configura como algo importante por dar condições ao indivíduo para refletir e criticar de forma consciente a obra e o contexto em que está inserida, sua essência (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, apud COSTA; ZANOLLA, 2020, p. 15).

Nesse sentido, chegar a uma condição emancipatória se tornou um desafio na sociedade urbano industrial, “em virtude dos avanços tecnológicos conquistados por ela no campo do conhecimento, isto é, no âmbito objetivo, em detrimento dos aspectos sensíveis e individuais, ou seja, subjetivos” (COSTA; ZANOLLA, 2020, p. 33). Portanto, compreender a importância da literatura em nosso tempo, como um direito humano fundamental é de fato democratizar o acesso a uma herança cultural riquíssima, segundo Candido (2004) necessariamente passa pelo exercício de conscientização e recusar a utopia de que somente pela via uma instrução acadêmica, ou apenas pelo saber e a técnico, alcançaríamos naturalmente à felicidade coletiva.

São necessárias condições objetivas para que, economicamente, as pessoas tenham acesso livre a essas obras, e experiências estéticas que possibilitem o avanço na sua capacidade sensível e crítica de apropriar-se de novos conhecimentos e de outras manifestações comunicativas e artísticas, significam uma possibilidade, via mediação de signos, inclusive, combater os idealismos reacionários do próprio conhecimento. Segundo Leminski (2012, p. 99), "é na crítica do mundo, pela linguagem, o que só se consegue ser sendo também crítica da linguagem, onde se depositam os valores da cultura, os mitos e ideologias vigentes". Vislumbrando assim um despertar contra a doutrina do conhecimento com reflexo, da compreensão da existência da alienação, da historicidade que a muitos nega o saber e ciência, pelas mãos da própria pedagogia, que se afasta da verdade na mediação dos signos entre a consciência e o mundo.

Seja literária, visual ou musical, a experiência estética não deveria ser limitada, im(possibilitada), em função das limitações econômicas, ou por imposições de uma educação e de uma cultura não autêntica, alinhada a uma racionalidade administrada, que desvaloriza qualquer possibilidade de emancipação plena do sujeito "numa socialização meramente reprodutora dos moldes do existente" (MAR, 1996, p.66), relegando o sujeito a um estado de *semiformação*[28] , e conformação.

Nesses termos, precisamos compreender como se dá o processo de formação e constituição do indivíduo no capitalismo, bem como os conceitos de **cultura**[29], de ***formação*** (*Bildung*)[30] e ***semiformação*** (*halbbildung*), de acordo com Theodor W. Adorno (1903-1969) que a partir do ensaio *Teoria da semiformação* (1959) produz uma análise crítica, que permanece atual, sobre formação face aos desafios da educação em um contexto de inúmeros avanços tecnológicos no mundo industrializado. Dialogamos também com as obras

---

[28] *Educação e Emancipação* - Semiformação (*Halbbildung*) é a determinação social da formação na sociedade contemporânea capitalista. Na perspectiva de Adorno, representa o travamento da experiência e deve-se à repressão do diferenciado em prol da uniformização da sociedade administrada, e à repressão do processo em prol do resultado, falsamente independente, isolado. (ADORNO, 2020, p. 26).

[29] *Temas básicos da sociologia*. Adorno e Horkheimer (1973) expõem uma perspectiva pouco alentadora sobre o conceito de cultura. Totalmente aderente a lógica do mercado, a cultura se converteu em uma razão instrumental. Nesta lógica a crítica é apenas adesão. É neste sentido que Adorno e Horkheimer (1973) reforçam que civilização e cultura não devem ser postas uma contra a outra, pois, na verdade, a atividade civilizatória, como produção e uso de recursos instrumentais, têm sido hoje intolerável a si própria.

[30] Segundo Adorno (1996), a formação (*Bildung*) é a apropriação subjetiva da cultura. Nessa apropriação cultural, o indivíduo valoriza seus gostos e sentimentos, relacionando-os ao mundo real. A partir dos valores aprendidos na coletividade, esse sujeito vai elaborar seus próprios valores, apropriando-se subjetivamente da cultura da sociedade em que vive. "O espírito esclarecido substitui a roda e o fogo pelo estigma que imprimiu em toda irracionalidade" Adorno e Horkheimer (1985, p. 37).

Dialética do esclarecimento (1985) e *Educação* e *Emancipação* (2020) do mesmo autor, bem como com os contemporâneos Duarte (2003) e Maar (2003), na perspectiva de compreender quais relações e forças antagônicas contribuem para a (im)possibilidade de uma real democratização dos saberes e conhecimentos, que possibilitarão uma formação ampla, emancipadora, transformadora e crítica da sociedade. Pois, "todos sabemos, que mesmo diante de todos os avanços tecnológicos, nossa época é profundamente bárbara", como destaca Candido (2004, p. 170), embora trate-se de um tipo de barbárie vinculada ao máximo do que compreendemos como civilização.

A cultura capitalista neoliberal vigente prioriza uma sociedade composta por indivíduos acríticos, apáticos e alienados como garantia de manutenção de um projeto hegemônico de poder, no qual a educação se constitui um fetiche, isto é, mera mercadoria. Segundo Maar (1999), a experiência formativa vigente é resultante do processo de encantamento decorrente da totalização do fetichismo da mercadoria, só reitera a necessidade de uma forte atuação da educação, portanto:

> A educação é necessária porque se perdeu a aptidão à experiência da sociedade contemporânea em sua situação de encantamento total. Esta "experiência" ausente é suprida por uma "experiência substitutiva"(Ersatz Erfahrung), pela qual se experimenta a sociedade contemporânea nos termos da indústria cultural e da semiformação como totalização do deslumbramento (MAAR, 1996, p 64).

Logo, para Adorno (2010), a semiformação a partir da transformação dos bens culturais em bens de consumo institui uma deformação cultural que impossibilita a formação integral dos indivíduos. Desse modo, nesse universo capitalista, a arte também não escapa ao status de fetiche, Leminski afirma:

> Uma única lei suprema rege esse universo: tudo é válido, se puder se transformar em mercadoria, vale dizer, em lucro. Vale dizer, em mais valia. Essa transformação da obra de arte em mercadoria faz de cada artista burguês um cúmplice e beneficiário da ordem capitalista como um todo [...] ao se deixar transformar em mercadoria, a obra de arte burguesa referenda e coonesta, concretamente, o mudo mercadoria (LEMINSKI, 2012, p. 53).

No entanto, é possível encontrar uma via para reversão das condições impostas à sociedade industrial urbana, no sentido de que o indivíduo reaja e resista, mas Adorno (2010)

afirma que “a única possibilidade de sobrevivência que resta à cultura é a autorreflexão crítica sobre a semiformação, em que necessariamente se converteu” (ADORNO, 2010, p. 39). Portanto, há uma saída para uma cultura, e parte-se do princípio que compreende que educação é emancipação, que prioriza autonomia. Logo, afirma Adorno (2020, p. 133), é na “educação infantil, sobretudo na primeira infância; e, além disso, o esclarecimento geral que produz um clima intelectual, cultural e social” profícuo e saudável.

Nesse sentido, a escola deve ser um espaço social de ampliação de acesso à arte, à literatura, e a outras formas de expressões culturais de resistência e formação humana. No entanto, historicamente, esse espaço tem sido desviado de sua função social e dominado por poderes que usam e abusam de sua estrutura, e que por vezes o utilizam coercitivamente como instrumento de doutrinação e dominação a serviço do capitalismo, respondendo ou sendo massacrado à mercê de sucessivas crises.

4.1 Conhecimento é Linguagem e Forma é Poder

Segundo Adorno “o ensaio reflete o que é amado e odiado com o que os outros já fizeram” (ADORNO, 2003, p.16). Nesse sentido, em seus últimos trabalhos, como ressalta o crítico literário Manoel Ricardo de Lima (2008), na contracapa de *Vida* (2013): “A opção visceral de Leminski seria justificada quando publica, nos anos 1980, quatro biografias como forma de “pedir providências" e apontar como a vida poderia/deveria se manifestar através de uma radicalização política da arte como experiência”. Logo, com a mesma força visceral, a partir de seus últimos oito ensaios publicados na Folha, Leminski trata de assuntos que vão dos caminhos cômodos que o rock nacional toma em relação à mercantilização da arte no final da década de 1980, envolvido pelo caráter sórdido da publicidade em mobilizar os desejos das pessoas, às críticas ao consumismo.

Como destaca Melhado (2017), os dois primeiros ensaios do livro *A Hora da Lâmina* (2017) que abrem a série dos oito últimos textos escritos por Leminski, chegam com uma potente carga de humor e crítica ao *rock and roll*. Em *Como era boa nossa banda* e *Subvresive Rock*, a intenção é de denunciar uma espécie de falência do *rock* e de sua potência contestadora:

> Ele diagnosticava um arrefecimento do que o gênero tinha de perigoso, indômito e nocivo aos valores hegemônicos. Em várias ocasiões, Leminski

> já tinha sublinhado o caráter meio esquizóide do rock ao mesmo tempo expressão rebelde & cultura de massa, fúria iconoclasta & produto de consumo. Agora, nesses textos da Folha, com ironia e estilo, Leminski parecia apontar para o desfecho dessa ambivalência. Ou seja, a cooptação total do rock pelo status quo, o fato de os roqueiros terem se transformado em cânones fabricados e inofensivos, e de suas músicas terem se tornado, naquele momento, entretenimento banal para preencher o espaço entre um comercial e outro (MELHADO, 2017, p.11).

Em outras palavras, o *rock* se transformou em mais um atrativo movido pela indústria cultural e perdeu sua identidade como arte libertária, independente e questionadora. Leminski publica críticas sobre como o rock aderiu sem muita resistência às dinâmicas da indústria cultural. Outras vezes, dirige a crítica à publicidade, e até mesmo como uma forma de exercício de autocrítica. Como destaca Melhado (2017), embora tenha trabalhado anos no ramo publicitário, Leminski parece se livrar de mais um peso morto, livrando-se do que não fazia mais sentido para ele:

> Sua poesia, aliás, havia sido bastante influenciada pelas premissas desse ofício. Mas naquele momento Leminski se desembaraçar desse passado expondo o caráter sórdido da publicidade – sua capacidade de mobilizar desejos infantis, formando subjetividades instrumentalizadas para o lucro alheio. A bronca dele era com o efeito da publicidade no nível do indivíduo (MELHADO, 2017, p. 11).

É com a expressão "como tirar um doce de uma criança" que ressalta o poder e o assédio que a publicidade exerce sobre os sujeitos. "No texto, ele aponta para a urgência de nos mantermos atentos, desconfiando sempre das subjetivações infantilizantes que nos assediam de variadas formas" (MELHADO, 2017, p. 11). É o caso, por exemplo, de alguns poemas, com uma certa influência psicanalítica, que nos convidam a refletir sobre autoconhecimento que venha a nos permitir o redescobrir, o existir e o re-existir diante do propósito fundamental dessa alienação que forja uma subjetividade coletiva, que não é percebida como uma dominação do indivíduo, reunidos em *Toda Poesia* (2013):

> em mim
> eu vejo o outro
> e outro

e outro
enfim dezenas
trens passando
vagões cheios de gente
centenas
o outro
que há em mim
é você
você
e você
assim como
eu estou em você
eu estou nele
em nós
e só quando
estamos em nós
estamos em paz
mesmo que estejamos a sós

…
que eu seja erva raio
no coração de meus amigos
árvore força
na beira do riacho
pedra na fonte
estrela
na borda
do abismo
moinho de versos
movido a vento
em noites de boemia
vai vir o dia
quando tudo que eu diga
seja poesia
dia
dai-me
a sabedoria de caetano
nunca ler jornais
a loucura de glauber
ter sempre uma cabeça cortada a mais
a fúria de décio
nunca fazer versinhos normais
…
eu queria tanto
ser um poeta maldito
a massa sofrendo
enquanto eu profundo medito
eu queria tanto
ser um poeta social
rosto queimado
pelo hálito das multidões
em vez
olha eu aqui
pondo sal

nesta sopa rala
que mal vai dar para dois

Leminski vislumbra uma possibilidade de que a poesia em nosso tempo seja cada vez mais valorizada e para além de informar, ensine a pensar. “O meu humanismo informacional se recusa a aceitar o emburrecimento” (Folha de Londrina, Cad.2, p.14). Por isso, segue resignado publicando seus ensaios, com uma boa dose de irreverência que provoca o pensar. Portanto, critica o modo de produção capitalista predatório e as relações abusivas de poder. Assim, adota uma forma livre, porém, sem perder o rigor estético, ou se deixar influenciar por tradições impostas pelo meio, no caso, a linguagem jornalística padronizada. De acordo com Adorno (2003), é impossível prever se de fato a pretensão do escritor será alcançada em plenitude:

> Compreender, então, passa a ser apenas o processo de destrinchar a obra em busca daquilo que o autor teria desejado dizer em dado momento, ou pelo menos reconhecer os impulsos psicológicos individuais que estão indicados no fenômeno. Mas como é impossível determinar o que alguém pode ter pensado ou sentido aqui e ali, nada de essencial se ganharia com tais considerações (ADORNO, 2003, p.17).

Segundo Adorno (2003, p. 18), a linguagem, o conteúdo e a forma são determinantes no processo comunicativo, nesse sentido no ensaio “quem interpreta, em vez de simplesmente registrar e classificar, é estigmatizado como alguém que desorienta a inteligência para um devaneio impotente e implica onde não há nada para explicar” (ADORNO, 2003, p.17). Portanto, os critérios dos procedimentos a serem adotados precisam seguir padrões de compatibilidade que favoreçam sua interpretação e deem vazão ao conjunto de elementos do objeto. Esses critérios e outros importantes conceitos são abordados por Adorno em *Notas de Literatura* (2003). No entanto, nos interessa especialmente a questão da forma e conteúdo.

Leminski sempre apostou no poder da poesia e do ensaio como potentes e ricos antídotos contra os abusos do sistema e do capital. Após anos fora de sua cidade natal, retorna à Curitiba, e volta a escrever, como colunista, para diversos jornais, apostando em sua prosa poética, com características muito próximas à de Guimarães Rosa, um dos muitos autores brasileiros que Leminski estudou com afinco desde a juventude. Segundo Vaz (2001, p. 61), o poeta também não teve muita dificuldade em decifrar grandes obras da literatura universal,

como a Ilíada, de Homero. Conta Vaz (2010) que, Leminski já com 15 anos de idade e de volta à Curitiba após a sua passagem pelo Colégio São Bento, trouxe consigo ricos conhecimentos "[...] em contato direto com as obras de Homero, Virgílio, Dante, a poesia clássica, enfim, ele iria adquirir uma metodologia de trabalho que lhe proporciona importantes conquistas no futuro". O conhecimento acumulado confere um poder extraordinário de criação erudita a Paulo Leminski, no entanto, ele não pode ser encarado como único meio de formação do poeta que domina uma técnica precisa, sem, contudo, se preocupar com métodos literários específicos.

De acordo com conceitos formulados por Adorno e Horkheimer na obra *Dialética do esclarecimento* (1995), podemos dizer que "poder e conhecimento são sinônimos", (LIMA, 2008, p. 77). Segundo os autores, este poder adquirido pelo homem, através de técnicas que julga dominar a natureza não deixa mais espaço para dúvidas ou pontos obscuros, o homem dominador da natureza a conhece completamente, por ter se tornado esclarecido. "Dominação e trabalho separam-se", segundo Adorno e Horkheimer (1985):

> Um proprietário como Ulisses dirige a distância um pessoal numeroso, meticulosamente organizado, composto de servidores e pastores, de ovelhas e de porcos. Ao anoitecer, depois de ver seu palácio com a terra iluminada por mil fogueiras, pode, entregar-se sossegado ao sono: ele sabe que seus bravos servidores vigiam para afastar os animais selvagens e expulsar os ladrões dos coutos que estão encarregados de guardar. [...] a dominação na esfera do conceito, eleva-se fundamentadamente na dominação do real (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 27).

Nesse sentido, essas relações de poder, estabelecidas a partir do esclarecimento e conhecimentos fundantes da ciência, a partir do processo de evolução do pensamento humano no decorrer da história que, segundo Lima (2008), elevou o homem da fase mítica até a racionalidade técnica. Portanto, esse esclarecimento é uma forma de relação entre o homem e a natureza, mas historicamente, também uma forma de poder entre proprietários, dos meios de produção e seus servos.

Porém em contraposição, a arte segundo Leminski, mais precisamente sua literatura, também é uma arma poderosa em mãos certas, mas "os riscos aumentam extraordinariamente quando você compra um livro de poesia" (LEMINSKI, 2012. 134). De acordo com Adorno, trata-se de conhecimentos, diríamos poderes, irreconciliáveis. "Com a nítida separação da ciência e da poesia, a divisão de trabalho já efetuada com sua ajuda

estende-se à linguagem" (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 27). Enfim, em face desse processo de objetivação do mundo, e da progressiva desmitologização, em que ciência e arte se separam "é impossível restabelecer como um golpe de mágica uma consciência para a qual intuição e conceito, imagem e signo, constituíam uma unidade" (ADORNO, 2003, p.20). Ocorre uma cisão, tal qual o método cartesiano, criticado por Leminski (LEMINSKI 2017, p. 43) reforçou, impondo dicotomias inaceitáveis que separa dois universos que deveriam coexistir em harmonia. A divisão Corpo e Mente, por exemplo, serve claramente ao propósito da divisão do trabalho, com seu projeto de racionalização da força trabalhista e da fragmentação dos processos mentais:

Portanto, a filosofia e a arte, segundo Adorno, ainda reclamam a dignidade da totalidade e do absoluto. "E isso, às vezes levou a filosofia a atribuir-lhe prioridade em face do conhecimento conceitual. Segundo Schelling, a arte entra em ação quando o saber desampara os homens. Para ele, arte é o modelo da ciência, é onde está a arte que a ciência ainda deve chegar" (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 29). Portanto, segundo Lima (2008), mantemos a constante tensão, contraditoriamente proporcionada pelo esclarecimento e pela linguagem, o de equiparação entre poder e conhecimento, pelo fato de que o conhecimento não tem mais consciência de si próprio ao se tornar mero instrumento na luta pela dominação da natureza.

Como sabemos, Leminski com sua prosa poética, em seus últimos dias de vida, mantém-se muito ativo e trabalhando em vários jornais produzindo seus 'textos-ninja'. Destaca Melhado (2017): "nos textos ninja Leminski vai desenhar um vetor positivo. E sua ideia de subjetivação, a forma que ele sugere para que os indivíduos criem a si próprios como sujeitos é um tanto inesperada" (MELHADO, 2017, p. 13). Uma característica desses textos é a forma que desvela o poder dos argumentos, além dos fetiches da indústria cultural, conforme revela o documentário *Forma é Poder*[31]. O documentário conta com depoimentos de vários amigos e escritores, que buscam enfatizar uma das preocupações de Paulo Leminski: a busca de uma poética jornalística autônoma

Nesse sentido, a linguagem é sua arma, forma de resistência atuante preparada para disparar reflexões poéticas e filosóficas sobre nosso existir e resistir na humanidade. Para

[31] "Forma é poder" é um projeto experimental na modalidade audiovisual como Trabalho de Conclusão de Curso da graduação em Comunicação Social com ênfase em Jornalismo da Unipar (Universidade Paranaense), Campus Cascavel. Foi gravado e editado em 2009. Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=FHNFTPKKYms&t=269s. Acesso em 09 de nov. 2022.

isso, Leminski aposta na experiência, na liberdade e na criatividade como uma série de ensaios poéticos kamikazes. E como destaca Benjamin (2012) em seu ensaio *Experiência e pobreza,* esse posicionamento parece mesmo ser kamikaze, em um momento em que é quase impossível acreditar que os homens aspirem novas experiências. "Ficamos pobres. Abandonamos uma depois da outra todas as peças do patrimônio humano, tivemos que empenhá-las muitas vezes a um centésimo do seu valor para recebermos em troca a moeda miúda do ´atual´" (BENJAMIN, 2012, p.119). Eis o último desafio de Paulo Leminski, produzir um jornalismo não convencional, intenso e poético. O objetivo parece atender às urgentes necessidades de sua velha máquina de escrever, segundo o poema sem título, de *Toda Poesia* (2013):

A máquina
engole página
cospe poema
engole página
cospe propaganda

MAIÚSCULAS
minúsculas

a máquina
engole carbono
cospe cópia
cospe cópia
engole poeta
MAIÚSCULAS
minúsculas
cospe prosa

Neste documentário, a partir das declarações do próprio Leminski, também é possível estabelecer algumas aproximações com conceitos de *Ensaio como forma* presentes na obra *Notas de Literatura* publicada em 1973, em que Theodor W Adorno, que vê no ensaio o potencial para despertar no leitor, pelo poder da linguagem, sutis e criativas configurações de comunicação e caminhos para reflexão. Mas é no ensaio *Palestra sobre lírica e sociedade* (ADORNO, 2003) que extraímos indícios de que a obra de Leminski, com sua prosa poética, revela a universalidade da condição humana e dos desenvolvimentos sociais a ela vinculados, pois "só entende aquilo que o poema diz quem escuta, em sua solidão, a voz da humanidade" (ADORNO, 2003, p.67). No entanto, é importante considerar as implicações da literatura como arte em sua totalidade, e em sua função universal de não ser realizada

objetivamente para alguém. “Conceitos sociais não devem ser trazidos de fora às composições líricas, mas sim devem surgir da rigorosa intuição delas mesmas” (ADORNO, 2003, p.67). No entanto, é exatamente o não social do poema, que acaba abrindo-se para inúmeras percepções e possibilidades de transformação social. A literatura de Leminski é revolucionária por romper padrões, revelar contradições, ou seja, indo além. Segundo Colosio & Paradiso (2016):

> É nesse sentido que a literatura também se configura em elemento humanizador, quando através de poemas, romances, peças de teatro, contos e etecetera, ultrapassa o status de mero entretenimento, reagindo às questões essenciais de nosso viver, ocasionando intensas reflexões sobre a vida e suas contradições, sobre nós mesmos e sobre o outro (COLOSIO & PARADISO, 2016. p.03).

Mas é interessante fazer um aparte nesse momento, destacando como o próprio Adorno compõe seus ensaios, além de como Leminski também faz uso da linguagem musical em seus textos, tal qual Adorno, cuja obra literária e domínio de uma linguagem filosófica precisam também caracterizar uma formação erudita ampla. Tudo indica que a leitura de clássicos, uma formação musical e uma educação humanista, remetem à percepção de que seus ensaios estabelecem um diálogo permanente entre música, filosofia, história e arte como um todo harmônico.

No livro *Notas de Literatura* (2003), nos interessa especialmente a questão de como Adorno dá ênfase a uma crítica importante sobre forma e conteúdo, com vistas a analisar como o próprio Leminski elabora seu trabalho e o faz poeticamente. Mas, identificamos a presença de conceitos destacados por Adorno (2003) na apresentação das ideias filosóficas que Paulo Leminski utilizou para alcançar seus objetivos. Ele rompe com tradições comunicativas e técnicas fundamentais, leva em consideração o contexto de seu público, adota linguagem despretensiosa, mas em perfeito equilíbrio consegue manter o rigor estético, sem cair nas malhas do academicismo[32].

[32] Academicismo é um termo que, na arte, se refere à pintura, escultura ou construção criadas segundo normas de uma academia que conferem caráter oficial aos princípios estilísticos de um determinado período. Embora a historiografia literária brasileira pareça ter rejeitado esse fato, o movimento academicista a que nos referimos foi também o responsável pela consolidação de uma práxis literária singular: ajudou a fortalecer determinadas tendências artísticas que, a certa altura, tornaram-se vigentes no cenário nacional. Determinadas atitudes estéticas passaram a ser compulsoriamente rejeitadas, enquanto outras eram acatadas pela oficialidade literária sem reservas; autores eram proscritos do rol dos eleitos, na medida em que outros eram agregados mesmo com uma visível deficiência criativa; os livros dos participantes da agremiação eram aceitos e divulgados como

A forma ensaística é pensada por Adorno (2003) como o estilo ou a maneira de fazer poesia, filosofia que, de uma maneira geral, não só exime o texto de cair na malha prejudicial das tradições acadêmica e científica, que também rompe com a ditadura do pensamento cartesiano. "O ensaio não apenas negligencia a certeza indubitável, mas também renuncia ao ideal dessa certeza. Torna-se verdadeiro pela marcha de seu pensamento, que o leva para além de si mesmo, e não pela obsessão em buscar seus fundamentos como se fossem tesouros enterrados" (ADORNO, 2003, p.30). Segundo o documentário, Leminski afirma que Cruz e Sousa, um dos nossos maiores poetas negros do século passado, já dizia:

> Em práticas de texto, a ênfase no "conteúdo" está ligada a uma noção de "naturalidade" na expressão, a forma "natural" é a que revela o conteúdo de maneira mais imediata. Preocupações com a "forma" obscurecem o "conteúdo". Essa "naturalidade", porém, só é possível através de um automatismo. Só quem obedece a um automatismo pode ser natural. Isso que se chama "naturalidade" é uma convenção, natural é o artifício naturalizado, uma forma no poder. A despreocupação com a forma, só é possível no academicismo (LEMINSKI, 2012, p. 100).

É interessante perceber, que em seus últimos trabalhos, a autonomia que busca Leminski, diz um pouco da forma livre de academicismos que adota, o afastando definitivamente daquela produzida pelo escritor no começo da carreira, que desenvolveu um texto filosófico hermético, complexo e difícil de ser lido, a prosa "considerada revolucionária do *Catatau"* (Vaz, 2001. p. 114). Essa autonomia, porém, não deixava totalmente de lado a precisão e rigor textuais inerentes àqueles poetas que compreendem o valor e os sentidos das várias linguagens artísticas e formas de expressão literária. "Ensaios ruins não são menos conformistas que dissertações ruins" (ADORNO, 2003, p.20). Leminski pensava o pensamento, pois era rigoroso em uma autocrítica que nos remete ao giro copernicano, isto é, sua escrita constantemente se transforma:

> "Estilo" também não existe. Não existe isso que se chama "escrever bem". Existe é pensar bem. Escrever é pensar. Quem pensa mal, escreve mal. Não há habilidade retórica que consiga disfarçar um pensamento fraco ou medíocre. Tem gente que domina bem os recursos de estilo, manipula vasto

---

verdadeiras obras-primas, enquanto a produção artística daqueles que não faziam parte do círculo acadêmico acabavam dependendo, muitas vezes, da complacência dos editores e do público leitor. (SILVA, 2007, p. 70)

> vocabulário, constrói bem suas frases e sabe dar às palavras o justo peso. Mas tem pensamento fraco, ralo ou sem cor (LEMINSKI, 2012, p. 107).

Na verdade, essa característica de Leminski era fundamental na arte de escrever e de fazer um jornalismo cultural, na medida em que ele *pensava* esse jornalismo, de uma forma mais natural possível de compartilhar seu pensamento:

> Naturalismo, academicismo. O apogeu do naturalismo (Europa na segunda metade do século XIX) coincidiu com a explosão do jornalismo. O discurso jorno-naturalista é o trunfo da razão branca e burguesa: o discurso naturalista é a projeção do jornalismo na literatura. O discurso jornalístico é discurso automatizado, sua automatização decorreu de razões práticas de caráter de NEGÓCIO que o jornalismo teve desde seu início: A necessidade contábil de rapidez de redação num veículo/mercadoria de edição diária, necessidade de anonimato, sendo o jornal (a empresa) uma entidade impessoal e abstrata (LEMINSKI, 2012, p. 101).

Leminski investe nesse modelo de construção comunicativa, que enriquece, desde uma simples notícia a uma crônica, visando alcançar um patamar elevado e arrojado, sempre mantendo o compromisso com a verdade e com a qualidade. Mas critica a forma instrumentalizada de literatura como "mera transmissão de conteúdos através de formas convencionais (o conto, o verso, a tela) tem papel quantitativo, mobralizante, distributivo. Desenvolve hábitos de consumo de textos estéticos, divulga um certo saber, inicia" (LEMINSKI, 2012 p. 97). Pensamento conectado ao de Adorno e Horkheimer (1985) que denunciam as contradições que envolvem o conhecimento, "quando o mito é convertido em esclarecimento" (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 24). Esse procedimento afetou as estruturas de nossa sociedade, e consequentemente isso ecoa na escola, diz Lima (2008, p. 79) que:

> Podemos notar que nos tempos atuais a ciência atingiu o mesmo estado de sagrado que antes tinha o mito: para que o homem se encontre no campo da verdade e construa o verdadeiro conhecimento ele deve seguir as normas já ditadas pelo método científico, que é quase como que os mandamentos e preceitos religiosos que os homens têm o dever de seguir. Outrora, enquanto exigência de nada aceitar sem verificação e comprovação, ela significava liberdade, emancipação da tutela de dogmas heterônimos (LIMA, 2008, p. 79).

Leminski ressalta que, esse procedimento leva a acreditar que erroneamente, a literatura não pode ser compreendida como produtora do conhecimento. “Quem não entende o caráter produtor da consciência, nunca compreenderá a arte de vanguarda. Ou sei lá que nome hoje ela tenha” (LEMINSKI, 2012. p. 99). Certamente, Leminski pretende em seus textos recuperar a possibilidade da aproximação do jornalismo a uma experiência artística e estética mais intensa. De acordo com suas palavras:

> Eu não sei se todos os povos amam seus cientistas, mas todos os povos amam os seus poetas. No Brasil, vamos pegar aí Vinicius de Moraes; Chico Buarque de Holanda; Caetano Veloso; Milton Nascimento, são pessoas amadas por milhões. É porque os povos precisam disso. Os poetas dizem umas coisas, que as pessoas precisam que sejam ditas. O poeta não é um ser de luxo, ele não é uma excrescência ornamental da sociedade. Ele é uma necessidade orgânica de uma sociedade. A sociedade precisa daquilo, daquela loucura para respirar. Através da loucura dos poetas, através da ruptura que eles representam que a cidade respira (Documentário: *Forma é poder*).

É necessário ponderar que Leminski pretende despertar com essa experiência mais intensa, a possibilidade de restauração da autonomia estética indiretamente concebida como um esforço de modernização literária, como a face cultural de um esforço continental pelas modernizações nacionais que, até os anos de 1970, mobilizou esquerda e direita. Mas ele não propõe, digamos uma drástica ruptura, ou o “cancelamento” das ciências e seus métodos, pois historicamente, conforme destaca Adorno (2003):

> O ensaio não segue as regras do jogo da ciência e da teoria organizadas, segundo as quais, como diz a formulação de Spinoza, a ordem das coisas seria o mesmo que a ordem das ideias. Como a ordem dos conceitos, uma ordem sem lacunas, não equivale ao que existe, o ensaio não almeja uma construção fechada, dedutiva ou indutiva (ADORNO, 2003, p.25).

Mas até por esse caráter aberto, a prosa poética além de seu potencial artístico, seguramente se apresenta também como um elemento psicológico de sublimação[33]

[33] Mecanismo de defesa acionado pelo Ego para enfrentar situações de angústia vividas como um perigo à integridade ou ao equilíbrio do sujeito. Na sublimação, há o desvio da pulsão sexual ou agressiva - que ofereça possibilidade de um reconhecimento e de uma valorização em nível social (MALDONADO. 2014 390)

articulado à cultura e a memória. Freud dá indicações que a arte, especificamente a poesia, é um recurso paliativo, com uma carga poderosa, livre, libertadora e fantasiosa:

> A vida, tal como nos coube, é muito difícil para nós, traz demasiadas dores, decepções, tarefas insolúveis. Para suportá-la, não podemos dispensar paliativos. ("Sem *construções auxiliares* não é possível" disse Theodor Fontane). Existem três desses recursos, talvez: *poderosas diversões*, que nos permitem fazer pouco de nossa miséria, *gratificações substitutivas*, que a diminuem, e *substâncias inebriantes*, que nos tornam sensíveis a ela (FREUD, 2011a, p.18, grifos nossos).

A poesia, nesse contexto, está inserida no espaço das gratificações substitutivas, isto é, como elemento constitutivo da existência de todos os seres humanos, inclusive do próprio Freud, "se Freud sempre singrou mares em busca de um estatuto científico para a psicanálise, há de se convir que nunca tenha deixado de embebedar-se no porto seguro de suas fontes primárias, a arte" (MORAIS, 2006, p. 47). Mas, em última instância, Leminski (2012, p. 98) disse que a poesia nos estimula a sonhar, ou seja, a fazer aquilo que achávamos não ser capazes: agir. É lei de um direito, que nos proporciona recursos que nos estimula a ir além, para onde o olhar do censor não consegue enxergar o permitido, o conveniente e o vedado.

4.1 A relação formação e semiformação, experiência e memória

Leminski (2012, p. 154) em seu ensaio *Duas ditaduras*, já alertava que o ensino privilegiado pelos tecnocratas que viram na cultura um risco para subversão e um excesso de liberdade de pensamentos e expressão, trataram logo de nos anos de 1970, instituírem "um ensino tecnocraticamente orientado, desarmado criticamente. Isso para atender as necessidades do nosso capitalismo de segunda mão, estúpido e não criativo". Leminski afirma a esse respeito que a sua geração foi profundamente afetada por uma ditadura militar e consecutivamente uma ditadura econômica, que trouxe consequências políticas e sociais, no entanto, nomeia de acidentes de percurso da maior gravidade, muito em função do tipo de educação vigente naquele período. Segundo Adorno (2010), essa dinâmica, cujas "massas" são semiformadas sistematicamente para confirmar a reprodução continuada do sistema organizado pela indústria cultural, será discutida mais detalhadamente no ensaio *Teoria da Semiformação*.

Inclusive, Adorno (2010) alerta para a simples justaposição de conhecimentos do que vem a ser formação, se restringida a uma abordagem centrada apenas nos conteúdos e métodos de ensino. “Os perigos dessa dinâmica vocês já sabem” disse Leminski (2012), na mística imigrante do trabalho que casa perfeitamente com a visão do mercador, coisas de altíssimo *valor* para a sociedade seriam descartadas. “Uma coisa sem preço é um não ser. O que está fora do mercado não existe, propriamente falando” (LEMINSKI, 2012, p.114). Essa afirmação nos leva a pensar sobre o tudo e o todo padronizado, mercantilizado. Inclusive o (livre) pensamento, as ideias, que levam à intrigante contradição sobre a velha máxima de que *educação não tem preço.* Mas para o capitalismo, educação é só mais um mero produto/mercadoria. Nesse sentido, se pensassem seriamente a questão da formação da nação, como destaca Adorno (2010), a escolha e organização dos conteúdos, não deveria ser a única preocupação da pedagogia, pois esta envolve complexo sistema de produção e socialização de saberes e da cultura, e estes estão vinculados a outras dimensões formativas:

> Os sintomas de colapso da formação cultural que se fazem observar por toda parte, mesmo no estrato das pessoas cultas, não se esgotam com as insuficiências do sistema e dos métodos da educação, sob a crítica de sucessivas gerações. Reformas pedagógicas isoladas, indispensáveis, não trazem contribuições substanciais. Poderiam até, em certas ocasiões, reforçar a crise, porque abrandam as necessárias exigências a serem feitas aos que devem ser educados e porque revelam uma inocente despreocupação frente ao poder que a realidade extra pedagógica exerce sobre eles (ADORNO, 2010, p.8)

Portanto, entendemos que, sem considerar as questões sociológicas, filosóficas e psicológicas que envolvem o trabalho pedagógico, a educação formal permaneceria desviada de sua função social. Uma boa formação intelectual, nas sociedades modernas avançadas, de acordo com Costa & Zanolla (2020. p. 67) valoriza e investe em uma educação sob o prisma da autorreflexão crítica, como parte fundamental do processo de desbarbarização da sociedade. Assim, conforme ressalta o prefácio da obra *Formação humana: múltiplas perspectivas*:

> Se, por um lado, a formação vista pelo prisma positivo do processo propicia a autonomia e a capacidade emancipatória do sujeito, por outro lado, há nela também o risco da doutrinação, da manipulação, identificadas nos mecanismos de controle presentes na sociedade [...], ressalta-se a necessidade de uma verdadeira formação, aquela voltada para o resgate dos

> valores que se contrapõe a uma vertente que exalta um modelo tradicional, autoritário e limitador, que, por sua vez, não deixa de acreditar que seu propósito é verdadeiro (FURTADO apud MOREIRA, 2021, 01)

Já reformas pedagógicas isoladas, por sua vez, somente agravam ou colaboram apenas para a perpetuação do modelo tecnicista de ensino vigente, por exemplo, se adaptando e respondendo às sucessivas crises. Mas, segundo a teoria de Adorno:

> Permanecem insuficientes as reflexões e investigações isoladas sobre os fatores sociais que interferem positiva ou negativamente na formação cultural, as considerações sobre sua atualidade e sobre os inúmeros aspectos de suas relações com a sociedade, pois para elas a própria categoria formação já está definida a priori (ADORNO, 2010, p.8).

Nesse sentido, a formação cultural agora se converte em uma semiformação socializada, na onipresença do espírito alienado, que, segundo sua gênese e seu sentido, não antecede à formação cultural, mas a sucede. (ADORNO, 2010, p. 9). Para Adorno (2010), tudo fica aprisionado nas malhas da socialização, no entanto, Freud (2011a) esclarece que cabe compreender de que civilização, aqui bem entendida como cultura, se distingue da vivida no momento histórico dos nossos antepassados, de forma a compreender que, em estado natural, não teríamos chegado aonde chegamos. Dessa forma, pode-se concluir que a cultura evolui, assim como a formação cultural, ainda que os sistemas repressivos, por ela produzidos, sejam vistos como um mal necessário. O que Adorno interpreta como processo de extrema reificação:

> A sociedade inteiramente adaptada é o que na história do espírito demonstra esse conceito: mera história natural *darwinista*, que premia a *survival of the fittest*. Quando o campo de forças a que chamamos formação se congela em categorias fixas - sejam elas do espírito ou da natureza, de transcendência ou de acomodação -, cada uma delas, isolada, se coloca em contradição com seu sentido, fortalece a ideologia e promove uma formação regressiva (ADORNO, 2010, p. 11).

Freud conceitua: "civilização designa a inteira soma das realizações e instituições que afastam a nossa vida daquela de nossos antepassados animais, e que serve para dois fins: a proteção do homem contra a natureza e a regulação dos vínculos dos homens entre si" (FREUD, 2011a, p. 34). Por conseguinte, são culturais todas as formas de criação de valores, regras morais ou religiosas, e leis que visam proteger a sociedade da violência por ela mesma

produzida. Leis que conduzem a uma pacificação das formas de exploração do homem pelo homem, na produção de bens capitais e morais que possam ser usufruídos por todos os cidadãos. Contraditoriamente, Freud (2011a) afirma que nisso reside o princípio do mais elevado grau de civilização. Adorno (2010), por sua vez, defende:

> Sem dúvida, na ideia de formação cultural necessariamente se postula a situação de uma humanidade sem *status* e sem exploração. Quando se denigre na prática dos fins particulares e se rebaixa diante dos que se honram com um trabalho socialmente útil, trai-se a si mesma. Não inocenta por sua ingenuidade, e se faz ideologia. Se na ideia de formação ressoam momentos de finalidade, esses deveriam, em consequência, tornar os indivíduos aptos a se afirmarem como racionais numa sociedade racional, como livres numa sociedade livre (ADORNO, 2010, p. 13).

Criticamente Leminski se opõe a esse modus operandi da industrialização e dessa mística, já que, segundo o poeta, "os grandes criadores foram sempre grandes brincalhões, em todas as áreas. Brincalhões quer dizer gente capaz de superar a mera utilidade imediata (a mística imigrante do trabalho não tolera coisas IN-ÚTEIS)" (LEMINSKI, 2012, p. 115). Além disso, lembra que a liberdade é contraditória com essa dinâmica civilizatória, que não prevê atos livres. No modelo liberal, portanto, "reconhecemos o alto nível cultural de um país quando vemos que nele se cultiva e adequadamente se providencia tudo o que o serve para a exploração da Terra pelo homem e para tudo o que lhe é proveitoso" (FREUD, 2011a, p. 37). Concluindo a conceituação freudiana sobre o homem civilizado, do mais simples ao que se compreende como culto, deveria se preocupar em humanizar suas atividades culturais de autopreservação, incluindo ações que envolvam o contato com a natureza, com a arte, com a literatura e com toda beleza estética subjetiva, das mais elevadas atividades e potencialidades presentes no universo material e imaterial da sociedade moderna.

No entanto, para a teoria da semiformação, "a ideia de cultura não pode ser sagrada — o que a reforçaria como semiformação —, pois a formação nada mais é que a cultura tomada pelo lado de sua apropriação subjetiva" (ADORNO, 2010, p. 10). A cultura, portanto, tem um duplo caráter: remete à sociedade e intermedia esta e a semiformação. Segundo Duarte (2003), outra importantíssima reflexão a ser abordada é a de que há instaurada uma crise cultural, que revela os riscos que envolvem a mistificação do esclarecimento como consequência da racionalidade administrada, vinculada a uma superioridade objetiva do princípio da dominação, que somente reforça os aspectos da semiformação:

> O ponto de partida de "Teoria da semiformação" é exatamente a constatação de que há, de fato, uma crise nos mecanismos de formação (*Bildung*) que, por sua vez, é indício de uma crise mais ampla da própria cultura. Para a abordagem dessa crise, no entanto, um dos pressupostos é que a própria ideia de cultura não deveria ser "santificada" não se poderia perder de vista que um grau relativamente elevado de formação cultural não impediu a ascensão de regimes totalitários (DUARTE, 2003, p. 442).

Ele propõe uma reflexão sobre as discussões de Adorno e Horkheimer propostas na *Dialética do esclarecimento* (1947) que nos permite compreender que "diante das condições reais da vida, não seria prudente deixar-se iludir quanto à possibilidade de que apenas o âmbito da cultura e da arte garantiria uma sociedade racional, pois, como já se mencionou, elas não são essencialmente incompatíveis com a barbárie" (DUARTE, 2003, p. 443). Compreender o conhecimento e o esclarecimento como instrumentos de dominação revela apenas que:

> O mito converte-se em esclarecimento, e a natureza em mera objetividade. O preço que os homens pagam pelo aumento de seu poder é a alienação daquilo sobre o que exercem poder. O esclarecimento comporta-se com as coisas como o ditador se comporta com os homens. E este conhece-o na medida em que pode manipulá-los. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 21).

A divisão do trabalho, em que culmina ao processo da dominação, e que segundo Leminski, apenas serve à autoconservação do todo dominante, acaba por impor um tipo de opressão que elimina qualquer lembrança do que tinham do livre-arbítrio. "É uma força desagregadora, destribalizante, atomizante. Não há lugar para o corpo na grande fábrica, a não ser como a unidade de trabalho, nunca como lugar de prazer e satisfação sensorial" (LEMINSKI,2017, p.42). Voltamos à questão da dominação e da manipulação, principalmente da memória do indivíduo, em uma sociedade massificada por último, por entender que permanece como a mais uma importante discussão no século XXI.

Inclusive, atualmente, na cultura, os próprios adultos idealizam a cultura e aceitam a desinformação encobrindo e falseando a barbárie no cotidiano. Precisamos ampliar uma discussão que nos permite pensar criticamente o tipo de educação e formação proposta atualmente que promove um apagamento proposital da memória e da história, e que de forma alguma privilegia a emancipação e a autorreflexão. E segundo Chaves (2020):

> Podemos dizer que existe uma relação dialética entre experiência, memória e narração, pois a três instâncias estabelecem um elo indissociável em que é impossível ordenar ou sequenciar de forma evolutiva suas constituições e manifestações. Nesse sentido, a experiência é a base para a existência da memória e da narração, pois o que se compartilha ou se rememora não é de ordem etérea, ou seja, dependa da experiência em si e de outros na vida. (CHAVES, 2020, p.94)

Desse modo a Leminski recorre à dimensão dialética das experiências individuais e coletivas, despertando memórias dolorosas, pois pretende provocar no leitor um certo estranhamento ou até reconhecimento uma realidade ainda presente, cujo recalque e o silenciamento proposital inviabiliza o debate e insiste em vez ou outra incomodar. Nesse caso, a memória é objeto da escrita de autor em diversos ensaios, pois permite a rememoração da experiência daqueles e daquelas que construíram a história da nossa cultura, sem ofuscar o poder de suas próprias tradições. No entanto, como alerta Chaves (2020):

> O conceito de tradição em Walter Benjamim é dialético. Inclui tanto a tradição que é base para a memória do passado, fundamental para a experiência, como a tradição que aparece como predomínio de uma história que se repete e que oculta as contradições, perpetuando a dominação. "Em cada época, é preciso arrancar a tradição ao conformismo, que quer apoderar-se dela" (Benjamim, 1994a, p. 224). É fundamental revelar os retrocessos e a barbárie que caminham com o progresso, romper com o desenvolvimento desumano (CHAVES, 2020, p.95).

Continuamos reproduzindo uma espécie dominação pelo poder da técnica, e de um processo de regressão infantilizada do indivíduo, até mesmo naqueles considerados cultos. Nesse sentido, nos referimos à tese de Le Bom que se mantém "corroborada num grau surpreendente mesmo sob as condições da moderna civilização técnica, na qual seria lícito poder contar com massas humanas já esclarecidas" (HORKHEIMER E ADORNO, 1973, p. 81). Portanto, o individual cede ao coletivo das massas à medida que perde sua autonomia e a capacidade de refletir e resistir: "o indivíduo retornaria, pois, a um estado anterior do desenvolvimento, assemelhando-se ao ser primitivo e à criança. Para a massa, a liberdade não seria essencial, mas, outrossim, a submissão; no fundo, portanto, não seria revolucionária, mas reacionária" (Horkheimer e Adorno, 1973, p. 80). Como disse Leminski (2017, p. 45), na sociedade urbano industrial estamos condenados a um novo tipo de razão, onde prevalece a norma do consumo, do lucro e da utilidade.

Infelizmente constatamos que, ainda hoje, a educação como produto e mercadoria, produzida no âmbito da indústria cultural, é baseada na busca de conhecimento técnico e instrumental, se fortalece como semiformação e caminha no sentido oposto à pensada por Adorno (2010) como desejável:

> A formação devia ser aquela que dissesse respeito — de uma maneira pura como seu próprio espírito — ao indivíduo livre e radicado em sua própria consciência, ainda que não tivesse deixado de atuar na sociedade e sublimasse seus impulsos. A formação era tida como condição implícita a uma sociedade autônoma: quanto mais lúcido o singular, mais lúcido o todo (ADORNO, 2010, p. 13).

Em sua última entrevista, Paulo Leminski reafirmou a sua ideia de que conhecimento também é produzido a partir da experiência vivida, portanto, da memória e do sofrimento enfrentado e das batalhas vencidas, que são aprendizados necessários. Mas nada de novo poderá ser apreendido se os olhos não procurarem antecipar as novas dificuldades a serem encaradas. A vida cotidiana, como diz Leminski, torna todos os seres "Esplendidamente preparados para ganhar a guerra que passou" (Folha de Londrina, Cad. 2, p. 20). No entanto, a disposição para enfrentar os desafios do futuro depende do perigo atual: "os seres humanos parecem dirigir um automóvel, perigosamente olhando para trás, e paradoxalmente não perceberem que o perigo na verdade está à frente"(Folha de Londrina, Cad. 2, p. 20). E a disposição para tal perigo, foi construída na base de uma educação não emancipadora, de uma forma equivocada de pensar o tecnicismo e o utilitarismo, molas propulsoras da civilização moderna. Mas o fato mais preocupante que observamos, neste cenário, é que a educação (atualmente praticada), também não dará conta de evitar "que *Auschwitz* não se repita" (ADORNO, 1995b, p.104), visto que hoje é uma constante a trajetória ascendente de demonstrações de "esclarecidos", ou melhor, de pessoas tecnicamente despreparadas e (racionalmente) dedicadas a prover ataques antidemocráticos e seguirem em busca do *retorno do fascismo e do totalitarismo*. Assim, destaca:

> A massa é um produto social – não uma constante natural [...] predispõe cada um, também para a fragilidade subjetiva, para a capitulação da massa dos seguidores. A identificação seja com o coletivo ou com a figura superpoderosa do Chefe, oferece ao indivíduo um substituto psicológico para o que, na realidade, lhe falta (Horkheimer e Adorno, 2003, p. 87).

Uma sociedade semiformada constitui terreno fértil e perigo real, para que a desinformação consubstancia a manutenção de um estado de esquecimento e alienação permanente, e (re)produza oficialmente e propositadamente uma tendência a manter o máximo de cidadãos desprovidos de seus direitos. Inclusive do direito universal de acesso aos bens culturais, além da possibilidade dos momentos singulares de ócio e prazer. Mas, como disse Leminski, é na arte pedestre da prática da vida, que contraditoriamente "essa mesma razão dissociativa é que pode nos aproximar, por momentos iluminados, da unidade perdida em algum ponto-anos-luz no espaço/tempo" (LEMINSKI, 2017, 45). Se algo for feito imediatamente, podemos ter uma chance de retorno ao paraíso perdido:

> Nós buscamos essa unidade na prática do lúdico e do erótico, na arte, no esporte, no amor e no sexo. Ao brincar e jogar, estamos salvos, livres. Para o zen (*e o poeta é praticante de artes marciais e do Zen*) é na própria vida cotidiana que está o segredo. É preciso resgatar a grandeza infinita dos gestos simples e "elementares". Cuidar da vida. Curtir a minúcia. Lavar a própria roupa. A louça. Arrumar a casa. Fazer sua comida. Tomar banho como quem realiza um ato sacro. Recuperar o prazer da prática dos atos primários. Dá trabalho. Mas, para brilhar, as estrelas têm que arder, até o glorioso fim (LEMINSKI, 2017, 45).

Como ressalta Adorno (2020), somente via uma educação emancipadora, conquistaremos condições subjetivas e objetiva de liberdade, se desejamos produzir uma sociedade cidadã, como efetivos atores de processos políticos, "o que cada indivíduo poderia fazer é esclarecer-se sobre o que o leva a converter-se em massa, para opor uma resistência consciente à propensão para ´seguir à deriva´ num comportamento de massa" (HORKHEIMER E ADORNO, 1973, p. 87). E reforçando o alerta, Adorno (2020), no texto Educação após Auschwitz, aponta que o potencial de resistência que opera em sentido oposto à pressão do geral sobre o particular, tem como questão primeira a ideia de que é na "educação infantil, sobretudo na primeira infância; e, além disso, o esclarecimento geral, que produz um clima intelectual, cultural e social que não permita que *Auschwitz* se repita" (Adorno, 2020, p. 133), e tudo mais que nos torne mais conscientes. Portanto, é necessário investir na formação de pessoas autônomas, que atinjam de fato a maioridade Kantiana.

Isto posto, "o único poder efetivo contra o princípio de *Auschwitz* seria autonomia, para usar a expressão kantiana, o poder para a reflexão, a autodeterminação, a não participação" (ADORNO, 2020, p. 135). Logo, precisamos reforçar uma educação que esteja em primeiro lugar nos planos da humanidade para o futuro, e *priorize* a emancipação. Pois,

apesar de tudo indicar ao contrário: “A ‘massa’ tem, para Freud, uma conotação positiva. Ele descreveu-a como ´a transição do egoísmo para o altruísmo´; a linguagem e os costumes seriam seus produtos, e só por intermédio destes são possíveis as criações do espírito” (HORKHEIMER; ADORNO, 1973, p.85). Nesse sentido, a possibilidade de evitar o retorno ao estado de barbárie permanece na própria cultura, e resistem na esperança de que sempre haverá algo novo a ser apresentado, resgatado, iluminado e dominado no ser; na natureza externa, e na natureza interna, em função do aperfeiçoamento da existência humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante todo o percurso deste trabalho, a pergunta angustiante que nos veio à mente foi de como colaborar para a criação de um clima favorável a uma real mudança, principalmente em termos educacionais, em um trabalho pedagógico encarado como um caminho para a arte de ensinar. Sim, porque ensinar também requer maestria, paciência, empenho, criatividade, coragem e ousadia. Por isso, me recordo das palavras de Chauí (2017) na ocasião da Cerimônia de Outorga de seu Título de Professora Emérita da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da USP em 14 de dezembro de 2017. A professora Marilena Chauí recomenda que haja na tensão professor-aluno, uma relação que alude à filosofia, em que caberia incentivar o aluno, não a copiar seu mestre, pois o professor deve despertar no educando o desejo de fazer junto. O que também me remete ao sentimento de que, nossos filósofos, historiadores, escritores, contadores de histórias e poetas, também são da mesma forma, nossos grandes mestres.

E sem dúvida, a produção literária de Leminski colabora para a construção e fortalecimento de um modelo de formação crítica, reflexiva e emancipatória, como um produto cultural de resistência que vislumbra a educação como ação permanente. A obra de Leminski, no que contempla as biografias escritas, por exemplo, está inserida naquele movimento dialético que segundo Adorno (2009), deve combater a positivação do pensamento e resgatar os elementos da contradição crítica imanente.

Desde o princípio dessa jornada, intentamos apresentar, a ideia de que em meio a contradições e negações destas condições históricas, a nossa breve análise de algumas obras de Paulo Leminski, nos permitiram vislumbrar inúmeras possibilidades de promover um debate sobre nosso futuro, diante dos avanços tecnológicos do século XXI, através de sua poética ética, crítica e inovadora.

E já no primeiro capítulo permitiu-nos adentrar em uma discussão sobre como pensou e a realizou um trabalho criativo da escrita, convertendo-a em resistência. Assim como também compreender a tensão permanente entre indivíduo, sociedade e educação, bem como as repetições históricas às quais estamos sujeitos, como um dos pontos de partida para importes reflexões sobre o rumo da educação a o que propomos.

Também desenvolvemos o conceito de literatura e arte, e de como sua força e potência se contrapõem à dinâmica da racionalidade administrada. Pois, mesmo que tenhamos avançado nos estudos sobre os conceitos de cultura e semiformação, através de textos fundamentais, como os publicados pelos teóricos frankfurtianos abordados, percebemos que pouco evoluímos no sentido de desenvolver uma educação de fato emancipatória. Mesmo em face de um contexto de inúmeros avanços tecnológicos no mundo industrializado.

Acreditamos que à biografia de Paulo Leminski, suas influências, concepções, produções musicais e literárias, além das relações que envolvem sua vida e seu trabalho poético, ajudaram a compreender as concepções que adotou na construção de suas obras. O que também nos permitiu uma análise contextualizada de alguns trechos dos ensaios poéticos do autor.

Destacamos características que evidenciaram as categorias formação, memória e experiência como norteadores que comprovam o potencial formativo da literatura do autor. Ressaltando que, de fato seus ensaios e anseios não se identificam com literaturas outras que promovem meras reproduções ou entretenimento das massas, e muito menos coaduna com a semiformação. E a beleza de sua arte, está justamente no seu compromisso ético e político de recusar-se a se tornar mercadoria, utilidade, em qualquer circunstância.

Como destacamos também neste trabalho, os ensaios poéticos de Paulo Leminski são pensados, forjados e comprometidos com elementos que estimulam uma reflexão sobre a ressignificação do fazer humano e do próprio fazer poético. É, reconhecidamente, um trabalho formativo potente de resistência contra à barbárie. Sendo nesse sentido, aliados à arte, à ciência, à história, à filosofia e a outros elementos que forjam uma educação crítica humanista, com foco na real emancipação.

Esse percurso motiva-nos a reafirma que, a leitura de poesia ainda é um ato democrático de resistência. E também um antidoto ao excesso da razão é que mortifica a alma, ou o que resta da sensibilidade do ser humano. Leminski reviva-nos uma dose otimista de esperança. Nos permite recobrar a coragem e a força para reforçar a luta e o engajamento

como incorrigíveis defensores de uma formação cultural plena. E dialeticamente permite pensar sobre uma razão que mata, mas produz produtos culturais que também podem curar e restaurar a humanidade por meio das artes, da poesia, da música e dos sonhos.

Resta agora ir à luta, seja pela a possibilidade de ampliar o acesso a um saber e a uma cultura, a todos, mas a partir de fontes originais, ou seja, por evitar processos de pseudoformação por intermédio de especulações ou simples entretenimento, visto que, suas obras e seu trabalhos literários soma-se a outros que permitem acesso a um saber crítico, lúdico e rico, que rompe com a tradições literárias, inclusive com a ideia de que a poesia deve falar somente de sentimentos. Afinal a 'massa' como disse Freud (2011b, p 33), tem uma conotação positiva, que é a possibilidade da ´a transição do egoísmo para o altruísmo´; a linguagem e os costumes seriam seus produtos, e só por intermédio destes são possíveis as criações do espírito. Pode até parecer contraditório, mas conforme o autor:

> No tocante à realização intelectual, continua verdadeiro que as grandes decisões do trabalho do pensamento, as descobertas e soluções de enorme consequência, são possíveis apenas para o indivíduo que trabalha na solidão. Mas também a alma coletiva é capaz de geniais criações do espírito, como a própria língua demonstra, acima de tudo, e também com o canto popular, o folclore etc. (FREUD, 2011b, 33).

E seguindo para a conclusão, Adorno afirma que "[...] é possível que inúmeros trabalhadores, pequenos empregados e outros grupos, graças à sua consciência de classe ainda viva, embora debilitada, não caiam nas malhas da semiformação [...]" (ADORNO, 2010, p. 18). Isso nos permite voltar a ter a confiança de que é pela resistência, isto é, pela mobilização legítima em defesa de uma formação autônoma, consciente e livre, que ainda seja possível acreditar que é pela educação, cultura e arte que a civilização tenha uma chance de recuperar sua humanidade. No entanto, o debate desse tema não se encerra neste trabalho.

O racismo, fascismo, negacionismo e a exploração desumana do capitalismo, bem como o domínio dos meios de comunicação e mídias, ainda permanecem em foco. Desse modo, segundo os autores Frankfurtianos, enquanto avança a barbárie sobre a civilização, resistir é a única alternativa para vislumbrar uma possível solução que está na educação e nas mãos das futuras gerações. "Educação é o ponto em que nós decidimos se amamos o mundo o suficiente para assumir responsabilidade por ele e ao mesmo tempo salvá-lo daquela ruína que, exceto pela chegada de novos jovens, seria inevitável" (ARENDT, 2003. p. 247). Logo, incansavelmente levaremos adiante a missão de provocar reflexões

necessárias à conscientização coletiva e produção de *leitores do mundo*, de cidadãos autônomos e capacitados para o exercício de uma cidadania plena.

Assim, é na contramão de um sistema político arbitrário, neoliberal e desumanizante, que promove cotidianamente a barbárie, a polarização e o domínio, quando não, o sistemático desmantelamento de uma de nossas instituições democráticas, sobretudo o sistema educacional brasileiro, é que se faz urgente e necessário o exercício de refletir para não repetir sucessivos erros cometidos no passado. Desse modo, parafraseando Adorno (2020), no texto inicial do livro *Educação e Emancipação* (2020), somos convidados a nos questionar se a civilização elaborou de forma séria as questões suscitadas principalmente nos textos de Adorno (2020), e se de fato caminhamos para uma consciência de percepção de o porquê retornamos frequentemente aos textos dos demais autores Frankfurtianos, além de repetidos estudos, análises, debates e diálogos históricos. Não podemos deixar de refletir acerca desse passado, e de como inclusive o enfraquecimento da democracia no Brasil, inocentemente (ou equivocadamente) repita o erro alemão. Pois como alerta Adorno:

> A democracia não se estabeleceu a ponto de constar da experiência das pessoas como se fosse um assunto próprio delas, de modo que elas compreendessem a si mesmas como sendo sujeitos de um sistema entre outros, como se num cardápio escolhêssemos entre comunismo, democracia, fascismo ou monarquia; ela não é apreendida como identificando-se ao próprio povo, como expressão de sua emancipação. Ela é avaliada conforme o sucesso ou o insucesso, de que participam também os interesses individuais, mas não como sendo a unidade entre os interesses individuais e o interesse geral; e, de fato, a delegação parlamentar da vontade popular torna essa muitas vezes uma questão difícil nos modernos Estados de massa (ADORNO, 2020, p. 37).

A tarefa de casa da humanidade para este século, é buscar uma formação efetiva para aqueles que ainda não compreenderam o conceito de cidadania, que ainda não estão maduros para a democracia. Pois não haverá democracia real, segundo Candido (2004, p. 188) "enquanto nas sociedades que procuram estabelecer regimes igualitários, o pressuposto de todos deve ser a possibilidade de passarem dos níveis populares, para os níveis eruditos." Garantindo-lhes a aquisição cada vez maior e melhor de conhecimentos e experiências. Portanto, cabe agir rápido e atuar para promover uma educação pautada no desenvolvimento integral do sujeito histórico, defendida por toda sociedade civil em torno do objetivo de sua efetivação como direito básico e fundamental.

Somente juntos construiremos um país democrático de fato, onde a cidadania seja uma realidade possível, assim como a felicidade. É nessa via que resiste nossa convicção de que é pelo trabalho árduo, estudos, pesquisas, diálogos e lutas que também avançamos significativamente. Seja no sentido de criar, promover ou fortalecer mecanismos de proteção, subjetivos e objetivos, contra os perigos e ilusões que nos roubam desde a nossa saúde psíquica, até as oportunidades materiais de usufruir de uma plena formação.

Esperamos, portanto, ter chegado a contento ao objetivo proposto, lançando um olhar crítico sobre a literatura de Paulo Leminski, reconhecendo e ressaltando o seu potencial formativo e cultural, como aportes de mediação para uma nova forma de subjetividade individual e coletiva. Sendo possível perceber nas linhas e entrelinhas dos textos, a crítica voraz à cultura como contraditória, ao se fazer de concreta estrutura civilizatória. Portanto, é preciso resgatar a literatura, por sua vez, como arte no ofício de comunicar, esclarecer, educar, e reconduzir o sujeito para uma via de restauração de sentidos e sentimentos essenciais à sobrevivência do projeto de humanização que se propõe à ciência, à filosofia e à arte na atualidade.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T.W.; HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Trad. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ADORNO, T. W. *Dialética negativa*. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

ADORNO, T. W. Educação *e emancipação*. Ed. 1. Trad. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

ADORNO, T. W. Educação após Auschwitz. In: *Palavras e Sinais*. Trad. Petrópolis: Vozes, 1995b, p. 104.

ADORNO, T. W. Tempo livre. In: *Palavras e Sinais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995a.

ADORNO, T. W. *Teoria Estética*. Lisboa, Portugal: Edições 70. LDA, 2011.

ADORNO, T. W. Crítica cultural e sociedade. En: Prismas. Trad.: Augustin Wernet e Jorge Mattos Brito de Almeida.Trad. São Paulo: Ática, 1998. p. 7-26.

ADORNO, T. W. "Ensaio como forma". In: *Notas de literatura I*. Tradução de Jorge de Almeida. São Paulo: Editora 34, 2003, p.15

ADORNO, T. W. "Palestra sobre lírica e sociedade". In: *Notas de Literatura I.* Trad. Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003, p. 65.

ADORNO, T. W. A arte é alegre? In: RAMOS-DE-OLIVEIRA, Newton; ZUIN, Antônio Álvaro Soares; PUCCI, Bruno. (Orgs.). *Teoria crítica e estética*. Campinas: Unimep, 2001. p. 11-18.

ADORNO, T. W. Teoria da semiformação. In: PUCCI, B.; ZUIN, A. A. S.; LASTÓRIA, L. A. C. N. (Orgs.). *Teoria crítica e inconformismo: novas perspectivas de pesquisa*. Campinas, SP: Autores Associados, 2010. p. 7-40. (Coleção: Educação Contemporânea)

ARENDT, Hannah. Entre o passado e o futuro. Trad. São Paulo: Perspectiva, 2003.

BENJAMIN, W. Walter Benjamin. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 8 ed. Trad. São Paulo: Brasiliense, 2012 (Obras escolhidas, volume 1).

CANDIDO, Antônio O direito à literatura. In: Vários escritos. 4ª ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 2004, p. 169-191.

CHAUI, Marilena. (2017, dezembro 14). Cerimônia de outorga do título de professora emérita. Cerimônia de Outorga do Título de Professora Emérita, em São Paulo. Disponível em https://youtu.be/Yx9VM5mXbYs

COLOSIO, Luana Alves; PARADISO, Silvio Ruiz. Literatura e formação humana VIII Mostra Interna de Trabalhos de Iniciação Científica I Mostra Interna de Trabalhos de Iniciação Tecnológica e Inovação, p. 1-5, 2016.

COSTA, Caio Túlio. Ética, jornalismo e nova mídia: uma moral provisória. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2009

COSTA, Cristiano Aparecido; ZANOLLA, Silvia Rosa da Silva. *Arte, técnica e educação: pesquisas e análises críticas* / Orgs. Cristiano Aparecido da Costa e Silvia Rosa da Silva Zanolla. - 1. ed. - Goiás: MC&G Editorial: UFG, 2020.

DUARTE, R. Esquematismo e semiformação. Educação e Sociedade: revista de Ciência da Educação. Centro de Estudos de Educação e Sociedade. v. 24, n. 83, 2003. p. 441-457.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Penguin Classics/Companhia das Letras, 2011a.

FREUD, Sigmund. *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos* (1920-1923). Tradução e notas Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011b.

HOBSBAWM, Eric. A era dos impérios: 1875-1914. Editora Paz e Terra, 1988.

HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. *Temas básicos da sociologia*. São Paulo: Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1973.

JAY, Martin, 1944. *A imaginação dialética; história da Escola de Frankfurt e do Instituto de Pesquisas Sociais, 1923-1950* / Martim Jay; tradução Vera Ribeiro; revisão da tradução Cézar Benjamim. – Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

JORGE, Luís Antônio et al. Homenagem ao professor Décio Pignatari. PosFAUUSP, v. 19, n. 32, p. 270-272, 2012.

KEHL, Maria Rita. *O tempo e o cão: a atualidade das depressões*. São Paulo: Boitempo, 2015.

KUGNHARSKI, Gabriel Petrechen. O papel hermenêutico do conceito de totalidade em Theodor W. Adorno. Cadernos de filosofia alemã: *Crítica e modernidade*, v. 24, n. 1, p. 67-81, 2019.

KÜHN, Ana Érica Reis da Silva. *Anseios de um pensar crítico: tensões entre ensaio e poesia em Paulo Leminski.* 2018. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.

LEMINSKI, Paulo. *A hora da lâmina: últimos textos-ninja de Paulo Leminski*. Edição: Felipe Melhado. Ilustração: João Ruas Londrina: Grafatório, 2017.

LEMINSKI, Paulo. *Ensaios e anseios crípticos*. 2a ed. Ampliada. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2012.

LEMINSKI, Paulo. *Toda poesia.* São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

LEMINSKI, Paulo. *Vida*: Cruz e Sousa, Bashô, Jesus e Trotsky 4 Biografias - 1ª edição - São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

LIMA, Emerson Filipini. A concepção da educação de Theodor W. Adorno. 3º Encontro de Pesquisa na Graduação em Filosofia da Unesp. Vol. 1, nº 1, 2008.

MAAR, W. L. *A atualidade da escola de Frankfurt. Educação e experiência em Adorno*. PAIVA, Vanilda (org.). Revista Contemporaneidade e Educação. Ano I, n. 0 - 1996 - Rio de Janeiro.

MAAR, W. L. Adorno, semiformação e educação. *Educação e Sociedade*: revista de Ciência da Educação. Centro de Estudos Educação e Sociedade. v. 24, n. 83. São Paulo: Campinas, 2003. p. 459-475.

MALDONATO, Mauro. *Dicionário das ciências da mente*: psicologia, psiquiatria, psicanálise, neurociências. Tradução de Roberta Barni e Maria Lúcia Cumo. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2014. 448 p.

MARX, Karl. "Trabalho Estranhado e Propriedade Privada", *Manuscritos Econômico-filosóficos.* São Paulo: Boitempo, 2004.

MORAIS, Marília Brandão Lemos**.** Poesia, psicanálise e ato criativo: uma travessia poética. **Estudos de Psicanálise**, Rio de Janeiro, n. 29, 2006, p. 45-56.

MOREIRA, Jairo Barbosa. *Formação humana:* múltiplas perspectivas. Jairo Barbosa Moreira (organizador), - 1.ed. - Curitiba: Appris, 2021.

PEREIRA, Carlos Alberto Messender. *O que é Contracultura*. São Paulo: Brasiliense, 1984. 2a edição.

POLACO, A Cidade, a Propaganda e o. Produção de André Konell. UFPR, 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=gwAPs7vTw5w .> Acesso em 05 de nov 2022.

PODER, Forma é: A poética jornalística de Paulo. Produção de Anderson Antikievicz Costa; Jeferson Richetti; Julliane Brita. UNIPAR - Campus Cascavel, 2009. Paraná. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=FHNFTPKKYms&t=269s>. Acesso em 05 de ago. 2022.

RABAÇA, Carlos Alberto; Barbosa, Gustavo Guimarães. *Dicionário de Comunicação*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2001

SILVA, Maurício. A Academia Brasileira de Letras e a institucionalização do academicismo no Brasil do final do século XIX. *O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira*, v. 14, p. 69-84, 2007.

SOUSA, GETÚLIO CAVALCANTE. *Herança da contracultura*: a comunidade hippie de Arembepe, Camaçari-Bahia (1970-2012). 2013

TONON, Elisa Helena *et al. Vida, coisa pra ser dita: envio, metamorfose e (auto) biografia em Paulo Leminski*. 2014. Tese (Doutorado em Literatura) Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Desterro, 2014.

ZANOLLA, Silvia Rosa Silva. Educação e barbárie: aspectos culturais da violência na perspectiva da teoria crítica da sociedade. *Sociedade e cultura*, v. 13, n. 1, p. 117-123, 2010.

ZANOLLA, Silvia Rosa Silva. Educação e psicanálise em Adorno-a (re) versão apologética da cultura. *Revista Inter Ação,* v. 39, n. 2, p. 311-327, 2014.

ZANOLLA, Silvia Rosa da Silva; PEREIRA, Márcia Ferreira Torres; PINTO, Rômulo Fabriciano Gonzaga. Racionalidade institucional e dominação à luz de Weber, Freud e Adorno: adesão acrítica ou emancipatória. *Psicologia USP*, v. 29, p. 336-344, 2018.